UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Roberta Fernandes Pacheco

A CONSTRUÇÃO/NEGOCIAÇÃO DE PAPÉIS E POSIÇÕES EM UMA ATIVIDADE HÍBRIDA DE *ENTREVISTA-DEBATE*

Juiz de Fora
2013

Roberta Fernandes Pacheco

A CONSTRUÇÃO/NEGOCIAÇÃO DE PAPÉIS E POSIÇÕES EM UMA ATIVIDADE HÍBRIDA DE *ENTREVISTA-DEBATE*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profª Dra. Sonia Bittencourt Silveira

Juiz de Fora

2013

Dedico esta tese a meus pais, pelo eterno apoio,
ao meu noivo, pelo companheirismo,
e a minha orientadora, pela dedicação.

RESUMO

Esta tese tem o objetivo de examinar como as atribuições e reivindicações de papéis e posições são negociadas interacionalmente pelos participantes de uma *entrevista-debate* e como essa negociação constrói esse formato híbrido de atividade. A partir de uma perspectiva Interacional em Linguística (COUPER-KULEN e SELTING, 2001), a tese é ancorada nos estudos teóricos sobre papel (SARANGI, 2010, 2011a, 2011b; WEIZMAN, 1996, 2006, 2008) e posicionamento (LANGENHOVE e HARRÉ, 1999; WEIZMAN, 2008), além das conceptualizações que circundam o tipo de atividade (SARANGI, 2000; EMMERTSEN, 2007). O estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada em um estudo de caso, utilizando as contribuições da Análise da Conversa (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974) como ferramenta de análise. O corpus é composto por três edições do programa *Roda Viva*, que se caracteriza como um programa de entrevistas, em que diversos temas são abordados e discutidos pelos participantes que compõem a mesa em cada uma de suas edições. Os resultados de análise evidenciam que há uma relação de interdependência interacional entre esses três construtos – papel, posição e atividade – na construção da atividade e na negociação de papéis e posições.

Palavras-chave: Papel. Posicionamento. Atividade Híbrida. Interação.

ABSTRACT

This thesis aims to examine how roles and positions assignment and claims are interactionallly negotiated by participants of a debate interview and how this negotiation constructs this hybrid activity. From an interactional perspective in Linguistic (COUPER-KULEN and SELTING, 2001), this study is anchored in theoretical studies about role (SARANGI, 2010, 2011a, 2011b; WEIZMAN, 1996, 2006, 2008) and positioning (LANGENHOVE and HARRÉ, 1999; WEIZMAN, 2008), beyond the conceptualizations that surround the type of activity (SARANGI, 2000; EMMERTSEN, 2007). This research adopts a qualitative and interpretive approach, based on a case study, using the contributions of Conversation Analysis (SACKS, SCHEGLOFF and JEFFERSON, 1974) as an analysis tool. The corpus consists of three editions of Roda Viva TV show that is characterized as an interviews show, in which various themes are raised and discussed by the participants that form the table in each of its editions. The analysis results show that there is a relationship of interactional interdependence between these three constructs – role, position and activity – in activity construction and in roles and positions negotiation.

Keywords: Role. Positioning. Hybrid Activity. Interaction.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO 6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 10
2.1. Papel 10
2.1.1. Conjunto de Papéis *versus* Múltiplos Papéis 19
2.1.2. A interface Papel e Posicionamento 22
2.2. O tipo de atividade 25
2.2.1. O Hibridismo Interacional 27
2.2.2. As *Entrevistas de Notícias* 31
3. ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA 38
3.1. Contribuições da Análise da Conversa 38
3.2. Unidades de análise 41
3.3. Natureza da pesquisa 42
3.4. O contexto da pesquisa: o programa *Roda Viva* 42
3.4.1 Entrevista com Paulo Renato Souza 45
3.4.2. Entrevista com José Gomes Temporão 46
3.4.3. Entrevista com José Dirceu 47
4. ANÁLISE 48
4.1. A atividade: entrevista-debate 48
4.1.1. O par pergunta-resposta: a sequencialidade 49
4.1.2. O formato da pergunta 61
4.1.3. Turno sem perguntas: o ponto de vista dos entrevistadores 66
4.1.4. Os tópicos controversos 71
4.2. A dinamicidade dos papéis e posições 74
4.2.1. O papel social do entrevistado 75
4.2.2. O papel de atividade e sua relação com o papel discursivo 88
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DE ANÁLISE 98
5.1. Quadros sinópticos: entrevista Paulo Renato Souza 102
5.2. Quadros sinópticos: entrevista José Gomes Temporão 105
5.3. Quadros sinópticos: entrevista José Dirceu 107
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 112
REFERÊNCIAS 116
ANEXOS 121

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é examinar como as atribuições e reivindicações de papéis e posições são negociadas interacionalmente pelos participantes de uma *entrevista-debate* e como essa negociação constrói esse formato híbrido de atividade. Utilizo como corpus três edições do programa *Roda Viva*, que se apresenta como um programa de entrevistas, em que diversos temas são abordados e discutidos pelos participantes que compõem a mesa em cada uma de suas edições.

O programa televisivo lida com a exposição pública na mídia, em que as ideias veiculadas podem alcançar uma ampla divulgação, sendo capazes de formar opinião em um processo avaliativo, realizado pela audiência. Esta exposição restringe o que é dito nos programas, delimitando suas metas. Logo, as restrições de fala, assim como as metas interacionais, influenciam a formatação do tipo de atividade e as relações que se estabelecem entre os participantes e os papéis desempenhados.

Papel está sendo abordado aqui a partir de uma perspectiva interacional (SARANGI, 2010, 2011; WEIZMAN, 1996, 2006, 2008), em que papel é visto como uma categorização social, tornado relevante na interação pelos interagentes que reivindicam e atribuem papéis no curso de suas interações sociais. A negociação de papéis perpassa a percepção que o indivíduo tem da situação em que se encontra, no contato com o outro, o que faz com que certos papéis se tornem relevantes em detrimento de outros, em uma performance de papel que é complexa e "altamente dependente da forma como ela é construída no discurso" (WEIZMAN, 2006, p.174).

Associada ao conceito de papel, utilizo a noção de posicionamento, que pode ser definida como a construção discursiva das histórias pessoais que tornam as ações dos indivíduos inteligíveis enquanto atos sociais, e os localizam especificamente na interação (LANGENHOVE e HARRÉ, 1999). Ao assumir posições no discurso, posicionar o outro e ser posicionado, o indivíduo coconstrói suas ações discursivas, direcionando o entendimento do que se diz ou do que se faz na interação. Como afirmam Davies e Harré (1990), ao tomarem uma determinada posição, as pessoas trazem para a interação suas histórias como seres subjetivos, em que seus atributos morais e pessoais são interpretados através das posições negociadas.

Alinho-me à tese defendida por Weizman (2008), segundo a qual, o conceito de posicionamento opera em conjunto com a noção de papel, diferentemente de Langenhove e Harré (1999) que propuseram, em uma versão inicial da Teoria do Posicionamento, que

posição deveria substituir a noção de papel, concebido naquela ocasião, predominantemente, como algo dado *a priori*. Para Weizman (2008), o posicionamento envolve a "atribuição, elaboração e negociação das relações recíprocas entre todas as partes envolvidas na interação. O posicionamento é altamente sinalizado pela percepção dos interagentes de seus respectivos papéis e as expectativas que acarretam" (WEIZMAN, 2008, p. 16). A autora postula, ainda, que posicionamento pressupõe papel, pois os interagentes constantemente posicionam a si e aos outros no discurso, negociando posições e papéis dinamicamente.

Além da interface entre papel e posicionamento, considero o hibridismo de atividade (SARANGI, 2000; EMMERTSEN, 2007) como um componente nesta tríade de análise, que envolve a atividade, o papel e a posição. Adoto o conceito de hibridismo interacional proposto por Sarangi (2000) para categorizar a sobreposição que ocorre entre tipo de atividade e tipo de discurso, considerando-se que um tipo de atividade pode ser constituído por diversos tipos de discurso. De forma semelhante, Emmertsen (2007) utiliza o termo entrevista-debate para representar o hibridismo das entrevistas de notícias, em formato painel, em que dois entrevistados disputam pontos de vista, mediados pelas perguntas do entrevistador, caracterizando o formato híbrido de atividade. A atividade, então, é considerada nesta tese como a unidade de análise norteadora das ações discursivas e onde a negociação de papéis e posições se realiza, em uma relação de interdependência no discurso.

Estes três construtos – papel, posição e a atividade híbrida - são detalhadamente investigados nesta tese, buscando sua inter-relação como forma de contribuir para o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, em particular àqueles que se dedicam às teorias sobre papel, posicionamento e tipo de atividade.

O interesse pelo estudo da atividade, sob uma perspectiva interacional, vem crescendo no âmbito das pesquisas. Em uma perspectiva aplicada em Linguística no Brasil, diversos estudos já foram realizados visando à análise de programas de entrevista como um tipo de atividade, inclusive o próprio programa Roda Viva, que compõe o corpus desta tese. Vieira (2002), por exemplo, investigou os movimentos argumentativos em uma entrevista deste programa. Já Costa (2010) se dedicou às práticas evasivas ou "não respostas" na fala dos entrevistados. Esses estudos, no entanto, não focalizam a atividade em si, mas a utilizam como um local de investigação de práticas discursivas.

Portanto, investigar a atividade de forma detalhada, considerando o aspecto híbrido em sua formatação, ainda é uma prática de pesquisa pouco explorada, principalmente em relação à proposta deste estudo de investigar a forma como papel e posição formatam esse tipo de atividade. De forma semelhante, a maneira como os construtos papel e posição

interagem no discurso foi objeto de poucos estudos das pesquisas acadêmicas sobre essas práticas discursivas. Ao buscar, então, articular a teoria do posicionamento ao conceito de papel, espero contribuir para um melhor entendimento da forma como papéis e posições são manifestados, dinamicamente e conjuntamente, em uma atividade híbrida de um gênero televisivo.

Para guiar esta investigação, busco responder às seguintes perguntas de pesquisa:

i. De que modo o tipo de atividade restringe e orienta os papéis e posições que emergem na interação?

ii. Como as reivindicações e atribuições de papéis e posições são coconstruídas/negociadas no curso da atividade analisada?

iii. Que recursos linguístico-discursivos e padrões interacionais caracterizam o tipo de atividade analisada?

No que tange à organização do estudo, o trabalho está dividido em capítulos que facilitam a compreensão e a orientação do leitor sobre a linha de investigação aqui conduzida. No segundo capítulo, abordo a conceptualização teórica que norteia a tese. Inicialmente, é feita uma revisão da literatura existente sobre papel, focalizando, principalmente, as contribuições de Goffman ([1959] 2005), Weizman (1996, 2006, 2008) e Sarangi (2010, 2011a, 2011b), discutindo os conceitos de conjunto de papéis e múltiplos papéis (MERTON, 1957, 1968; SARANGI, 2010, 2011a, 2011b). Em seguida, é apresentada e discutida a possível interface entre papel e posicionamento.

Na segunda parte do capítulo dedicado à base teórica, discuto a relevância da noção *tipo de atividade* como unidade de análise. Discorro sobre a noção de *hibridismo interacional* como um recurso para tornar mais precisa a caracterização de uma dada atividade, dando ênfase, por fim, ao tipo de atividade definido como *entrevistas de notícias*, apresentando uma revisão da literatura sobre este gênero discursivo.

O terceiro capitulo é destinado à orientação teórico-metodológica adotada, centrada em uma perspectiva interacional em Linguística (COUPER-KULEN e SELTING, 2001), segundo a qual, a interação social é o lugar em que a linguagem em uso se constitui como

uma forma de ação social. Dentre as disciplinas que adotam essa perspectiva interacional em estudos da linguagem, assumo alguns dos postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística Interacional e da Análise da Conversa, principalmente no que tange à forma como essas disciplinas lidam com as ações discursivas que emergem no curso da interação. Ainda neste capítulo, apresento os procedimentos metodológicos utilizados, as unidades de análise, a natureza da pesquisa e o contexto da pesquisa, apresentando o programa *Roda Viva*, suas características e participantes.

No quarto capítulo, é realizada a análise dos dados e em seguida a discussão dos resultados de análise, que evidenciam que há uma relação de interdependência interacional entre atividade, papel e posição, na construção da atividade e na negociação de papéis e posições. A partir desta discussão, apresento as considerações finais, buscando responder as questões que orientaram a pesquisa e abordando algumas reflexões sobre questões que emergiram no desenvolvimento do estudo e que podem ser objeto de futuras pesquisas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, abordo as conceptualizações teóricas que dão suporte a esta tese. Em um primeiro momento, apresento algumas das discussões, julgadas por mim relevantes, na literatura sobre papel, discutindo as noções de conjunto de papéis e múltiplos papéis, além de associar o conceito de papel à teoria do posicionamento. Em seguida, discorro sobre o tipo de atividade, abordando a noção de hibridismo interacional e apresentando as discussões teóricas que norteiam as entrevistas de notícias.

2.1. Papel

O trabalho de Goffman ([1959] 2005) sobre a apresentação do "self" na vida cotidiana traz uma abordagem precursora sobre a representação de papéis no encontro social. Comparando a vida real com a encenação de uma peça de teatro, em que "um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores" (p.9), o autor postula que a representação de um papel é dependente das outras representações de papéis envolvidas na interação, e que em conjunto definem a situação em que os participantes estão imersos.

Nestas representações de papéis, Goffman (op.cit.) faz uma distinção entre "papel" e "performance de papel". O papel é a unidade básica de socialização. É o papel social que é definido como "a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação/ social" (op.cit., p. 24). O papel se desenvolve na representação do encontro social, como um padrão de ação pré-estabelecido e que pode ser apresentado ou executado em outras ocasiões; "é através de papéis na sociedade que as tarefas são atribuídas e medidas tomadas para fazer valer seu desempenho" (GOFFMAN, 1961, p.77). Já a performance de papel é exatamente o desempenho situado do papel, definido por Goffman como "toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, um [o desempenho] dos outros participantes." ([1959] 2005, p.23).

Posteriormente a essa distinção entre papel e performance de papel, Goffman ([1979], 1998) explora os conceitos de falante e ouvinte, considerando a natureza discursiva desses papéis na interação. Através de uma perspectiva mais dinâmica, a noção de falante foi reespecificada em termos de "animador" - aquele que pronuncia as palavras – o "autor" – quem redige o script da fala – e o "responsável" - é aquele que pode ser responsabilizado pela

posição assumida, por trás das palavras, no sentido jurídico do termo. É comum esses três papéis recaírem sobre a mesma pessoa, mas não necessariamente. Como essas configurações podem mudar ao longo de um encontro, a configuração de papéis de falante em um dado momento denomina-se "formato de produção" de uma elocução.

A noção de ouvinte é reexaminada considerando a condição de participação oficialmente ratificada ou não no encontro social. O ouvinte não ratificado participa de forma não oficial do encontro, isto é, ele é aquele que ouve sem ter sido convidado. Goffman ([1979], 1998) distingue duas categorias entre os ouvintes não oficiais: (i) os circunstantes, aqueles ouvintes por acaso, que "podem acompanhar temporariamente a conversa, ou captar fragmentos dela, isso tudo sem muito esforço ou intenção" (op.cit., p.77) e (ii) os intrometidos que podem "fazê-lo propositalmente, resultando em 'intromissão' (escutar às escondidas, por trás da porta, espichar a orelha)" (op.cit.). A diferença entre os dois tipos de não ratificados é que, ao contrário do circunstante, o intrometido permanece fora do foco visual dos participantes oficiais do encontro.

O ouvinte ratificado participa oficialmente do encontro e pode ser classificado como ouvinte endereçado ou não endereçado. Segundo Goffman ([1979] 1998), o falante em curso pode endereçar sua fala a todos os ouvintes em conjunto, ou escolher um ouvinte ou um dado grupo, em um dado momento, para endereçar sua fala. Assim ouvinte endereçado é "aquele a quem o falante remete sua atenção visual e para quem espera eventualmente passar o papel de falante" (op. cit., p.78). Logo, a condição de ouvinte ratificado se mantém estável, enquanto durar um dado encontro social; já a condição de ouvinte endereçado ou não endereçado varia no curso do evento.

Goffman ([1979] 1998; 1981) amplia a condição de ouvinte ratificado, abrangendo o papel do telespectador do programa televisivo. O autor trata esta audiência como um "participante ratificado, embora não possa assumir o papel de falante" (GOFFMAN, 1981, p.234). Esse status ratificado é particularmente visível quando o entrevistador reconhece a presença desta audiência revelando a ela informações sobre o entrevistado ou quando o locutor "fala ostensivamente à audiência como se cada ouvinte fosse o único" (op.cit., p. 235), simulando uma conversa entre um falante e um ouvinte mudo. Essa simulação de endereçamento é particularmente forte se combinado com o olhar do apresentador dirigido à câmera do programa (op.cit.).

Ainda nos termos de Goffman ([1979] 1998), essa audiência televisiva funciona como uma plateia:

> O termo "plateia" é facilmente ampliado para se referir àqueles que escutam a fala do rádio ou da TV, mas estes ouvintes diferem de maneira evidente e significativa daqueles que constituem testemunhas ao vivo da fala. Testemunhas ao vivo são co-participantes numa mesma ocasião social, suscetíveis a toda estimulação mútua que a ocasião oferece; aqueles que escutam a fala através de aparelhos só podem se juntar à plateia do programa na estação de forma secundária e intermediária.
>
> (GOFFMAN, [1979] 1998, p.82)

Na consideração de Goffman (op.cit.), a plateia de estúdio de um programa televisivo difere da plateia formada pelo telespectador. A diferença consiste, basicamente, no fato deste último escutar a fala de forma secundária e intermediária, não podendo participar da "ocasião social", através de estímulos ao falante, como talvez aplausos, murmúrios de concordância e outras manifestações de um ouvinte como testemunha presente da fala.

Goffman ([1979] 1998) faz uma distinção entre os vários tipos de plateia, considerando que cada tipo ouve e participa de forma diferenciada na situação social em que se encontra. O autor afirma, por exemplo, que a plateia de um discurso político pode ser considerada como um ouvinte endereçado, acompanhando a fala através "de sinais de concordância e discordância" (op.cit., p.83), além de aplausos e possíveis indagações. Além disso, este ouvinte endereçado pode se tornar o falante deste encontro, ao realizar uma pergunta ao político que discursa.

Em uma releitura da noção de ouvinte na estrutura de participação proposta por Goffman ([1979] 1998; 1981), Dynel (2010; 2011) discute que há uma diferença entre "quem escuta" - *listen* - e "quem ouve" - *hear* -, considerando que aquele que escuta atribui significado à mensagem[1]. A autora questiona o fato de Goffman (op.cit.) não considerar a semântica dos termos *hearer* e *listener* ao atribuir as definições de ouvintes ratificados e não ratificados:

> [Segundo Goffman] ouvintes podem ser ratificados e normativamente esperados para escutar, mas podem não estar escutando e, vice versa, eles podem não ser ratificados, mas estar escutando (GOFFMAN, 1981). Seria mais razoável, então, conceptualizar quem ouve/quem escuta como aquele que de fato escuta (ou percebe) um turno dentro de uma troca comunicativa, na suposição de que escutar uma elocução (em vez de sons indistintos) normalmente significa inferir significado.
>
> (DYNEL, 2011, p.458)

[1] Considero o *English Dictionary for Speakers of Portuguese* (Martins Fontes, 2000) para as definições que utilizo na tradução desses termos:
Hear = ser capaz de receber sons pelo ouvido (ouvir).
Listen = dar atenção ao que alguém diz (escutar).

Na consideração de Dynel (2011), tanto os ouvintes ratificados quanto os não ratificados possuem a capacidade de escutar e/ou ouvir, e não é o status de participante oficial do encontro que determinará em que capacidade este ouvinte está atuando. Para Dynel (2011), seria mais relevante categorizar o status oficial do encontro a partir da distinção entre o ouvinte que de fato escuta ou aquele que apenas ouve, ainda que seja de forma presencial (no campo auditivo e/ou visual do falante). Além disso, "os ouvintes da fala não precisam ser conversacionalistas, podem ser audiências" (DYNEL, 2011, p. 462), ou seja, não precisam tomar a palavra em uma troca conversacional, podem apenas escutar a fala e a partir deste ato, formular opiniões.

A audiência televisiva, então, como um ouvinte ratificado - e neste ponto concordam Dynel (2010, 2011) e Goffman ([1979] 1998; 1981) – também se encaixa nesta distinção, porém com um agravante na diferenciação: esta audiência é composta por inúmeros ouvintes individuais e nenhum deles ocupa o campo visual/auditivo do falante (Dynel, 2011), o que torna quase impossível a percepção entre ouvir/escutar. De qualquer forma, é para esta audiência que um determinado programa é realizado, o que a torna um participante valioso nesta estrutura de participação. Como afirma Duranti (1986, p.243), "dar à audiência a coautoria da interação, é ter a consciência de uma relação estabelecida em parceria, a qual é necessária para que a interação se sustente".

Seguindo a essas considerações, defendo aqui que o telespectador do tipo de atividade analisado nesta tese é um componente do conjunto de participantes ratificados do encontro, uma vez que considero que ele é o alvo, ainda que indiretamente, da fala dos participantes do programa. De acordo com Levinson (1988), o "alvo" é aquele a quem a mensagem é destinada, ainda que não seja um "participante no evento elocucionário" (LEVINSON, 1988, p. 170). Um programa televisivo é dirigido a um público específico, em potencial, e é exatamente este público que determina, através de sua assistência, se o programa permanece no ar ou não. Portanto, o telespectador exerce um papel fundamental na interação, ocupando uma estrutura de participação oficial, uma vez que as elocuções são proferidas e pontos de vista sustentados considerando esse ouvinte fora do campo presencial. Isso quer dizer que os participantes do programa têm conhecimento desses ouvintes em potencial e gerenciam suas ações discursivas considerando-os muitas vezes como alvos da fala. A audiência, por sua vez, avalia esses participantes durante todo o curso da interação, julgando-os como pessoas públicas que são.

Mais recentemente, retomando a posição de Goffman ([1959] 2005; [1979] 1998) e rediscutindo as noções de papel abordadas pelo autor, alguns estudos vêm explorando esses

conceitos em uma perspectiva interacional em cenários profissionais. Weizman (2006), ao analisar as entrevistas de notícias em contexto israelense, aborda a noção de papel social como pressupondo uma "categorização de membro de grupo" (p.156), na qual um indivíduo desempenha um papel por considerar-se como "um membro de uma determinada categoria, e consequentemente assume as obrigações acarretadas por esta categoria" (op.cit.). Nesta perspectiva, papel é dependente das relações interpessoais e dos grupos formados por essas relações, isto é, em cada categoria de grupo – seja relacionada a crenças, valores, etnias ou ocupações - há papéis definidos socialmente e cabe ao indivíduo a percepção do papel que deve ser desempenhado em uma dada situação. A autora argumenta que:

> a percepção de papel é parte de nossa vida diária: nós concebemos as pessoas em termos de seus direitos e obrigações sociais e formamos nossas expectativas de acordo com esse fato; [...] nós frequentemente construímos situacionalmente papéis relevantes quando falamos. (WEIZMAN, 2006, p. 174)

Sendo assim, é a partir de nossa percepção da situação em que nos encontramos que tornamos relevantes alguns papéis em detrimento de outros. Essa construção de papéis relevantes é realizada interacionalmente, e o que torna um determinado papel mais relevante que o outro é exatamente a situação na qual a interação ocorre (WEIZMAN, 1996, 2006, 2008). Nas entrevistas de notícias analisadas pela autora, as relações de papel são estabelecidas em pelo menos dois níveis: no nível social e no interacional. A autora categoriza esses dois tipos de papéis – social e interacional – enfatizando que eles não são "entidades independentes; se inter-relacionam um com o outro" (2006, p.174) em uma performance de papel que é complexa e "altamente dependente da forma em que ela é construída no discurso" (op.cit.).

Por papel social, Weizman (2006) se refere ao status social que o participante possui em seu meio social, seja através dos laços pessoais ou profissionais. Já o papel interacional, na categorização da autora, diz respeito aos papéis desempenhados na atividade em curso, que no caso da entrevista de notícia pode ser o papel de "realizar uma pergunta, fazer declarações, interromper, etc" (p.155). A autora argumenta que os papéis interacionais são distribuídos assimetricamente na interação, pois são frutos das relações de poder que são também "distribuídas desigualmente [como nas relações entre] patrão-empregado, médico-paciente, entrevistador-entrevistado" (WEIZMAN, 2008, p.26) nos discursos institucionais.

Weizman, retomando a "promulgação de direitos e deveres" na definição de papel social de Goffman ([1959] 2005, p.24), defende que essa categorização de papéis perpassa os

direitos e as obrigações do falante. No papel interacional, há uma "divisão de papéis pré-determinada pelas expectativas discursivas que pertencem ao evento comunicativo" (WEIZMAN, 2008, p.174). A autora cita alguns exemplos para ilustrar que ambas as partes – entrevistador e entrevistado – fazem valer seus direitos e deveres nos papéis desempenhados, através das expectativas interacionais que os circundam. Abaixo, apresento três exemplos dados pela autora, com suas análises respectivas na sequência do texto:

> (12) *Uma entrevista é para perguntar também, não é só uma fala.*[2]
> (Amnon Levy e Riki Cur, dançarina do ventre, erev xadash, 30.6.97.
> (13) *Um bom político diz: isto é uma resposta, pergunte de acordo com ela.*
> (Shim'on Peres, TV Channel 2, [no date]).
> (14) *hoje vamos falar com calma, tentando nos aproximar das pessoas, sem interromper um ao outro.*
> (Michael Miro, sixot im ma'azinim (''Talking with Listeners''), IBA, Channel 2, 30/07/1998).
>
> (WEIZMAN, 2006, P.166)

Nos exemplos acima, os direitos e deveres dos papéis sociais e interacionais dos participantes são colocados em evidência. No exemplo (12), o entrevistador adverte a entrevistada pelo fato dela se recusar a ceder o piso conversacional, atenuando sua reprimenda através de uma perspectiva impessoal, isto é, em vez de criticá-la diretamente, ele usa de uma fala de senso comum para marcar seu direito como entrevistador de realizar perguntas e direcionar a entrevistada, que neste papel tem o dever de esperar as perguntas para então respondê-las.

Em (13), o entrevistado propõe, em tom de brincadeira, sua interpretação da acusação implícita de que políticos geralmente evitam as perguntas dos entrevistadores. Para o entrevistado, é a partir da fala do político que a pergunta deveria ser feita, e não ao contrário, cobrindo assim, pelo uso do humor, sua crítica implícita a seus companheiros políticos. Já no exemplo (14), o requisito interacional da fala não agressiva é explicado pelo entrevistador de um programa de rádio ao ouvinte que liga para participar do programa, usando, inclusive, o atenuador "nós"- *vamos* - e o recíproco "um ao outro", igualando falante e ouvinte, com o objetivo de estabelecer solidariedade. Apesar da fala atenuadora, fica claro que o entrevistador tem o direito hierárquico de comandar como a interação se dará e cabe ao entrevistado seguir as regras estabelecidas.

[2] Grifos meus.

O papel social dos participantes da entrevista, no que tange aos seus direitos e obrigações, também envolve as expectativas interacionais do encontro. O papel social do entrevistado, tornado relevante na atividade, gira em torno de sua ocupação profissional/ institucional, motivo pelo qual, inclusive, tal entrevistado foi convidado à entrevista. Os papéis sociais do entrevistador também podem se tornar relevantes na entrevista no contato com o entrevistado (WEIZMAN, 2006, p.161). Para a autora, nem todo papel é relevante o tempo todo. Por isso, é fundamental verificar como os papéis surgem ou se tornam relevantes. No discurso da mídia, uma forma simples é posicionar-se publicamente e explicitamente em um determinado papel, como é o caso do exemplo a seguir:

> Três dias antes das eleições, após a aparição, na imprensa, de ataques ao Primeiro Ministro Benjamin Netanyahu, que culpou a imprensa por discriminá-lo, o jornalista Amnon Dankner faz uma distinção entre as implicações decorrentes de papéis opostos: "cidadão" versus "jornalista":
> *Senhor Primeiro Ministro [...] como cidadão, eu tenho uma opinião sobre o resultado das eleições na segunda-feira à noite e eu não escondo isso, mas eu devo dizer que como jornalista, meu interesse profissional é de fato que o senhor ganhe as eleições.*[3]
> (Amnon Dankner, ani lo mefaxed [''I am not afraid''], Ma'ariv, 14/05/1999, p. 2).
>
> (WEIZMAN, 2006, P.160)

Essa categorização de papel interacional e papel social abordada por Weizman (1996, 2006, 2008) na área das entrevistas de notícias também ocupou espaço em outros estudos interacionais com o foco no discurso profissional (SARANGI e SLEMBROUCK, 1996; SARANGI, 2010, 2011). Enquanto as noções relativas ao conceito de papel social e papel interacional permanecem basicamente as mesmas nesses estudos, a nomenclatura do papel interacional sofre uma alteração, sendo substituída por "papel discursivo", em uma referência aos estudos de Goffman ([1979]1998).

Na análise de consultas terapêuticas, Sarangi e Slembrouck (1996) defendem, assim como o faz Weizman (1996, 2006, 2008), que o papel social é interconectado com o papel discursivo (SARANGI e SLEMBROUCK, 1996, p. 68), sendo este delimitado pelo papel social tornado relevante no encontro. Na exemplificação dessa discussão, os autores afirmam que o papel de assistente social - papel social -, por exemplo, restringe os papéis discursivos desempenhados: "as ações verbais do assistente social são então restringidas ao papel discursivo de reportar o diagnóstico médico" (1996, p.68). Além de reportar a situação do

[3] Grifo meu.

paciente, o assistente social ainda pode realizar as tarefas discursivas de aconselhamento às famílias, de assessoria à autoridade policial, de estabelecimento de vínculo entre as várias agências envolvidas no processo, de acompanhamento à vítima, etc. Todos esses papéis discursivos realizados nessas ações são assim executados devido ao papel social de assistente social tornado relevante em uma atividade - consulta terapêutica - que assim o exige. Portanto, essa conexão entre papel discursivo e papel social é dependente do tipo de atividade em questão. Isso significa que considerar a atividade ao analisar os papéis tornados relevantes na interação é fundamental nesse processo de categorização de papéis.

Considerando então a importância do tipo de atividade nas análises dos papéis sociais e discursivos, Sarangi (2010) identifica outra categorização de papel: o papel de atividade. Apesar de Sarangi (op.cit.) introduzir esse termo em sua discussão sobre papel, o conceito de papel de atividade foi usado anteriormente por Clark (1996) em sua discussão de atividade conjunta na construção da linguagem. Clark (op.cit.) afirma que as pessoas que tomam parte dessa atividade conjunta não são só participantes ratificados, mas sim participantes em papéis específicos. A esses papéis, ele definiu como o papel de atividade, que ajuda a formar o que cada um faz e a entender o que é feito na atividade (p.33); ajuda a determinar a divisão do trabalho na atividade conjunta (p. 37).

Ainda que o foco de Clark (op.cit.) seja o estudo das atividades conjuntas, isto é, o que as pessoas fazem, em termos de linguagem, ao se depararem com o outro, essa conceptualização do papel de atividade é pertinente para delimitar uma das funções desempenhadas pelo participante em interação. Na retomada do conceito por Sarangi, em seu trabalho de 2010, é estabelecido uma relação entre esse papel de atividade e o papel discursivo, definindo o papel de atividade como aquele que é dependente da atividade, caracterizando-a. O médico, por exemplo, em uma consulta pode desempenhar um papel de terapeuta, aconselhando e ouvindo o paciente, e também um papel pedagógico como ensinar certos procedimentos de higiene, por exemplo. O papel de terapeuta e pedagogo seriam os papéis de atividade desempenhados pelo papel social de médico naquela atividade. Os papéis discursivos seriam, então, os recursos discursivos que esse médico utiliza para desempenhar esta fala de aconselhamento e de ensinamento de procedimentos.

Em 2011 (a, b), Sarangi, partindo de estudos de caso direcionados à área de saúde, como consultas médicas e encontros terapêuticos, reúne em sua análise, por fim, os três tipos de papéis dos participantes nos encontros analisados:

> Nós podemos estabelecer uma distinção entre papel social, papel discursivo e papel de atividade (SARANGI, 2010). Enquanto papel social se refere às relações sociais entre os participantes (mãe–filho, professor-aluno, etc), papel discursivo se refere às relações entre os participantes e a mensagem (produzida, recebida, transmitida). Papel de atividade é dependente do tipo de atividade na qual o indivíduo está participando e é geralmente definido em relação aos outros participantes.
>
> (SARANGI, 2011a, p.8)

Essa categorização de papel abordada por Sarangi (2010, 2011a, 2011b) é a que adoto analiticamente nesta tese. De fato, essa abordagem não difere, em termos da natureza do conceito de papel, da abordagem feita por Weizman (1996, 2006, 2008). Os dois autores abordam papel de forma dinâmica, interacional e relevante à atividade, havendo uma relação de interdependência entre os papéis discursivos - interacional na teoria de Weizman (op.cit.) - e os papéis sociais dos participantes. E é para complementar essa dinamicidade dos papéis que Sarangi (op.cit.) introduz uma terceira categoria: o papel de atividade. Esta categoria não é contemplada na abordagem de Weizman (op.cit.) que, no entanto, se dedica ao estudo da relação entre os papéis e os posicionamentos na interação. Esta contribuição da autora é relevante a esta tese e me dedicarei a ela mais adiante, na subseção 2.1.2.

Por fim, Sarangi (2011a) defende que os papéis são vistos em termos das relações que eles estabelecem na interação: relações entre os participantes e entre os participantes e a mensagem. Dentre essas relações entre os participantes, o autor reconhece que o papel de atividade ainda precisa de uma "calibração" (SARANGI, 2011a, p. 9), uma vez que analisar a atividade em si não é uma tarefa muito simples, devido a sua natureza híbrida: "todo tipo de atividade é híbrido e esse hibridismo é também manifestado em outros níveis, especialmente em termos dos tipos de discursos e conjuntos de papéis variáveis" (SARANGI, 2011a, p. 22).

Este conceito de hibridismo de atividade é também estendido ao papel desempenhado pelo participante da interação. O hibridismo de papel então envolve os possíveis papéis que um indivíduo pode desempenhar em uma interação, que podem ser conflitantes ou complementares, diferenciando-os teoricamente entre "conjunto de papéis" e "múltiplos papéis", aos quais darei ênfase na subseção seguinte.

2.1.1. Conjunto de Papéis *versus* Múltiplos Papéis

Sarangi (2010, 2011a, 2011b) defende que, dentro de uma determinada atividade, é possível ocorrer um confronto entre vários papéis. Baseando-se na teoria de Merton (1957, 1968) sobre o "conjunto de papéis" e os "múltiplos papéis" que as pessoas ocupam em suas atividades diárias, Sarangi (op.cit.) argumenta que essa distinção conceptual deve ser seguida ao analisar os papéis envolvidos na interação, na tentativa de dar conta dos papéis conflitantes que surgem no encontro.

A teoria de Merton (op.cit.) tem base sociológica e opera com a relação entre status e papel - social -, considerando como o status social é organizado na estrutura social. O autor parte da definição de status, proposta por Linton (1936), visto como "uma posição em um padrão particular que é uma coleção de direitos" (LINTON, 1936, p.113-114; cf. MERTON, 1957, p. 110) e papel social como o "aspecto dinâmico de um status [que] coloca os direitos e obrigações que constituem o status em ação" (op. cit.). Merton (1957, 1968) concorda que, nestes termos, status e papéis conectam as "expectativas definidas culturalmente com a conduta e as relações padronizadas que colocam em movimento a estrutura social" (MERTON, 1957, p.110). Contudo, o autor contesta o fato de que para Linton "cada pessoa em sociedade inevitavelmente ocupa múltiplos status e que cada um desses status tem um papel associado" (LINTON, 1936, p. 114). Merton (1957) afirma que:

> Ao contrário de Linton, eu inicio com a premissa de que cada status social envolve não um simples papel associado, mas um arranjo de papéis. Este aspecto básico da estrutura social pode ser registrado pelo termo conjunto de papéis. Para repetir, então, por conjunto de papéis eu defino as relações de papéis complementares em que as pessoas são envolvidas pelo fato de ocupar um status social particular. Um exemplo: o status do estudante de medicina não implica só o papel de um estudante em relação aos seus professores, mas também uma rede de outros papéis relacionando o ocupante deste status com os outros estudantes, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, etc.
>
> (MERTON, 1957, p. 110)

A definição de múltiplos papéis de Merton (op.cit.), apresentada acima, nos deixa margem para duas interpretações dessa categorização. Ao mesmo tempo em que Merton (op.cit.) afirma que cada status social envolve um conjunto de papéis, ou seja, uma única pessoa pode desempenhar diferentes papéis associados, o autor também afirma que o termo conjunto de papéis é usado para definir as relações de papéis complementares em que as pessoas são evolvidas por ocupar um único status social. Essas relações de papéis compõem

uma rede em que um status social se relaciona com os outros status da rede. Note que o exemplo do autor, na citação acima, expõe a relação entre um status particular e os outros papéis que compõem a rede de papéis associados e que não são, necessariamente, papéis de um único status: um status de estudante de medicina não implica apenas o papel de estudante em relação aos professores, mas também uma rede de outros papéis, relacionando esse status com os outros papéis de estudantes, médicos, enfermeiros, etc.

Essas considerações de Merton (1957), então, não deixa claro o que seria a definição de conjunto de papéis para o autor: seriam os papéis associados a um único status social ou seria o conjunto formado entre um status social e sua relação com outros status em uma rede associada? Essa discussão é pertinente para o que se pretende chamar aqui de conjunto de papéis. Sarangi (2010, 2011a, 2011b) interpreta a definição de conjunto de papéis de Merton (1957, 1968) como sendo um conjunto de diferentes papéis que um único status social desempenha. De fato, Sarangi (op.cit.) não se atém a essa discussão das possíveis interpretações do texto de Merton (op.cit.), ou pelo menos não considera discuti-las. Como esta tese adota as categorizações de papel abordadas por Sarangi (op.cit.), segue também esta visão de conjunto de papéis, como a rede em que um dado status constrói em seus diferentes papéis desempenhados.

Merton (1957, 1968) argumenta que o conceito de conjunto de papéis "difere do que os sociólogos têm descrito como 'múltiplos papéis'" (1957, p. 111). Este último se refere "aos vários status sociais (geralmente em diferentes esferas institucionais) em que as pessoas se encontram – por exemplo, o status de médico, marido, pai" (op.cit.). A esse complemento dos distintos status de uma pessoa, em que cada status tem seu próprio conjunto de papéis, o autor denomina de conjunto de status.

Exemplificando, então, essas duas noções que parecem similares, mas possuem naturezas distintas, tomo o exemplo do papel social de professor. O professor exerce um conjunto de papéis característico; pode desempenhar o papel de orientador, avaliador, diretor de unidade, chefe de departamento, etc. Por outro lado, este professor possui múltiplos papéis sociais – isto é, seus vários status sociais - podendo também ser marido, pai, religioso, etc.

Em sua teoria, Merton (1957, 1968) defende que essas noções possuem problemas analíticos que devem ser considerados, principalmente porque esta estrutura social aparentemente simples é extremamente complexa. Para o autor, em toda sociedade, há um problema funcional em articular os componentes dos numerosos conjuntos de papéis na vida diária e em identificar os mecanismos sociais utilizados neste processo de articulação (MERTON, 1957, p.111-112). O problema está em como "os indivíduos lidam com a

complexa estrutura das relações em que se encontram" (MERTON, 1957, p.111-112). Merton (1957, 1968) ainda ressalta que uma vez que os membros de um conjunto de papéis estão situados diferentemente na estrutura social, eles podem ter diferentes interesses, sentimentos, valores e expectativas, havendo diferenças entre os ocupantes de um dado status. E é a partir dessas diferenças e na consequente falha em administrar os distintos papéis envolvidos no contato com o outro que surge "tensão e conflito" (1957, p. 113).

A questão do conflito que circunda as noções de conjunto de papéis e múltiplos papéis foi abordada por Sarangi (2010, 2011a, 2011b) em sua teorização de hibridismo de papel, isto é, os distintos papéis que um indivíduo pode desempenhar, potencialmente, no curso de uma interação. O autor pontua que a tensão e a complementariedade são conceitos que facilitariam diferenciar o conjunto de papéis dos múltiplos papéis. Enquanto a complementariedade, para o autor, é perceptível nos dois conceitos, a tensão seria mais perceptível no conjunto de papéis, uma vez que um profissional poderia exercer diversos e conflitantes papéis em um encontro. É possível ilustrar essa questão nos dados desta tese quando, por exemplo, o entrevistado José Dirceu torna relevante na entrevista não só o papel de ministro/ ex-ministro, como também os papéis de presidente de partido e deputado, todos associados a seu papel de político. Esse conjunto de papéis pode entrar em conflito, principalmente se os interesses do partido político a que está filiado, no papel de presidente de partido, por exemplo, sejam diferentes do papel de ministro como representante do governo.

Já nos múltiplos papéis, a tensão não estaria em evidência na interação como ocorre no conjunto de papéis, de acordo com Sarangi (2010, 2011a, 2011b). No entanto, algumas situações dos dados me levam a levantar a hipótese de que a tensão nos múltiplos papéis pode estar presente com a mesma intensidade que estaria no conjunto de papéis. A entrevistadora Marilia Gabriela, por exemplo, na entrevista com o ex-Ministro José Dirceu se posiciona frequentemente como (i) jornalista – da cobertura dos fatos políticos, como o mensalão, a eleição -, (ii) mulher – aproximação com a primeira mulher eleita no Brasil – e (iii) eleitora. Estes três papéis estão presentes e podem se tornar relevantes no posicionamento da jornalista em relação aos fatos discutidos na entrevista: o papel de eleitora, por exemplo, pode se tornar crucial (principalmente se for eleitora de oposição) no direcionamento das perguntas feitas ao ex-Ministro, que foi um dos dirigentes do Partido dos Trabalhadores, partido este da presidente eleita.

Essa diferença entre o conjunto de papéis e os múltiplos papéis, então, precisa talvez ser melhor analisada considerando a atividade de análise, já que dependendo do tipo de atividade, como a atividade que compõe o corpus desta tese, a tensão pode estar presente tanto

no conjunto de papéis quanto nos múltiplos papéis desempenhados pelos participantes do programa.

2.1.2. A interface Papel e Posicionamento[4]

A Teoria do Posicionamento (LANGENHOVE e HARRÉ, 1999) surgiu como uma alternativa à concepção estática da noção de papel na visão dramatúrgica de Goffman ([1959] 2005), atribuindo à posição um conceito mais dinâmico e interacional. Os autores definem o posicionamento como um processo discursivo pelo qual as pessoas são localizadas nas conversas como participantes coerentes em linhas de história – storylines – que são construídas conjuntamente.

Os posicionamentos são usados pelos indivíduos para lidar com a situação em que se encontram, localizando-os em posições, em um sentido metafórico do termo. Segundo Davies e Harré (1990), uma posição se refere à produção discursiva dos *selves* e incorpora um repertório conceptual e uma localização para os indivíduos dentro de um sistema de direitos e deveres. Cada pessoa tem uma vasta possibilidade de escolha, já que são muitas as práticas discursivas nas quais o indivíduo pode se engajar. A relação entre posição e discurso é bi-direcional: as pessoas são posicionadas através das práticas discursivas, e sua subjetividade é gerada através dessas práticas (DAVIES e HARRÉ, 1990), isto é, uma posição é criada dentro da fala e através dela, pois possui uma natureza relacional.

Uma posição pode ser identificada no discurso a partir de certos aspectos como emoções, valores e crenças. Por exemplo, alguém pode se posicionar ou ser posicionado como honesto ou corrupto, arrogante ou humilde, religioso ou ateu, carinhoso ou rude, etc., dependendo de como a sua fala é interpretada em relação a esses aspectos. A partir da natureza relacional das posições, uma pessoa é sempre posicionada em relação aos outros. Dessa forma, ao se posicionar, uma pessoa X interacionalmente posiciona uma pessoa Y e por posicionar Y, X reflexivamente posiciona a si mesmo: "se A se posiciona como poderoso em relação à B, então B é posicionado como menos poderoso em relação à A, e vice versa: se A

[4] Esta subseção tem base nos estudos defendidos na tese de doutorado de Divan (2011), no que tange às discussões sobre a teoria do posicionamento (cf. bibliografia).

posiciona B como poderoso, A é necessariamente posicionado como menos poderoso" (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999, p.1-2).

Ainda segundo Davies e Harré (1999), se uma pessoa desenvolve uma determinada posição, ela passa a ver o mundo do ponto de vista dessa posição e em termos de metáforas e conceitos relevantes para as práticas discursivas nas quais ela está posicionada. As posições indicam a forma como cada pessoa concebe a si mesmo e aos outros. Em uma interação, o participante se posiciona e posiciona os outros, que poderão aceitar ou negar a posição que lhes foi atribuída. Se a posição não for aceita, ela poderá ser reformulada e reintroduzida no discurso. As posições são efêmeras e podem ser disputadas e também se tornar tema da disputa.

Langenhove e Harre (1999) fazem uma distinção entre posicionamento de primeira ordem e de segunda ordem:

> O posicionamento de primeira ordem diz respeito à forma em que uma pessoa se posiciona e posiciona os outros dentro de um espaço essencialmente moral empregando diversas categorias e *storylines*[5]. Por exemplo, se Jones diz a Smith 'por favor passe minhas camisas', então ambos Smith e Jones são posicionados por esta elocução. Jones como alguém que tem o direito moral (ou como alguém que acha que tem o direito moral) de comandar Smith, e Smith como alguém que pode ser comandado por Jones. Por outro lado, o posicionamento de segunda ordem ocorre quando o posicionamento de primeira ordem não é assumido por uma das pessoas envolvidas na discussão. Por exemplo, se Smith questiona Jones, relutante em cumprir sua ordem, nova negociação se segue e novas posições surgem, sendo consideradas como posicionamentos de segunda ordem.
>
> (LANGENHOVE e HARRE, 1999, p.20)

Os posicionamentos de primeira ordem podem ser questionados de duas maneiras: dentro da própria conversa ou fora dela, em outra conversa. Ambos os casos são considerados posicionamentos explicativos, pois envolvem fala sobre fala. O posicionamento de segunda ordem é, assim, um posicionamento explicativo dentro da discussão em andamento. Se o posicionamento explicativo ocorre fora da discussão inicial (ou com outra pessoa que não seja a pessoa que o posicionou no posicionamento de primeira ordem), então ele pode ser chamado de posicionamento de terceira ordem (op.cit.).

Para Langenhove e Harré (1999), a maior parte dos posicionamentos de primeira ordem é do tipo tácito, ou seja, as pessoas envolvidas não se posicionam ou não posicionam o outro intencionalmente ou de forma consciente. Entretanto, quando uma pessoa está mal

[5] Grifo meu.

intencionada, está brincando ou está mentindo, o posicionamento de primeira ordem pode ser intencional. Os posicionamentos de segunda e terceira ordem são sempre intencionais, mas, enquanto, um posicionamento intencional de segunda ordem está acontecendo, um posicionamento tácito de primeira ordem já terá ocorrido.

O programa Roda Viva permite que discussões surjam ao longo do encontro e que posições de primeira ordem sejam atribuídas ao entrevistado, algumas intencionais e outras nem tanto. Não discutirei aqui a intencionalidade das posições atribuídas ou reivindicadas pelos participantes e nem busco classificar posições de primeira, segunda ou de terceira ordem. O que me importa é a dinamicidade desses posicionamentos em uma análise da negociação constante de papéis e posições no curso da interação.

Como dito no início desta subseção, a teoria do posicionamento se desenvolveu para dar conta de uma noção de papel como um construto fixo e determinado *a priori* da interação, isto é, livre de contexto. Contudo, nem toda abordagem de papel é estática. Há estudos, como os trabalhos de Weizman (1996, 2006, 2008) e de Sarangi (2010, 2011), adotados nesta tese, que defendem o conceito de papel como um conceito dinâmico e interacional, considerando como relevantes em suas análises os papéis que emergem no discurso.

Weizman, em seu livro intitulado "Posicionamento no diálogo da mídia" (2008), se engaja "em uma microanálise textual, empiricamente baseada, dos padrões discursivos, adotando algumas das diretrizes centrais do posicionamento, principalmente sua dinamicidade [e] natureza relacional" (WEIZMAN, 2008, p.14). A autora recupera a teoria do posicionamento para examinar a conduta dos participantes de entrevistas de notícias na negociação de suas posições no curso da interação. Considera que o conceito de posicionamento opera em conjunto com a noção de papel, descartando a possibilidade de uma noção ser excludente da outra. "O posicionamento envolve a atribuição, a elaboração e a negociação das relações recíprocas entre todas as partes envolvidas na interação" (WEIZMAN, 2008, p. 16). Para a autora, o posicionamento é "altamente sinalizado pela percepção dos interagentes de seus respectivos papéis e as expectativas que acarretam" (op.cit.). Postula, ainda, que posicionamento pressupõe o papel, uma vez que os interagentes constantemente posicionam e reposicionam a si e aos outros no discurso, dinamicamente, em seus papéis interacionais e sociais[6], através da confrontação e do desafio:

> do ponto de vista conceitual, eu postulo a conexão entre posicionamento, papel e desafio. Seguindo os teóricos do posicionamento, eu vejo o *posicionamento* como

[6] Conferir seção 2.1.

> englobando uma dimensão dinâmica. Eu ainda acredito que o posicionamento pressupõe o papel: um falante é sempre *posicionado em um papel*[7]. Nesta visão, o posicionamento é indexado pela percepção do interlocutor de seus papéis respectivos e as expectativas que implicam esses papéis.
>
> (WEIZMAN, 2008, p. 177)

Weizman (op.cit.) associa o desafio às noções de posicionamento e papel, considerando que o desafio tem "um status privilegiado nas entrevistas de notícias" (p.178), embora não seja uma condição necessária para a coconstrução do posicionamento. A presença do desafio como um componente desta relação se deve à natureza da atividade analisada pela autora, que considera as entrevistas de notícias "um ambiente de confronto" (p.178) em que disputas de pontos de vista estão em evidência na atividade, frequentemente através do conflito.

Em meus dados, este ambiente de confronto também é instaurado em alguns momentos da interação e se torna evidente para os participantes que defendem seus pontos de vista. Essas defesas perpassam a negociação de posições e papéis introduzidos e reintroduzidos ao longo do encontro. A visão de papel, então, que adoto nesta tese é uma visão dinâmica do conceito. Sem dúvida, a teoria do posicionamento facilita essa análise da dinamicidade dos papéis e das posições atribuídas e assumidas em cada papel. Portanto, alinho à abordagem de papel o conceito de posição e posicionamento, considerando que o participante se posiciona e se reposiciona todo o tempo em seus papéis desempenhados na atividade, sendo a posição uma ferramenta de análise importante nesta tese.

2.2. O tipo de atividade

Definir a situação de fala em que uma interação ocorre é um dos aspectos fundamentais para entender as relações que se estabelecem entre os participantes, seja em relação às mensagens, seja em relação aos papéis desempenhados. No entanto, definir esta situação nem sempre é uma tarefa tão fácil, uma vez que vários aspectos sociais e discursivos contribuem para essa definição, tanto no nível micro, captando as informações de natureza sócio-interacional, quanto no nível macro, abrangendo uma visão sócio-histórica e institucional que alicerça o discurso.

[7] Grifos no original.

Diversas são as tradições de pesquisa que destacam a relevância de definir a situação de fala em que a interação ocorre. Goffman (1974), no âmbito da microsociologia dos encontros sociais, desenvolveu seu conceito de *enquadre* como uma categoria socialmente situada, que mostra como os participantes de um encontro face-a-face sinalizam o que dizem e/ou fazem, ou sobre como interpretam o que é dito e feito, sendo relevante para responder à questão "o que está acontecendo aqui e agora?" (op. cit.). Uma questão que aponta para dois tipos de indicadores contextuais: "aqui" direciona a interpretação para o contexto situacional; e "agora" para o momento em curso. A pergunta também representa uma meta-orientação sobre o que é contexto (op.cit.) e, especificamente, o contexto de comunicação. O autor afirma que o significado das ações sociais é definido em função desses princípios - os enquadres - que governam e organizam os eventos sociais.

A organização desses eventos sociais, realizados através da fala, ganha destaque na visão de Hymes (1972) em seu conceito de *evento de fala*, na perspectiva dos estudos da Etnografia da Comunicação. O autor define o evento de fala como uma atividade governada por regras que estabelecem o uso da fala em uma dada sociedade. Os eventos são tratados como encontros onde o que é dito é culturalmente restrito, associado a valores ideológicos em relação à expectativa sobre os princípios apropriados de conduta e modos de fala (GUMPERZ, 1999). Hymes (op.cit.) elabora a sigla SPEAKING, em que cada letra representa um elemento relevante para a análise do contexto: o S - *setting* - representa a cena ou cenário; a letra P, os participantes; a letra E - *end* - as metas da comunicação; a letra A, o ato de fala; a K – *key* - o tom da fala; a letra I - *Instrumentalities* - o registro do evento (oral/ escrito) e o código (dialeto); o N, as normas de interpretação e interação durante o evento e a letra G, o gênero do discurso.

Gumperz (1999), no âmbito da Sociolinguística Interacional, destaca o conceito de evento de fala de Hymes (1972) como uma contribuição relevante para a necessidade de se observar o contexto nas análises interacionais. No entanto, Gumperz (op.cit.) defende que essa noção, como caracterizada por Hymes (op.cit.), pode não revelar o dinamismo da interação. Como ressaltam Bauman e Scherzer (1974), a função da linguagem na proposta de Hymes é descrita em termos dos dados etnográficos coletados localmente, e suas descobertas são generalizadas para formular regras específicas dos eventos de fala. Dessa forma, a proposta torna-se insuficiente na análise das performances situadas dos participantes que emergem no encontro, definindo o que é relevante de fato para o evento.

Gumperz (op.cit.) utiliza, então, em substituição a evento de fala, o conceito de *tipo de atividade*, proposto por Levinson ([1979] 1992) para dar conta do contexto situacional em

que tal interação ocorre. Buscando representar o dinamismo do processo interacional na caracterização da atividade, Gumperz ([1982] 1998) afirma que:

> O termo atividade não é usado para representar uma estrutura estática, mas para refletir um processo dinâmico que se desenvolve e sofre alterações na medida em que os participantes interagem. O tipo de atividade não determina o significado, mas simplesmente restringe as interpretações, canalizando as inferências de forma a *ressaltar*[8] ou tornar relevantes certos aspectos do conhecimento prévio e de forma a diminuir a importância de outros.
>
> (GUMPERZ, [1982] 1998, p.99)

Gumperz (op.cit.) utiliza o termo tipo de atividade ou atividade para designar a unidade básica de interação socialmente relevante em termos da qual o significado é avaliado. O tipo de atividade, então, é a definição de uma atividade reconhecida culturalmente pelos participantes envolvidos, os quais focalizam uma meta bem definida, socialmente constituída, com limites, restrições de participantes e de contexto.

2.2.1. O Hibridismo Interacional

Sarangi (2000) postula que o tipo de atividade é um conceito que "tem proporcionado um esquema analítico de referência para os estudiosos da pragmática interacional e da análise do discurso" (op.cit., p.1). Com ênfase nos domínios institucional/ profissional do uso da linguagem, o autor argumenta que, além do tipo de atividade, há também que se observar o tipo de discurso na definição do contexto situacional, considerando-se que pode haver uma sobreposição dessas noções em alguns contextos:

> Enquanto o tipo de atividade é um meio de caracterizar contextos [...], o tipo de discurso é um meio de caracterizar as formas de fala [...]. A sobreposição entre tipo de atividade e tipo de discurso é mais aparente quando lidamos com aconselhamentos e terapias, porque ambos constituem um tipo de atividade e uma forma de discurso. Em outras palavras, o que consideramos como fala de aconselhamento ou terapêutica pode ocorrer em diversos tipos de atividades e, similarmente, sessões de terapia e aconselhamento lidam com diferentes tipos de discurso (recomendações, contar problemas).
>
> (SARANGI, 2000, p.2).

[8] Grifo no original.

Como forma de caracterizar essa sobreposição entre tipo de atividade e tipo de discurso, no nível interacional das definições contextuais, Sarangi (2000) propõe o conceito de *hibridismo interacional*. O autor sugere que os participantes e os analistas precisam estar sensíveis a essa noção que funciona como um mecanismo de entendimento de como certos tipos de discurso são sobrepostos dentro e através dos tipos de atividade. Ressalta ainda que essa conceptualização não é uma indicação de falha no enquadre do tipo de atividade. Pelo contrário, funciona como um reconhecimento de oposição a uma categorização idealizada do tipo de atividade (SARANGI, 2000, p.23).

A conceptualização de hibridismo interacional na definição do contexto é relevante a esta tese, pois possibilita caracterizar o tipo de atividade de forma mais ampla e condizente com o que ocorre de fato nos dados. O programa Roda Viva se apresenta como "um dos mais importantes programas de entrevista da televisão brasileira"[9], porém suas interações não apresentam apenas traços de uma entrevista, pelo menos não em seu formato tradicional. Como aponta Schegloff (1989), uma entrevista se caracteriza por possuir uma estrutura tradicional de pergunta-resposta, em que um participante se orienta para a pergunta e o outro para a resposta:

> O componente mais fundamental do que é considerado uma "entrevista" é o fato de uma parte perguntar e a outra parte responder. Não é que isso seja empiricamente estabelecido. Mas uma ocasião é progressivamente e metodicamente constituída e "realizada"[10] como uma entrevista por, entre outras coisas, uma orientação de que os participantes devem: um fazer perguntas e outro respondê-las.
>
> (SCHEGLOFF, 1989, p. 218)

Sendo assim, para realizar uma entrevista não basta rotulá-la como tal e sim conduzi-la através do padrão interacional pergunta-resposta durante o curso da atividade. Em meus dados, esse padrão interacional não se sustenta ao longo do encontro, exatamente pelo fato dos participantes não o conduzirem dessa forma, estando também presente o padrão interacional característico do formato de debate: *apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista*. Esses dois padrões interacionais que caracterizam uma entrevista e um debate, respectivamente, se apresentam na atividade de forma concomitante, através de situações de disputa que, muitas vezes, perpassam o formato da entrevista. Na definição de

[9] Esta citação pode ser encontrada na descrição do programa presente no site da TV Cultura, responsável por sua transmissão: http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva.
[10] Os grifos no original.

Sarangi (2000), estes padrões interacionais seriam os tipos de discurso que compõem um tipo híbrido de atividade.

O excerto abaixo, retirado da entrevista com o Ministro da Saúde José Gomes Temporão[11], que compõe o corpus, exemplifica esse posicionamento teórico que adoto nesta tese. Neste trecho, há um questionamento sobre um possível plebiscito que ocorreria no país para discutir a descriminalização/legalização do aborto como fato legal. Além do Ministro, participam também deste recorte os entrevistadores Paulo Markun, Demétrio Weber e Reinaldo Azevedo. Paulo Markun inicia o excerto perguntando o ponto de vista do Ministro sobre a questão discutida:

Excerto (1)
Entrevista José Gomes Temporão
Bloco III

198 →	Paulo Markun	em caso de existir plebiscito, o senhor vai votar a favor ou
199 →		contra o aborto?
200 →	Ministro	não sei! depende do debate=
201 →	Demétrio Weber	=mas ministro, o senhor que levantou o debate (0,2)
202		a lei já existe, o código penal de 1940 está aí,
203		diz os casos que podem e os que não podem.
204	Ministro	eu propus o debate (0,2) ou melhor, eu não propus o debate
205		não!
206		na realidade, no começo eu respondi essa questão,
207		isso me impressiona muito. não fui eu que lancei essa questão.
208		eu fui usado, na realidade, para que essa questão aparecesse.
209		ela está na cara de todo mundo. camelô no centro do rio de
210		janeiro vendendo medicamento. vende porque tem mercado (0,2)
211		as pessoas estão tomando, as mulheres estão usando,
		as mulheres estão morrendo.
212	Reinaldo Azevedo	ministro, eu que lhe dei os parabéns duas vezes,
213		vou brigar com o senhor agora (0,2)
214		o senhor é ministro da saúde. não pode dizer, como se fosse
215		eu, >que não sou nada< sou apenas um abelhudo, que estão
216		vendendo cytotec imagino, no rio de janeiro.
217 →	Ministro	isso é uma questão de polícia=
218 →	Reinaldo Azevedo	=é questão de governo, de política pública.
219	Ministro	mas no caso específico é uma infração grave à lei!
220		polícia. as pessoas estão comprando pela internet (0,2)
221		como você controla? é outro problema.

[11]Cabe mencionar que os termos "Ministro" e "ex-Ministro" são empregados em referência à relação ministerial dos entrevistados na época em que ocorreu a entrevista. Desta forma, José Gomes Temporão e Paulo Renato Souza são Ministros da Saúde e da Educação, respectivamente, enquanto José Dirceu é ex-Ministro da Casa Civil.

A pergunta realizada por Paulo Markun nas linhas 198 e 199 ao Ministro encontra uma resposta no turno seguinte: *não sei depende do debate* (l. 200). Essa resposta, ainda que não seja direta à pergunta, preenche o turno esperado de uma resposta no padrão interacional pergunta-resposta estabelecido na interação. Contudo, essa resposta é questionada no turno seguinte: *mas ministro o senhor que levantou o debate* (l. 201) em uma discordância direta ao fato do Ministro não responder claramente a pergunta. Na sequência, o padrão interacional pergunta-resposta é substituído por turnos que apresentam o padrão interacional *apresentação de ponto de vista* (*isso é uma questão de polícia* – l. 217) – *contestação do ponto de vista* (*é questão de governo, de política pública* - l. 218). Esses turnos marcam uma disputa que caracteriza o formato de debate, assim como a pergunta de Paulo Markun, no início do excerto, e a resposta do Ministro na sequência dos turnos caracterizam o formato entrevista.

O padrão interacional pergunta-resposta corresponde a pares de ação na interação. A realização de uma pergunta gera uma expectativa de uma ação de resposta. Nessa atividade de responder, pode ocorrer uma *não resposta*, isto é, uma resposta que não atende ao conteúdo proposicional da pergunta, que foge ao foco da pergunta. Nos termos de Costa (2010), essa não resposta é realizada através de práticas de evasão que podem ser abertas, quando o falante deixa explícito que não irá responder, ou encobertas, quando o falante tenta esconder a ação de não responder.

No excerto (1) acima, a resposta *não sei depende do debate* (l. 200) é considerada uma não resposta, em uma prática evasiva de fuga da apresentação do ponto de vista que pode ser ameaçador ao papel de Ministro como representante do governo. Essa prática evasiva pode se justificar, nessa atividade, devido aos papéis que os entrevistados desempenham, essencialmente o papel de político. Como mostram Bavelas et. al (2008), os políticos optam pela evasão de resposta nas entrevistas, pois geralmente as perguntas dos entrevistadores exigem um posicionamento claro por parte do entrevistado, o que comprometeria sua imagem pública. Por outro lado, os autores afirmam que, se os políticos também não produzem uma resposta, são julgados negativamente, o que os leva a optar pela evasão.

Por fim, deve-se considerar ainda na definição do tipo de atividade, característico desta tese, que as características sobrepostas de entrevista e debate são vinculadas ao gênero televisivo, em que outras estruturas situacionais – como a existência de uma audiência de massa – exercem uma forte influência nessa categorização. É notável no senso comum que uma entrevista de emprego, por exemplo, não engloba as mesmas características de uma entrevista televisiva, assim como um debate entre amigos ou em um ambiente de trabalho não possui as restrições de fala do debate televisivo. Portanto, definir o tipo de atividade de forma

"idealizada" (SARANGI, 2000), sem considerar os tipos de discursos sobrepostos, não capta a complexidade da atividade que compõe os dados, o que me leva a questionar que tipo de atividade é esta que analiso nesta tese.

2.2.2. As *Entrevistas de Notícias*

Muitos estudos vêm abordando a atividade das entrevistas televisivas em diversos formatos: as *entrevistas de notícias* (HERITAGE, 1985; CLAYMAN, 1988, 1992, 2010; EKSTRÖM e LUNDELL, 2009), os *painéis de entrevistas* (CLAYMAN, 2002a; EMMERTSEN, 2007), os *talk shows* (ILIE, 1999; HESS-LÜTTICH, 2007). Muitos desses estudos focalizam os aspectos de disputa de pontos de vista que emergem no curso dessas entrevistas.

No âmbito das entrevistas de notícias, Ekström e Lundell (2009) discutem que esse tipo de atividade se apresenta mais diverso e híbrido do que vem sendo abordado na literatura, isto é, como uma atividade comunicativa desenvolvida "para a coleta de informações" (p.1) geralmente vinculadas "a problemas relatados nos recentes eventos de notícia" (CLAYMAN, 2001, p.10463). Ekström e Lundell (2009) definem as entrevistas de notícias como:

> atividades de interação institucionalizadas em que os participantes são orientados para dois papéis discursivos distribuídos assimetricamente; o papel de perguntar do jornalista e o papel de responder do entrevistado. Nas entrevistas de notícias, os jornalistas fazem perguntas em nome da instituição que eles representam. As atividades são de uma forma ou de outra orientadas para a meta geral de fazer notícia. No entanto, uma análise mais detalhada descobrirá um número de diferentes atividades de entrevista nas produções de notícia.
>
> (EKSTRÖM e LUNDELL, 2009, p.5)

Esse "número de diferentes atividades de entrevista" é conceituado pelos autores como "formatos de fala" (p.10) que enquadra aspectos estruturais do formato da entrevista. O formato de fala, então, se refere ao conjunto de formas de como uma entrevista deve ser conduzida e apresentada para o telespectador. Diversos aspectos são relevantes para diferenciar os vários formatos de entrevistas:

> (1) se a entrevista é *ao vivo* ou *gravada*; (2) se a entrevista gravada será mostrada na forma de *longas sequências ou trechos* integrados no segmento da noticia; (3) se a entrevista é conduzida *face-a-face, via telefone ou via teleconferência*; (4) a *duração*

> da entrevista ao vivo; (5) *quantos entrevistados* participam na entrevista; (6) como a entrevista é *filmada*[12].
>
> (EKSTRÖM e LUNDELL, 2009, p.10-11)

É interessante notar nesses aspectos que diferenciam os tipos de entrevista é que eles podem ser aplicados a qualquer atividade de entrevista, seja ela parte de um noticiário, seja de um programa de entretenimento ou ainda em um programa de entrevistas em si. Os autores consideram que esses parâmetros de formato são aspectos essenciais da entrevista de notícia como um tipo de atividade e o que a torna híbrida é a diferença na abordagem desses aspectos ao longo da entrevista. Esses aspectos formam o enquadre e "afetam o que se espera que os participantes façam, e o que é entendido como uma contribuição legitimada na interação" (EKSTRÖM e LUNDELL, 2009, p.10).

A quantidade de participantes na entrevista é um dos pontos que Ekström e Lundell (op.cit.) apontam como característico do formato de "fazer um debate" (p.12). Contudo, a quantidade de participantes se refere ao número de entrevistados e não de entrevistadores. Os autores estabelecem uma relação com os *painéis de entrevistas* que se caracterizam pela presença de vários entrevistados que desempenham "papéis de adversários uns dos outros" (CLAYMAN, 2001, p.10644). Os painéis de entrevistas de notícias "podem envolver vários números de participantes, mas eles com frequência consistem de dois entrevistados que representam posições ideológicas e interesses políticos opostos" (CLAYMAN, 2002a, p.1386). Nesse formato de "fazer um debate", as perguntas do entrevistador são "construídas de tal forma que os entrevistados são convidados a formular pontos de vista indicando discordância. As questões são usadas como técnicas para polarizar e criar confrontação." (EKSTRÖM e LUNDELL, 2009, p.12).

Muito similar a esse formato de entrevista é o termo *entrevista-debate* usado por Emmertsen (2007) em sua análise das perguntas desafiadoras em painéis de entrevistas britânicos. A autora caracteriza a entrevista-debate pela "ocorrência de sequências de agravamento e não mitigadas de confronto entre os entrevistados" (p.570) e que tal confronto é realizado como um "resultado da polarização do entrevistador das posições dos entrevistados através do uso de perguntas desafiadoras e hostis" (p.570). Emmertsen (op. cit.) argumenta que a entrevista inicia no formato de painel, em que o entrevistador realiza uma pergunta a cada entrevistado, e estes respondem em seus turnos. Porém, tal sistema de turnos não se mantém no curso da interação, sendo alterado para um sistema de tomada-de-turno, em

[12] Grifos no original.

que pontos de vista contrários vão surgindo no discurso. Seguindo a abordagem da Análise da Conversa, a autora sugere então que:

> o tipo de entrevista de painel investigado [neste artigo] não pode ser adequadamente descrito por um único sistema de tomada-de-turno, mas sim por dois sistemas de tomada-de-turno que são normativamente invocados nos diferentes estágios da interação. O termo entrevista-debate se refere à organização da interação investigada que incorpora tanto a fala de confronto como a fala de entrevista de notícia.
>
> (EMMERTSEN, 2007, p.576)

Nota-se na sugestão de Emmertsen (op.cit.) que o termo entrevista-debate é fruto do desenvolvimento de uma atividade considerada híbrida, que apresenta tanto características de um painel de entrevista de notícia, como também aspectos de "fala de confronto", característico de um debate. A autora discute que a troca entre os sistemas de tomadas-de-turno - se o entrevistado se autosseleciona ou se é selecionado pelo entrevistador - ocorre principalmente devido à posição do entrevistador na condução das perguntas aos entrevistados. As perguntas desafiadoras geralmente incorporam uma crítica aos pontos de vista dos entrevistados, criando uma disputa e uma situação de hostilidade "que não é localmente ocasionada, mas uma parte padrão da interação. Hostilidade e confronto são meramente a forma ou o jogo da interação" (p.588).

O programa Roda Viva não se caracteriza como um painel de entrevista, uma vez que há apenas um entrevistado por edição. Contudo, o direcionamento, nos dados, das perguntas dos entrevistadores ao entrevistado, sem dúvida, são exemplos dessas perguntas instigadoras destacadas pela autora como ponto de partida para o "desafio da disputa" (EMMERTSEN, 2007, p.588). Quando, por exemplo, o entrevistador Reinaldo Azevedo questiona um dado apresentado pelo Ministro da Saúde José Gomes Temporão sobre a falta de preservativos nos postos de saúde, que serviriam como uma medida preventiva para evitar o aborto em decorrência de uma gravidez indesejada, o entrevistador realiza a seguinte pergunta:

Excerto (2)
Entrevista José Gomes Temporão
Bloco I

126	Reinaldo Azevedo	mas isso é então incompetência do ministério da saúde?

Nesta pergunta há, somado ao pedido de informação, um posicionamento crítico do entrevistador ao órgão do governo que o entrevistado representa. Como enfatiza Emmertsen (2007), essa pergunta cria uma disputa e uma situação de hostilidade, gerando uma situação de confronto na entrevista que faz parte do "jogo da interação" (p. 588).

A metáfora do jogo interacional ganha destaque na discussão de Lauerbach (2004) sobre as entrevistas políticas - com personagens da esfera política - como uma atividade híbrida com função de entretenimento: "politainment" (p.353). A autora defende que as entrevistas políticas são "jogos cooperativos" (p.390) entre os participantes, que na superfície parecem jogos desiguais, em que uma parte ganha e a outra perde. Contudo, sob essa superfície, esses jogos são cooperativos em que cada parte tem a ganhar, em uma relação de informação e entretenimento com a audiência:

> na entrevista política, um jogo de linguagem é jogado de acordo com as regras pelas quais tópicos de interesse são trazidos na forma de perguntas por uma parte, que recebe respostas de variados graus de despreferência[13] pela outra parte, e dessas respostas, a terceira parte, a audiência, para quem o jogo se realiza e pode inferencialmente construir suas interpretações e extrair algum prazer do processo na barganha.
>
> (LAUERBACH, 2004, p.390)

Há três pontos interessantes na discussão de Lauerbach (op.cit.) sobre esses jogos cooperativos nesta atividade híbrida: (i) o foco nos "tópicos de interesse"; (ii) a meta da atividade como entretenimento e (iii) a relevância da audiência como alvo de todo esse processo.

Os tópicos de interesse seriam aqueles conceituados pela autora, em um estudo posterior, de "tópicos controversos" (LAUERBACH, 2006, p.200), isto é, temas que por serem considerados problemáticos pelos participantes no âmbito da esfera pública dão margem a pontos de vista contrários no curso da entrevista. Esses tópicos são identificáveis na entrevista por serem marcados pela relação entre a evasão dos entrevistados, através de estratégias defensivas, e a insistência do entrevistador, ambas as atitudes realizadas em complexas estruturas de pergunta e resposta (op.cit.). No excerto (1), apresentado na subseção 2.2.1. p.29, é exemplificada essa questão quando o entrevistado se evade da resposta à pergunta sobre ser favorável ou não ao aborto e contesta a insistência dos entrevistadores à

[13] A autora se baseia nos preceitos da Análise da Conversa em suas conceptualizações, além de considerar outras vertentes linguísticas como a "linguística funcional sistêmica, a análise do discurso e a pragmática" (LAUERBACH, 2004, p.353).

questão, exatamente pelo tópico sensível ao seu papel de Ministro da Saúde. Nos dados desta tese, os tópicos controversos estão presentes e guiam a interação entre os participantes no curso do programa.

A questão da notícia como entretenimento vem sendo abordada nos estudos voltados às entrevistas de formato *talk shows.* Hess-Lüttich (2007) discute a questão da produção dos talk shows como "conversas de espetáculo"[14] (p.1.361) que são encenadas para o espetáculo endereçado a uma audiência. Essas conversas de espetáculo são "pseudo-conversas" (p.1.363), "uma pseudo-disputa de adversários" (op.cit.), caracterizando-se também como uma atividade híbrida, em que elementos de "debate político e entrevista" (p. 1.367) são combinados para formar "o entretenimento de quem está assistindo ao jogo: o jogo do *confrontainment*" (p.1.368). Novamente entra em questão a metáfora do jogo cooperativo nesta pseudo-disputa, em que se considera "o debate como uma cooperação entre inimigos, uma forma de contra-operação por cooperação" (p.1.362). Nos dados do autor, a audiência funciona como alvo direto do espetáculo, principalmente a audiência do estúdio, a plateia, que se manifesta em diversos estágios da interação, vaiando, aplaudindo e/ou rindo (p.1.368).

Essa audiência de estúdio participativa não está presente nos dados desta tese, assim como a função de espetáculo da entrevista em formato de debate. Contudo, a questão do entretenimento é uma discussão interessante que pode ser aplicada ao tipo de atividade analisado aqui, uma vez que este é vinculado ao gênero televisivo, que tem como alvo uma audiência que nem sempre tem como seu objetivo principal extrair informação transmitida pelo programa, mas sim ter algum entretenimento proveniente de tal transmissão de informação. A audiência e o entretenimento, então, são dois pontos relevantes considerados na produção de um programa. No caso das entrevistas, como elas são "produzidas para uma audiência *overhearing*" (HERITAGE, 1985, p.112), isto é, uma audiência que não é presencial, os entrevistadores não se consideram os endereçados verdadeiros da fala dos entrevistados (op.cit.), assim como os entrevistados sabem que "falam para duas audiências, não só para um coparticipante imediato, mas também para uma audiência invisível" (TOLSON, 2006, p.10-11). Sendo assim, a audiência de certa forma orienta a conduta interacional dos participantes envolvidos no programa.

Nos dados da tese, há trechos que apontam para essa preocupação com a audiência. O excerto a seguir, por exemplo, foi retirado da entrevista com o ex-Ministro José Dirceu. Neste trecho, o jornalista Augusto Nunes faz menção a uma situação ocorrida com uma

[14] O autor utiliza o termo *Show Conversations*.

assembleia de professores em São Paulo, na campanha do então governador Mario Covas (l.128-129). Nesta situação, é atribuída ao Dirceu uma frase que teria uma conotação negativa para a opinião pública, fato este considerado e negado pelo entrevistado (l.130-131; 133-134):

Excerto (3)
Entrevista José Dirceu
Bloco II

128→	Augusto Nunes	você disse na campanha do mário covas "eles precisam
129→		apanhar [na RUA e na urna", tá gravado]
130→	Ministro	[não eu não disse na campanha do]
131→		mário covas [nada disso]
132	Augusto Nunes	[tá gravado!]
133→	Ministro	mas não é isso o que você está dizendo.
134→		que aí o teles[pectador vai achar que-]
135	Augusto Nunes	[mas como dirceu?]
136	Ministro	estava numa assembleia de professores-
137	Augusto Nunes	quem era que vai- que deveria apanhar?
138	Ministro	de uma entidade (0,2)
139	Augusto Nunes	nós?
140	Ministro	o:: (0,2) eu usei a expressão apanhar, como posso usar outra
141		como vencer e derrotar. quando?
142		que que tem na minha vida=
143	Augusto Nunes	=apanhar tem outro significado.
144	Ministro	não. que que tem na minha vida? (0,2) eu tô quarenta anos
145		na vida pública, quarenta e cinco agora. já se foram cinco
146		anos. eu fui deputado. fui deputado federal, estadual,
147		fui ministro-

Este excerto mostra claramente a preocupação do entrevistado com a audiência e com o julgamento que esta realiza como opinião pública. Essa preocupação da audiência como alvo do discurso, assim como os aspectos estruturais que definem o formato da entrevista são questões relevantes na definição do tipo de atividade em análise nesta tese.

A partir das questões discutidas nesta seção, o programa Roda Viva pode ser caracterizado como uma atividade de caráter híbrido, que apresenta aspectos de uma

entrevista de notícias, assim como traços de uma disputa de pontos de vista. Nesta atividade, perguntas e respostas vão sendo formatadas de acordo com a meta de defesa de pontos de vista em relação aos temas abordados. Frequentemente, as perguntas dos entrevistadores são formuladas de tal forma a obter, dos entrevistados, opiniões contrárias e desafiadoras em relação aos tópicos em andamento. Assumo, então, o termo *entrevista-debate* (EMMERTSEN, 2007) para fazer referência à atividade em análise nos dados, acreditando assim identificá-la de forma mais precisa com o que ocorre no processo interacional da atividade sob análise.

3. ORIENTAÇÃO TÉORICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo, apresento a orientação teórico-metodológica que sigo como alicerce da análise dos dados, considerando que a escolha da "teoria e dos métodos empregados reflete a visão de mundo adotada pelo pesquisador e interfere nos resultados da pesquisa" (DIVAN, 2011, p. 54). Portanto, "além de determinar o objeto de estudo, é preciso também especificar o olhar que será lançado sobre ele" (op.cit.).

A abordagem teórica que fundamenta a presente tese se baseia em uma perspectiva interacional em Linguística. A proposta de uma Linguística Interacional é apresentada no trabalho de Couper-Kulen e Selting (2001), no qual as autoras congregam abordagens em estudos do discurso que comungam do pressuposto de que a interação social é o lugar em que a linguagem em uso se constitui como uma forma de ação social. Dentre as disciplinas que adotam essa perspectiva interacional em estudos da linguagem, assumo alguns dos postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística Interacional e da Análise da Conversa, principalmente no que tange à forma como essas disciplinas lidam com as ações discursivas que emergem no curso da interação.

No capítulo anterior, destinado à teoria que norteia este estudo, os conceitos teóricos discutidos foram ancorados na perspectiva da Sociolinguística Interacional, que propõe o estudo da organização social do discurso em interação, no que concerne aos estudos sociais, culturais e individuais das práticas comunicativas, ressaltando a construção situada e conjunta do significado no discurso. Esta abordagem é relevante a esta tese porque assumo a visão da construção do significado como uma forma de ação social, em que a natureza constitutiva da negociação e da coconstrução do discurso operam em processos interacionais, onde a realidade é construída nas relações sociais, num processo dinâmico e contínuo, e é trazida à tona através das interpretações das pessoas.

A seguir, apresento as contribuições da Análise da Conversa, as quais utilizo como ferramentas de análise. Posteriormente, discorro sobre as unidades de análise e a natureza da pesquisa. Por fim, me dedico ao contexto da pesquisa.

3.1. Contribuições da Análise da Conversa

Uma das grandes contribuições da Análise da Conversa (AC) aos estudos da linguagem é apresentar como propriedade importante da interação verbal, o fato de que a

comunicação é organizada sequencialmente em sistemas de tomadas-de-turno (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974).

Os analistas da conversa mostram que a sequencialidade das elocuções permite que a conversa prossiga num fluxo temporal, já que cada nova elocução é uma nova contribuição para a interação em andamento. A produção de um enunciado seguido de outro orienta os falantes no decorrer da interação, organizando a distribuição de turnos em torno de lugares relevantes de transição, determinados por pontos de possível finalização de unidades de construção de turnos em curso (op. cit.). Ao encontrar o ponto de transição, o falante corrente pode selecionar o próximo falante, este pode se autosselecionar ou o primeiro pode continuar se autosselecionando, não permitindo assim a troca de falante.

Essa organização das trocas de turnos conversacionais pode também ser estendida a outros tipos de fala-em-interação, como as entrevistas, debates, coletivas de imprensa, aulas, julgamentos, cerimônias religiosas e assim por diante (op. cit.); uma vez que nesses eventos chamados "formais ou não espontâneos" (DURANTI, 1997, p. 257), os participantes utilizam mecanismos semelhantes ou até iguais aos usados na conversa espontânea, no processo de sequencialidade e de sucessão de falantes para saber quando começar e terminar sua fala.

É evidente, no entanto, que as interações institucionais apresentam restrições sobre as tomadas de turno entre os interagentes, já que a fala tende a ser mais controlada nesse contexto se comparada à fala espontânea, em que a tomada-de-turno pode variar livremente (HUTCHBY e WOOFFITT, 1998). O gerenciamento do turno, portanto, é sensível às diferenças do contexto de fala. Em situações de disputa em contextos institucionais (HUTCHBY, 2011), esse gerenciamento de turno envolve uma terceira parte - o mediador - que geralmente aloca o direito de fala e coordena as seleções de falantes ao longo dos turnos. É por esta razão que Hutchby e Wooffitt (1998, p.160) consideram os contextos institucionais "sistematicamente assimétricos" em contraste com a conversa espontânea, exatamente por essas relações não igualitárias nos turnos de fala, onde os participantes desempenham papéis institucionais que são demonstrados na "forma da fala em que estão engajados" (HUTCHBY e WOOFFITT, 1998, p.149).

Hutchby (1996, 2001, 2011) argumenta que, nas situações de disputa - seja na fala espontânea ou na institucional -, é central considerar o que o autor denomina de sequência de *ação-oposição*, que seria a principal unidade sequencial em um argumento, na qual as ações que podem ser construídas como contestáveis se apresentam de forma oposta ao turno anterior. O autor define essa sequência de turnos como um processo em que "a elocução de

um falante é tratada como uma *ação* contestável a qual se opõe o interlocutor; o movimento de *oposição* é tratado como a *ação* da próxima sentença" (HUTCHBY, 2011, p.351).

Essa sequência de ação-oposição se reflete no padrão interacional *apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista*, que caracteriza o aspecto híbrido das entrevistas que compõem o corpus desta tese. Outro padrão interacional é formado pelo par pergunta-resposta, que, tradicionalmente, compõe a sequencialidade de uma entrevista. Esses padrões interacionais são os pares adjacentes, definidos como "uma sequência de duas elocuções próximas (adjacentes) uma da outra e produzidas por dois falantes diferentes" (SCHEGLOFF e SACKS [1973] 1984, p.74). Os pares adjacentes projetam ações específicas em reposta a um turno anterior: uma pergunta, por exemplo, projeta em resposta uma resposta; um pedido, uma aceitação ou recusa; uma saudação, outra saudação, e assim por diante.

O par adjacente forma uma sequência mínima de conversa, em que uma primeira ação projeta como resposta uma segunda ação, definindo o enquadre interpretativo (DURANTI, 1997) da interação:

> [o par adjacente] é uma ferramenta fundamental que os próprios participantes usam para interpretar as ações uns dos outros. (...) Quando os falantes produzem a primeira parte de um par adjacente, criam um enquadre interpretativo no qual o que acontece a seguir não está limitado apenas a 'uma resposta' ou um 'segundo lance'[15], mas uma demonstração de como o interlocutor interpretou a primeira parte do par.
>
> (DURANTI, 1997, p. 254-255).

Dessa forma, quando a segunda parte do turno (SPP) do par adjacente se apresenta como oposta à primeira parte do turno (PPP) significa que a ação da PPP foi interpretada pelo falante da SPP como contestável, e, portanto, merecedora de uma ação de oposição ao turno proferido. Cria-se então um enquadre interpretativo de disputa que não só guiou as ações dos turnos já proferidos, como guiará as ações subsequentes.

A organização dos pares adjacentes é, portanto, "um arcabouço de conduta recíproca, em que ação e interpretação estão inextricavelmente entrelaçadas" (GOODWIN e HERITAGE, 1990, p.288). Cada participante analisa o curso de desenvolvimento das ações um do outro a fim de produzir uma ação recíproca adequada. Os pares adjacentes são mecanismos importantes para o estabelecimento da "intersubjetividade, isto é, o entendimento mútuo e a coordenação em torno de uma atividade comum" (DURANTI, 1997, p. 255).

[15] Grifos no original.

Considero então a sequencialidade, as tomadas-de-turno e os pares adjacentes, que compõem os dois padrões interacionais (pergunta-resposta e apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista) dos dados como unidades de análise. Contudo, há outras unidades também utilizadas neste estudo que menciono a seguir:

3.2. Unidades de Análise

Esta tese opera com três conceitos centrais: papel, posição e atividade híbrida. Por papel, tomo a categorização oferecida por Sarangi (2010, 2011a, 2011b), em que papel pode ser realizado em três níveis na interação: papel social, papel de atividade e papel discursivo. Papel social se refere ao *status* social que o participante possui em seu meio social. O papel de atividade é dependente da atividade, caracterizando-a, e o papel discursivo são as ações discursivas realizadas pelo participante na interação.

Nesta abordagem, papel é dinâmico, interacional e relevante à atividade, havendo uma relação de interdependência entre eles. Vários papéis são manifestados no encontro, e às vezes, de forma concomitante, o que leva ao conceito de hibridismo de papel (SARANGI, 2010, 2011a, 2011b), que envolve os possíveis papéis que um indivíduo pode desempenhar em uma interação. Essa manifestação de papéis gera duas categorizações: o conjunto de papéis – um único status desempenha distintos papéis - e os múltiplos papéis – vários status sociais desempenhados por um indivíduo (op.cit.).

Assumo também como unidade de analise o conceito de hibridismo de atividade – hibridismo interacional (op.cit.) -, adotando o termo entrevista-debate (EMMERTSEN, 2007) para definir o tipo híbrido de atividade que analiso, em que dois padrões interacionais atuam em conjunto na atividade: o padrão pergunta-resposta, característico de uma entrevista, e o padrão apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista, que define o formato debate.

As noções de posição e posicionamento são conceitos analíticos que, nesta tese, são inter-relacionados com a noção de papel. Seguindo os estudos de Weizman (2008), adoto a premissa de que o conceito de posicionamento – processo discursivo pelo qual as pessoas são localizadas/ posicionadas na interação (LANGENHOVE e HARRÉ, 1999) – opera em conjunto com a noção de papel, na qual posicionamento pressupõe o papel, uma vez que os interagentes constantemente posicionam e reposicionam a si e aos outros no discurso, dinamicamente.

3.3. Natureza da pesquisa

A abordagem adotada nesta pesquisa é de cunho qualitativo e interpretativo, baseada em um estudo de caso.

A pesquisa qualitativa tem a finalidade de documentar os eventos diários, em detalhes, e entender o que esses eventos significam para os participantes e para os indivíduos que os presenciam (ERICKSON, 1998). Este método tem o foco na qualidade, isto é, no que se destaca na vida social, em termos da qualidade da ação social e do significado.

De acordo com Erickson (1998), no método qualitativo de pesquisa, os conceitos e as teorias emergem dos dados e são exemplificados neles, em um processo de inter-relação. De acordo com o autor, a abordagem qualitativa busca descrever as principais ocorrências nos dados e as relaciona com o contexto social mais amplo, para que sirvam de exemplo concreto dos princípios abstratos que regem a organização social.

A pesquisa de cunho interpretativista é aliada à abordagem qualitativa, pois dentro da pesquisa interpretativista, a ação social é inerentemente significativa e o que interessa é o fator qualitativo. Assim, para analisar a ação social, o pesquisador precisa compreender o seu significado, interpretando o que os atores sociais estão fazendo (SCHWANDT, 2006).

Essa interpretação do que é feito para a construção do significado é realizada, nesta tese, em um estudo de caso. Como ressalta Hartley (2004), os estudos de caso são investigações detalhadas de um fenômeno, em um pano de fundo que fornece bases teóricas para as questões de estudo. O estudo de caso tem como objetivo descobrir padrões e significados, fornecendo as bases para o desenvolvimento das conclusões e para a construção de uma teoria.

3.4. O contexto da pesquisa: o programa *Roda Viva*

O programa *Roda Viva*, em que o corpus foi gerado, se apresenta[16] como um dos mais importantes programas de entrevista da televisão brasileira. No ar desde 1986, oferece aos telespectadores a possibilidade de conhecer o trabalho de personalidades nacionais e estrangeiras sobre as mais diversas áreas do conhecimento: artes, política, economia, cultura, esportes, educação e saúde. Em seus vinte e sete anos de transmissão, possui um acervo

[16] É possível ler sobre essa apresentação, assim como ter acesso ao acervo do programa através do site http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva

precioso de entrevistas que o leva a ser considerado "um marco no debate democrático e reflexivo em torno de temas e ideias" (cf. nota anterior).

Essa abrangência de "temas e ideias" foi um dos motivos para a escolha deste programa como fonte de dados desta tese. Outro ponto importante para essa escolha se deve à facilidade de acesso às edições do programa, pois além do site oficial estar constantemente atualizado com vídeos e relatos das entrevistas, é possível também encontrá-las em sites de ampla divulgação como o *youtube*, o que facilita a busca pelos dados.

O programa *Roda Viva* é transmitido pela TV Cultura de São Paulo e também pela internet em formato on-line toda segunda-feira a partir das 22h. O programa tem duração aproximada de uma hora e meia, dividido em três ou quatro blocos.

O cenário do programa lembra exatamente uma "roda", na qual o entrevistado se posiciona no centro, cercado pelos entrevistadores, em um formato de arena, de onde responde às perguntas dos entrevistadores, selecionados entre jornalistas dos principais veículos da imprensa brasileira, bem como especialistas na área de atuação do entrevistado. Todos os entrevistadores possuem carreiras profissionais vinculadas ao tema que será debatido. Por exemplo, se o assunto é o judiciário, os jornalistas e/ou especialistas convidados trabalham em algum meio de informação da área jurídica ou são formados na área.

Para fins de análise, foram gravadas três edições do programa entre os anos 2000 a 2010. Esse amplo período de tempo se justifica por possibilitar a colheita de temas e discussões provenientes de épocas distintas do cenário político-social brasileiro, além é claro da vasta gama de entrevistadores e entrevistados que passaram pelo programa durante esses dez anos observados.

Na busca pelas edições que seriam usadas nesta tese, escolhi àquelas que tinham a política como tema central, na pressuposição de que esse tema possui uma ampla discussão de pontos de vista, extremamente opostos uns aos outros. Procurei identificar também, entrevistados que fossem relevantes ao cenário político brasileiro, na discussão de temas de relevância em momentos delicados da política, em que o cidadão precisava formar opiniões sobre certos assuntos, de teor inclusive social.

As três edições selecionadas perpassam um cenário político que abrange o período de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), os dois mandatos do presidente Luiz Inacio da Silva, o Lula, e a eleição da atual presidente Dilma Houssef. Esse cenário é composto por mudanças políticas importantes na democracia brasileira: (i) uma mudança, pelo menos teórica, de partidos políticos que tradicionalmente se mantiveram em lados opostos de governo; (ii) o marco da chegada de Lula ao poder, através do Partido dos

Trabalhadores (PT), que era o símbolo da oposição política e da promessa de um governo direcionado ao trabalhador, aos menos favorecidos e (iii) o fato histórico do País ter como Presidente uma mulher. Acredito que essas mudanças significativas tornam as edições dos programas selecionadas mais interessantes, ainda que os temas não girem especificamente em torno de cada um desses itens.

As três edições que compõem o corpus se apresentam diferentes em seus aspectos estruturais. Enquanto a base que sustenta o programa permanece - como o cenário em formato de roda, a presença de um entrevistado e vários entrevistadores, um deles na função de apresentador, a participação da audiência através de perguntas e comentários via internet –, alguns aspectos estruturais são diferenciados entre as edições, como, por exemplo, a quantidade de entrevistadores que é alterada a cada edição, inclusive havendo participantes fixos em uma das edições, isto é, entrevistadores que durante um período do ano compõem de forma permanente a mesa do programa. Os apresentadores do programa também variam nas edições, assim como a quantidade de blocos em que o programa é exibido.

Após a seleção das edições de análise, foi realizado o processo de transcrição dos dados, utilizando as convenções de transcrição baseadas na Análise da Conversa (ATKINSON e HERITAGE, 1984), incorporando símbolos sugeridos em Schiffrin (1987) e em Tannen (1989), no âmbito da Análise do Discurso. Acredito que uma transcrição que dê conta de registrar as elocuções dos participantes, tal como foram produzidas, considerando as interrupções, sobreposições, risos e outros fenômenos de fala, torna a análise mais precisa, de forma clara e sistemática, das ocorrências as quais se pretende analisar. Em anexo encontram-se as convenções utilizadas.

Cabe mencionar que o uso desses dados foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFJF) desta universidade, a qual a tese se afilia, sob o parecer de número 086/2011, que anexo cópia no fim deste estudo.

A seguir, apresento separadamente as edições analisadas e os participantes que as compõem.

3.4.1. Entrevista com Paulo Renato Souza

A entrevista com o Ministro da Educação Paulo Renato Souza[17] ocorreu em 24 de janeiro de 2000, tendo como apresentadora do programa a jornalista Mônica Teixeira.

Paulo Renato foi Ministro da Educação do governo FHC entre 1995 e 2002. Neste período de Ministério, foi responsável pela criação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Formado em Economia, Paulo Renato foi Reitor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na década de 80[18].

A entrevista foi dividida em três blocos e contou com a participação de seis entrevistadores, além da apresentadora que também acumula o papel de entrevistadora. Apresento a seguir esses participantes:

(1) Mônica Teixeira: jornalista e apresentadora do programa.
(2) Fernando Rosseti: jornalista, coordenador de programas no Instituto Ayrton Senna e no Projeto Aprendiz.
(3) Marcos Antônio Araújo: jornalista, diretor de redação da revista *Educação* e coordenador do curso de jornalismo da Faculdade Casper Libe.
(4) Brasilis Salles Junior: sociólogo e coordenador de pós-graduação e Sociologia da USP.
(5) Guiomar Namo de Mello: educadora, diretora executiva da Fundação Vitor Civita e integrante do Conselho Nacional de Educação.
(6) André Laós: jornalista e editor de economia da revista *Exame*.
(7) Gilberto Nascimento: jornalista e editor de educação da revista *Isto É*.

É interessante observar que a maioria desses entrevistadores possui vínculo profissional com o tema da educação, que é o ponto central da entrevista. Já o jornalista André Laós possui a mesma formação profissional do entrevistado, que é economista, o que corrobora a afirmação de que os componentes da mesa do Roda Viva são profissionais

[17] Os dados da entrevista com o Ministro Paulo Renato Souza foram cedidos a esta tese gentilmente pela Profª Dra. Amitza Torres Vieira.
[18] A identificação dos participantes das três entrevistas, sejam entrevistados ou entrevistadores, foi retirada de duas fontes: a própria entrevista, que apresenta o componente da mesa, e buscas na internet, quando precisei obter informações mais precisas sobre o participante. Das informações coletadas, fiz um resumo e apresento nesta seção as que considero relevantes.

capacitados para a discussão dos temas apresentados, já que compartilham, de algum modo, experiências com a área profissional do entrevistado.

3.4.2. Entrevista com José Gomes Temporão

A entrevista com o Ministro da Saúde José Gomes Temporão ocorreu em 14 de julho de 2007, tendo como apresentador do programa o jornalista Paulo Markun.

O médico José Gomes Temporão foi Ministro da Saúde do governo Lula entre os anos de 2007 e 2010. Participou do movimento sanitarista no final dos anos 80, que resultou na criação do SUS, o Sistema Único de Saúde. Ocupou vários cargos de secretariado na área da saúde durante sua vida pública até chegar ao Ministério em 2007.

A entrevista foi dividida em quatro blocos e contou com a participação de sete entrevistadores, incluindo o apresentador:

(1) Paulo Markun: jornalista e apresentador do programa.
(2) Reinaldo Azevedo: jornalista da revista *Veja* e do blog *Reinando Azevedo*; apresenta-se como jornalista de orientação política conservadora, possuindo uma posição crítica ao governo Lula.
(3) Cristiane Segatto: jornalista da revista *Época*, atuando na área da saúde.
(4) Laura Greenhalgh: jornalista, editora executiva do jornal *O Estado de São Paulo* e editora do caderno *Aliás*.
(5) Laura Capriglione: repórter do jornal *Folha de São Paulo*.
(6) Demétrio Weber: repórter do jornal *O Globo*.
(7) Alexandre Machado: comentarista de política da *TV Cultura*.

Nota-se também a relação profissional estabelecida entre alguns entrevistadores com o tema da saúde debatido e/ou com o tema político, tendo inclusive um deles – Reinaldo Azevedo –, assumido uma postura crítica em relação ao governo Lula, ao qual é filiado o entrevistado.

3.4.3. Entrevista com José Dirceu

A entrevista com o ex-Ministro da Casa Civil José Dirceu ocorreu em 01 de novembro de 2010, um dia após a eleição da atual presidente Dilma Rousseff. A apresentação do programa ficou a cargo da jornalista Marília Gabriela.

O advogado José Dirceu foi Ministro do governo Lula entre 2003 e 2005. Neste ano teve seu mandato de deputado federal cassado após o escândalo do Mensalão, no qual foi acusado de ser o mentor do processo de suposta compra de votos entre os deputados que formavam a base de apoio ao governo Lula. Atuante na vida pública desde os anos 60, exerceu vários cargos políticos, sendo um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT) nos anos 80. Com a cassação, tornou-se inelegível até o ano de 2015. Contudo, continua atuante e influente no PT, ainda mais com a continuação do partido na presidência do país, na pessoa de Dilma Rousseff.

A entrevista foi dividida em quatro blocos e contou com a participação de cinco entrevistadores: a apresentadora, dois titulares do programa, isto é, os jornalistas que, neste período, possuíam uma cadeira fixa no programa e dois convidados. Abaixo, listo os entrevistadores:

(1) Marilia Gabriela: jornalista e apresentadora do programa.
(2) Paulo Moreira Leite: jornalista e titular do programa. Atuou como redator chefe da *Veja* e diretor de redação da *Época*. Colunista da revista *Época*.
(3) Augusto Nunes: jornalista e titular do programa. Foi diretor de diversas revistas e jornais, como *Veja, Época, Jornal do Brasil* e *O Estado de São Paulo*.
(4) Guilherme Fiuza: jornalista e colunista da revista *Época*.
(5) Sérgio Lírio: jornalista e redator chefe da revista *Carta Capital*.

Como o tema desta edição girou em torno da própria figura do ex-Ministro José Dirceu e não necessariamente em torno de áreas temáticas como a educação e a saúde, como nas outras edições em análise, diversos tópicos foram abordados em relação a sua participação na vida política do país, principalmente no cargo de Chefe da Casa Civil do governo Lula. Sendo assim, os entrevistadores não são especialistas em áreas específicas, como nas outras edições, e sim jornalistas que atuam em revistas extremamente críticas como a *Época* e a *Veja*.

4. ANÁLISE

Este capítulo é destinado à análise dos dados. Na primeira seção, dou ênfase ao aspecto híbrido que define esta atividade: a entrevista-debate. Caracterizando esse hibridismo, discuto quatro aspectos que norteiam a atividade em análise. Primeiro, analiso a sequencialidade no par pergunta-resposta, para em seguida apresentar os diferentes formatos de perguntas encontrados nos dados. Nas duas últimas subseções, analiso os turnos sem perguntas dos entrevistadores e os tópicos controversos que contribuem para esta caracterização.

A segunda parte desta análise trata da dinamicidade dos papéis e posições manifestados na interação. Analiso, em um primeiro momento, o papel social do entrevistado. Em seguida, examino o papel de atividade do entrevistador, em uma relação entrevistador-entrevistado, e sua relação com o papel discursivo.

4.1. A atividade: entrevista-debate

No capítulo teórico desta tese, foi apresentada e discutida a noção de hibridismo interacional proposta por Sarangi (2000), como um mecanismo facilitador de entendimento de como determinados tipos de discursos são sobrepostos dentro e através dos tipos de atividades. Este conceito possibilita caracterizar as atividades de forma híbrida, quando assim se apresentam, isto é, uma atividade que não tem uma definição dada *a priori*, idealizada e estática, e sim, uma definição baseada na interação e nos tipos de discursos que emergem no contato entre os participantes.

Considerando o hibridismo interacional na definição da atividade em análise, assumi, ainda no capítulo teórico, o termo entrevista-debate (EMMERTSEN, 2007) para fazer referência à atividade híbrida que define o programa Roda Viva em que o corpus é gerado. Para esta definição, considero quatro aspectos estruturais: (i) a sequencialidade do par pergunta-resposta; (ii) o formato da pergunta; (iii) o ponto de vista dos entrevistadores e (iv) os tópicos controversos. Analiso a seguir, separadamente, esses aspectos estruturais.

4.1.1. O par pergunta-resposta: a sequencialidade

Na discussão teórica de Ekström e Lundell (2009) sobre a caracterização do formato "fazer um debate" (p.12) em entrevistas de notícias, os autores defendem que as perguntas do entrevistador são elaboradas de forma a conduzir os entrevistados a formular pontos de vista indicando divergência, o que torna estas perguntas mecanismos utilizados na criação da confrontação entre os convidados (op.cit.). No formato de entrevista, as perguntas são de natureza "desafiadora e hostil" (EMMERTSEN, 2007, p. 570) e frequentemente incorporam uma crítica aos pontos de vista dos entrevistados, criando uma disputa e uma "situação de hostilidade" (op.cit., p.588). Em meus dados, de apenas um entrevistado e geralmente cinco entrevistadores por edição de programa, a estratégia da pergunta desafiadora também é usada como meio de polarizar pontos de vista, no entanto, a oposição se dá entre entrevistadores e entrevistado.

Nem todas as perguntas realizadas pelos entrevistadores do programa são de natureza desafiadora, isto é, nem todas buscam polemizar temas ou pontos de vista dos entrevistados e entrevistadores. Há perguntas que possuem a meta de buscar informação, a qual se pressupõe que seja parte do território informacional do entrevistado, isto é, parte de sua especialidade profissional em relação ao cargo que ocupa ou ocupava. Contudo, para diferenciar as perguntas que são do território informacional daquelas que são de natureza desafiadora se faz necessário observar a sequencialidade dos turnos em seus pares pergunta-resposta na interação, o que torna possível analisar o contexto em que a pergunta é realizada e a avaliação que o entrevistado faz desta pergunta em seu turno de resposta.

Inicio esta análise, então, com um exemplo de perguntas que possuem a meta interacional de obter informação, sendo desta forma entendida pelo entrevistado que as responde no turno em sequência. O exemplo abaixo é destacado da entrevista com o Ministro[19] da Saúde José Gomes Temporão que é inquirido pela jornalista Laura Greenhalgh. Neste trecho da entrevista, está em pauta a discussão sobre o plebiscito que permitiria debater a legalização do aborto ou a sua descriminalização. A jornalista, então, nas linhas 199 e 204, realiza duas perguntas sobre este tema ao Ministro na sequência dos turnos:

[19] Cabe lembrar que os termos "Ministro" e "ex-Ministro" são empregados em referência à relação ministerial dos entrevistados na época em que ocorreu a entrevista. Desta forma, José Gomes Temporão e Paulo Renato Souza são Ministros da Saúde e da Educação, respectivamente, enquanto José Dirceu é ex-Ministro da Casa Civil.

Excerto (1)
Entrevista José Gomes Temporão
Bloco I

199	→	Laura	o senhor acha que a classe médica vai aderir a este debate?
200	→	Ministro	olha! (0,5) a sociedade de especialistas e as entidades que
201			representam os médicos, se posicionaram apoiando a minha
202	→		proposta. isso não quer dizer que necessariamente os 320 mil
203			médicos brasileiros tenham na sua maioria essa posição=
204	→	Laura	=o senhor está recebendo manifestações?
205		Ministro	eu recebi manifestações de dezenas de entidades, inclusive de
206			mulheres da ordem dos advogados do brasil (0,2) todo o conjunto
207			de movimentos feministas, muitas entidades- fora brasília no
208			meio da semana passada, que foi entregue ao presidente da
209			república, de apoio.

Os dois turnos da entrevistadora são compostos por apenas perguntas, não havendo sustentação nem fundamentação a essas perguntas em seus turnos. A fundamentação da pergunta decorre da própria sequencialidade da interação, visto que o turno anterior ao primeiro turno da jornalista é um turno de resposta do Ministro, no qual defende a necessidade de um debate na sociedade brasileira sobre a questão do aborto. A pergunta *o senhor acha que a classe médica vai aderir a este debate?* (l. 199) vem exatamente buscar informação do entrevistado sobre a opinião da classe médica sobre o assunto, entidade esta a qual o entrevistado também é associado no papel de médico sanitarista. O Ministro responde à pergunta e transmite a informação de que sua decisão de levar à frente a discussão sobre o aborto é apoiada pelas entidades médicas: *a sociedade de especialistas e as entidades que representam os médicos se posicionaram apoiando a minha proposta* (l. 200-202). Esta informação gera uma nova pergunta de teor também informacional: *o senhor está recebendo manifestações?* (l. 204). Com esta pergunta, a entrevistadora quer confirmar a informação dada e obter um maior esclarecimento sobre o ponto de vista das entidades médicas, isto é, de que forma factual este ponto de vista é dado. O entrevistado, então, apresenta em seu turno de resposta as entidades que se manifestaram a favor de sua proposta, indicando assim sua avaliação da pergunta como uma busca por informação específica das suas funções.

No exemplo a seguir há outra sequência da entrevista com o Ministro da Saúde, ainda na discussão do tema da legalização/descriminalização do aborto. Nessa sequência, constam duas perguntas cujas bases proposicionais possuem um teor desafiador para o entrevistado. Ao contrário do exemplo anterior, a primeira pergunta do entrevistador Reinaldo Azevedo é precedida por uma sustentação que é centrada no ponto de vista do entrevistador,

através da utilização de dois fatos: a fala do entrevistado em um momento anterior da entrevista e em uma comparação com uma questão ambiental. Vejamos a sequência:

Excerto (2)
Entrevista José Gomes Temporão
Bloco III

166 →	Reinaldo Azevedo	ministro. eu sou contra a ampliação do direito ao aborto,
167		>eu acho que já deu para perceber<, e vou usar o senhor a favor
168 →		da minha causa. quando o senhor diz que a questão deve ser
169		centrada na educação, quando o senhor conta como é o sistema de
170		recebimento de camisinhas, de preservativos e de pílula
171 →		anticoncepcional, eu cheguei à conclusão que .hh de fato, há um
172 →		problema fundamental de gestão >que se resolvida com o tempo<,
173		a questão do aborto talvez não se coloque.e acho isso (0,2)
174 →		eu vou usar a sua entrevista a meu favor.
175		mas eu queria colocar uma outra coisa.
176		o que há de errado ↑nesse raciocínio >que parece meio jocoso<
177		mas eu juro que é muito sério.
178 →		se eu der de cara com um ninho de tartarugas e resolver fazer
179		um omelete, eu não faria isso por nojo e porque eu acho que
180		não é pra comer tartaruga.
181 →		mas eu seria preso, crime inafiançável, crime ambiental.
182		os caiçaras às vezes têm esse problema (0,2)
183		outro dia um sujeito foi preso porque matou um minhocuçu
184 →		o senhor não acha que os fetos brasileiros têm direito a pelo
185 →		menos a mesma lei que tem as tartarugas?
186 →	Ministro	eu acho que as mulheres brasileiras que estão vivas merecem o
187 →		direito à vida=
188 →	Reinaldo Azevedo	=e os fetos não?
189 →	Ministro	eu defendo a vida. eu tenho quatro filhos.
190		sou de formação católica. sempre defendi e sempre vou continuar
191		defendendo (0,2) eu não posso fechar os olhos para a realidade
192		que eu expus aqui.

O entrevistador Reinaldo Azevedo inicia seu turno com a apresentação de um ponto de vista: *eu sou contra a ampliação do direito ao aborto* (l. 166). A este ponto de vista, o jornalista apresenta duas sustentações. Na primeira, entre as linhas 168 a 174, ele utiliza a fala do entrevistado sobre a questão do aborto estar associada a questões educacionais, para concluir que *há um problema fundamental de gestão* (l. 171-172) no governo. Estes dois pontos de vista (l. 166 e 171-172) já trazem um aspecto desafiador no turno da pergunta, antes mesmo da pergunta propriamente dita, pois se opõem diretamente ao ponto de vista do Ministro na defesa do debate popular na questão do aborto e ao papel do Ministro como representante do governo, o qual é apresentado com dificuldades em contornar problemas de gestão.

A segunda sustentação é fundamentada na comparação entre o feto e os filhotes de tartaruga, no que tange à proteção legal (l. 178- 181). Na teoria do entrevistador, se um filhote de tartaruga está sujeito a leis rigorosas de preservação à vida, por que o feto brasileiro não pode ter o mesmo rigor de proteção à sua vida que tem um animal, como as tartarugas? (cf. l. 184-185). Esta sustentação e a pergunta realizada na sequência cobram um posicionamento do Ministro da Saúde sobre o direito à vida, como se a vida de um filhote de tartaruga fosse mais importante que a vida de um ser humano. A pergunta, então, é extremamente desafiadora ao entrevistado porque o coloca em uma posição em que qualquer resposta, seja afirmativa ou negativa, ameaçará seu ponto de vista defendido e levantará novas perguntas desafiadoras e novos pontos de vista opostos no curso da interação. Esta situação é reconhecida pelo entrevistado que escolhe responder de forma evasiva: *eu acho que as mulheres brasileiras que estão vivas merecem o direito à vida* (l. 186-187), evitando uma resposta direta à pergunta, que é centrada na proteção do feto. O Ministro direciona a questão da proteção da vida às mulheres e não aos fetos. Esta resposta evasiva gera uma nova pergunta em uma fala contígua a do entrevistado: *e os fetos não?* (l.188), obtendo a resposta *eu defendo a vida* (l. 189), que não é necessariamente centrada no feto, o alvo da pergunta. Na verdade, esta resposta não deixa claro se o entrevistado considera o feto como uma vida ou se novamente ele se refere às mulheres brasileiras.

A segunda pergunta na sequência do excerto (2) *e os fetos não?* (l.188) é reintroduzida pelo entrevistador em uma estratégia direta de questionamento e desafio ao ponto de vista do entrevistado. Note como o turno da primeira pergunta é muito maior que o da segunda e estrategicamente fundamentado com dois fatos que deixam o entrevistado em uma situação de difícil saída, de difícil resposta. A formulação da pergunta *e os fetos não?* (l.188) vem em contrapartida à evasão na resposta do entrevistado, o que exige do entrevistador uma cobrança de ponto de vista mais incisiva. Essa estratégia direta na formulação da pergunta é apresentada por Allwinn (1991, p. 182) como um recurso "escolhido por falantes legitimados para insistir em uma pergunta, quando são confrontados com interlocutores pouco dispostos a cooperar" (VIEIRA, 2002, p. 2). Esta estratégia gera um confronto de pontos de vista na sequência que vem corroborar a interpretação da ocorrência de uma atividade híbrida nos dados.

A sequência apresentada no excerto (2), se comparada à sequência do excerto (1), não apresenta qualquer aspecto informacional na realização de suas perguntas, isto é, não há uma busca por obter alguma informação do entrevistado. Aqui, a meta interacional busca a disputa pelo ponto de vista entre entrevistador e entrevistado. Na realização de sua pergunta, o

entrevistador quer deixar claro o seu ponto de vista contra a ampliação do direito ao aborto, confrontando o entrevistado que possui um ponto de vista diferente daquele que é defendido pelo entrevistador. Para o Ministro, é necessário levantar a discussão sobre o tema em âmbito não só social, mas também político. Esse confronto de pontos de vista marca a sequência do excerto (2) que é composta por perguntas estritamente desafiadoras.

Quando afirmo que não há no excerto (2) a meta interacional de obter informação do entrevistado, estou considerando o ponto de vista já defendido pelo Ministro sobre o tema em turnos anteriores na sequencialidade da interação. No primeiro bloco do programa, o mesmo entrevistador, Reinaldo Azevedo, já havia perguntado ao Ministro sua opinião sobre a descriminalização do aborto. Essa pergunta obteve uma resposta que, apesar de não direta, demonstra o ponto de vista do entrevistado. Vejamos:

Excerto (3)
Entrevista José Gomes Temporão
Bloco I

256	→	Reinaldo Azevedo	mas, então, o senhor é favorável à descriminalização?
257	→	Ministro	sou favorável à discussão.
258		Reinaldo Azevedo	não ministro! (0,2) o senhor está parecendo o john kerry,
259			ele perdeu a eleição. o que não torna a sua resposta menos
260			ambígua (0,2)o senhor faz toda uma argumentação favorável à
261			descriminalização e evita dizer que é favorável à
262	→		descriminalização. você tem medo da opinião pública?
263	→	Ministro	não. é que eu acho que nesse momento não teria muito sentido
264			expressar a minha opinião enquanto cidadão (0,2) eu acho que
265			neste momento estou preocupado com o debate=
266		Reinaldo Azevedo	=eu estou perguntando ao ministro de estado, não estou
267			perguntando ao cidadão.
268	→	Ministro	o ministro de estado não tem posição sobre esta questão
269			neste momento.

Os turnos do entrevistado no excerto (3) apresentam seu ponto de vista sobre a discussão da ampliação ao direito ao aborto. Ainda que o Ministro tenha optado por não se posicionar diretamente como favorável ou não à questão, a isenção de um posicionamento direto também é uma forma de posicionar-se. Portanto, quando no bloco III, representado aqui na sequência do excerto (2), o jornalista Reinaldo Azevedo reintroduz a pergunta, sustentando-a com fatos de difícil contestação, há uma clara intenção de desafiar o ponto de vista já dado do entrevistado e não de obter de fato informação sobre este ponto de vista. O

excerto (3) vem reforçar que a pergunta comparativa entre o feto brasileiro e as tartarugas no excerto (2) é puramente desafiadora ao ponto de vista do Ministro.

Desta forma então, observa-se que há perguntas que são formuladas com o foco na informação, enquanto há outras que possuem um teor desafiador para o entrevistado. No entanto, há perguntas que possuem esses dois aspectos presentes de forma conjunta em sua formulação, isto é, ao mesmo tempo em que buscam a coleta de informação, apresentam também um teor de avaliação crítica, seja favorável ou não, embutida ao ponto de vista defendido. No excerto anterior - (3) -, quando o entrevistador pergunta ao Ministro, na linha 256, se ele é favorável à descriminalização do aborto, o jornalista cobra um ponto de vista que é desafiador para o entrevistado, considerando-se que, como Ministro da Saúde, apresentar-se como favorável ao aborto é tocar em questões morais e religiosas, além de questões financeiras, uma vez que aprovada a legalização, caberá ao governo suprir os gastos com o procedimento. Então como representante do governo é uma pergunta difícil de ser respondida. No entanto, essa pergunta desafiadora também quer checar o ponto de vista do entrevistado sobre o tema. É também um pedido de informação sobre o ponto de vista do Ministro como representante do governo. Aqui temos os dois aspectos atuando em conjunto na formulação da pergunta.

O mesmo ocorre na terceira pergunta do entrevistador na linha 262: *você tem medo da opinião pública?*. Note como aqui não é usado mais *o senhor* e sim *você*, ressaltando o aspecto desafiador da pergunta que de fato é uma reação à falta de uma resposta direta do entrevistado. É uma pergunta que também quer checar se essa falta de resposta direta é derivada de um possível medo de reação por parte da sociedade. Então novamente aqui, há atuando em conjunto tanto o pedido de informação quanto o desafio ao ponto de vista do entrevistado, o que caracteriza esta pergunta, assim como a anterior, em uma pergunta que denomino nesta análise de uma pergunta do tipo mista.

Essas perguntas que aqui categorizo de mistas possuem diversas ocorrências no corpus. Na entrevista com o ex-Ministro José Dirceu, por exemplo, há sequências de turnos constituídas por perguntas que possuem ambos os aspectos – desafiador e informacional – atuando em conjunto na pergunta do entrevistador. No excerto (4) a seguir, a apresentadora Marília Gabriela inicia seu turno apresentando o entrevistado do programa. Cabe ressaltar que essa entrevista ocorre no dia posterior à vitória de Dilma Rousseff na eleição à Presidente da República no ano de 2010, sendo esse um dos temas abordados na entrevista. No fim de seu turno, Marília Gabriela realiza algumas perguntas que ilustram bem a proposta que defendo aqui:

Excerto (4)
Entrevista José Dirceu
Bloco I

01		Marília Gabriela	boa noite! no centro do roda viva de hoje claro a eleição de
02			dilma rousseff à presidência da república. .hh
03			primeira mulher eleita para governar o país, ela teve mais de
04			cinquenta e cinco milhões de votos e será nossa presidente
05			pelos próximos quatro anos .hh trouxemos esta noite ao programa
06			um de seus grandes eleitores (0.2)
07			o ex ministro da casa civil de lula jose dirceu .hh
08	→		ele participou da campanha de dilma agindo nos bastidores sem
09	→		aparecer muito, mas fazendo mui::to barulho quando aparecia
			((josé dirceu levanta as sobrancelhas))
10	→		dirceu continua sendo uma grande influência no pt e está aqui
11			para analisar a vitória pra falar do futuro e pra dizer qual
12			será seu ↑papel no governo dilma (0.2)
			((apresentação dos entrevistadores))
21			pra começar. ahn:: muito obrigada pela presença ze dirceu vou
22	→		fazer um social rápido ANtes de chegar, a ao ao que importa
23	→		(0.5)você não ta prejudicado com essa entrevista hoje? não ta
24	→		de ressaca? comemorou [em]
25		José Dirceu	[hhh]
26	→	Marília Gabriela	brasília °ontem° ou não?
27		José Dirceu	não. >não to de ressaca<. comemorei, como
28			milhões de brasileiros=
29		Marília Gabriela	=não não. to perguntando daquela comemoração particular lá em
30			[brasília]
31		José Dirceu	[não,não]não comemorei em particular.[eu-]
32	→	Marília Gabriela	[mas] você foi a brasília?
33		José Dirceu	fui a brasi::lia. (0.2) acompanhei a votação durante o di::a
34			depois fui (0.2) ao comite:: participei:: vi a ministra, agora
35			nossa presidente eleita fazer seu pronunciamen::to. depois
36			(0.5)comi alguma coisa em um restaurante e fui, >que eu tinha
37			que acordar cedo< pra chegar em sao paulo cedo hoje
38		Marília Gabriela	então tá bom. então vamo lá (0.5)

Após a apresentação do ex-Ministro José Dirceu, a apresentadora Marília Gabriela realiza quatro perguntas direcionadas ao entrevistado que ela enquadra como não fazendo parte da agenda tópica do programa. Segundo ela, seria *um social rápido antes de chegar ao que importa* (l. 22). As três primeiras perguntas ocorrem em sequência: *você não tá prejudicado com essa entrevista hoje?* (l. 23); *não tá de ressaca?* (l. 23-24); *comemorou em Brasília ontem ou não?* (l. 24 e 26). A quarta pergunta é uma insistência à negação das perguntas anteriores: *mas você foi à Brasília?* (l. 32).

Essas perguntas, aparentemente, requerem apenas do entrevistado um pedido de informação em relação às suas condições físicas e sobre a sua localização na noite anterior à entrevista, que é a noite da vitória na eleição da Presidente Dilma Rousseff. Contudo, ao considerar o contexto discursivo em que essas perguntas são proferidas, nota-se que elas requerem muito mais que obter apenas informação do entrevistado. Há sobre elas um aspecto desafiador embutido em seu conteúdo proposicional. Com essa sequência de perguntas, a entrevistadora busca checar o tipo de influência que o entrevistado exerce, pois ir à comemoração em Brasília é possuir um alto grau de influência, uma vez que é uma festa privada da elite do partido. Ao perguntá-lo sobre a ida à comemoração, a jornalista busca comprovar as posições atribuídas por ela ao entrevistado, nas linhas 8, 9 e 10, de um político influente no partido e na campanha de Dilma, desafiando assim a posição do entrevistado como um político cassado que, teoricamente, não participaria mais das atividades de governo. Esse posicionamento é identificado pelo ex-Ministro que nega sua participação na comemoração particular, tentando assim distanciar-se desse posicionamento.

As perguntas do entrevistador, então, servem a metas distintas na sequencialidade dos turnos da entrevista. De fato, podemos identificar três metas interacionais presentes nos dados, no que tange à formulação das perguntas: a meta interacional de requerer informação, através de perguntas do tipo informacional (I); a meta de desafiar o ponto de vista do entrevistado através de perguntas de natureza desafiadora (D) e por último a meta de requerer informação ao mesmo tempo em que desafia o ponto de vista do entrevistado, a partir de perguntas categorizadas como mistas (M). Esses três tipos de perguntas são identificados a partir da resposta do entrevistado, ou seja, a partir da avaliação que ele faz do conteúdo proposicional da pergunta, o que torna fundamental considerar a sequencialidade interacional em que estão imersos esses pares pergunta-resposta.

As respostas do entrevistado são capazes de mudar o foco da pergunta seguinte em um processo sequencial da interação. As perguntas do tipo informacional geralmente obtêm uma resposta direta do entrevistado. Contudo, esse tipo de pergunta nos dados pode gerar também uma mudança de foco nos turnos seguintes, pois, muitas vezes, os entrevistadores as empregam com a meta de adquirir, em um primeiro momento, uma informação do entrevistado, para em seguida usá-la a favor de seus argumentos. Uma pergunta de teor informacional, então, pode levar, a partir da resposta, a uma pergunta de aspecto desafiador ou ainda a uma pergunta do tipo mista, englobando ambos os aspectos em conjunto.

Na entrevista com o Ministro Paulo Renato Souza, por exemplo, há exemplos de dois movimentos de mudança de foco partindo de perguntas do tipo informacional (I). Em um

primeiro momento, analiso a pergunta do tipo I que gera uma pergunta do tipo mista (M) e na sequência uma pergunta de aspecto desafiador (D). No segundo movimento, verifico uma sequência que se inicia com uma pergunta do tipo I, gera uma pergunta do tipo D que é reintroduzida do formato do tipo M, em um processo de mitigação do desafio.

No excerto abaixo, está em discussão com o Ministro da Educação a produtividade da universidade pública. Os entrevistadores que fazem parte desta sequência são os jornalistas Mônica Teixeira e Fernando Rosseti, além da educadora Guiomar Melo.

Inicio, então, pelo primeiro movimento:

Excerto (5)
Entrevista Paulo Renato Souza
Bloco II
Movimento I - M - D

08 →	Monica Teixeira	o senhor diz que a universidade pública deve ser produtiva.
09		qual o sentido da produtividade? é a produção para o mercado,
10		que gera lucro ou é a produção do conhecimento?
11 →	Ministro	é a produção que usa bem o recurso público,
12		porque a universidade é pública, ela não é gratuita,
13		alguém paga pela universidade. quem paga? (0,5)
14	Monica Teixeira	[[o contribuinte
15	Fernando Rosseti	[[o conjunto da sociedade
16	Ministro	o contribuinte, o conjunto da sociedade. quem paga a maior parte
17		dos impostos? os pobres, que estão sustentando a universidade.
18		então é nossa responsabilidade sim exigir que a universidade seja
19		o mais eficiente possível, mais do que uma universidade privada.
20		sabe que me indigna essa coisa, >me indigna essa coisa< de achar
21		que porque é público não pode se exigir, não pode ter
22		[produtividade, não pode se cobrar]
23 →	Guiomar Melo	[mas é essa a resistência que o senhor] enfrenta?
24	Ministro	é isso que eu quero, isso que eu quero.
25		que ela faça mais pesquisa pra beneficiar a população, que ela
26		faça mais, e:: que ela tenha mais alunos, que ela não pode ter
27		uma relação aluno professor de oito pra:: oito alunos pra:: um
28		professor. isso é um absurdo! não existe em nenhum lugar do mundo
29		nem nas universidades de pesquisa melhores do mundo. isso é o que
30		nós temos que exigir. nós temos que exigir que a universidade
31		pública receba alunos de transferência no segundo terceiro quarto
32		ano, porque não recebe. isso- eu fui reitor, eu sei que nós temos
33		uma resistência brutal dentro da universidade. nós temos que
34		conseguir que:: que o aluno que- se há vaga sobrando- eu cansei
35		de formar turma na universidade com oito, dez alunos. o fernando
36		sabe disso, quantos alunos, quantas turmas dentro da universidade
37		têm só dez alunos? (0,2) isso é que nós temos que exigir. mais
38		eficácia, mais produtividade.
39 →	Monica Teixeira	mas quando o senhor diz isso, quando se diz isso a respeito da
40		universidade,a gente não corre o risco de esquecer a contribuição

41 que a universidade pública deu ao país e tem dado? ou o senhor
42 → [acha que não deu?]

43 Ministro [não, não se esquece] não é? isso não se esquece porque não há
44 dúvida que toda pesquisa no nosso país é feita dentro da
45 universidade. nós temos contribuições importantes, eu fui reitor
46 da unicamp eu sei do que eu estou falando (0,2)
47 nós temos contribuições importantes, a unicamp deu na área das
48 telecomunicações na área da engenharia a:: química, na área dos
49 alimentos, na área da economia da tecnologia do petróleo não é,
50 nós temos a ufrj na área do petróleo, nós temos as universidades
51 de viçosa rural do rio de janeiro na área da agricultura (0,2)
52 nós temos a usp na área da::s das telecomunicações também, na
53 área da engenharia elétrica. enfim eu acho que e:: a
54 universidade pública brasileira tem dado uma contribuição
55 importante, agora isso não exime- não a exime de fazer mais
56 ainda com o recurso público que tem.

No turno inicial da entrevistadora Mônica Teixeira, duas perguntas são realizadas buscando informação sobre o que é considerado produtividade dentro da universidade pública. A resposta do entrevistado no turno seguinte é direta à pergunta, iniciando uma justificativa, em dois turnos, do motivo pelo o qual a universidade pública deve ser cobrada em termos produtivos. Esta resposta gera, em uma fala sobreposta, a pergunta: *mas é essa a resistência que o senhor enfrenta?* (l. 23). Essa pergunta, além de solicitar a informação sobre o tipo de resistência que a universidade pública impõe ao governo, apresenta também uma solicitação de avaliação sobre essa resistência. A pergunta é iniciada por uma estrutura de desacordo – *mas* – que desafia o Ministro a avaliar o tipo de resistência universitária, por isso que, além de informacional, a pergunta também se apresenta como desafiadora, sendo um tipo M de pergunta.

O entrevistado não a responde diretamente, permanecendo em sua justificativa sobre a cobrança de produtividade da universidade, criticando-a em diversos pontos, inclusive na quantidade de alunos por sala de aula. Essa resposta evasiva vem novamente mudar o foco das próximas perguntas, que em um aspecto desafiador, sugerem uma avaliação negativa à crítica apontada pelo Ministro: *mas quando o senhor diz isso, quando se diz isso a respeito da universidade, a gente não corre o risco de esquecer a contribuição que a universidade pública deu ao país e tem dado? ou o senhor acha que não deu?* (l. 39-42). A primeira pergunta dessa sequência - que também se inicia por uma estrutura de desacordo - ainda apresenta um aspecto informacional, enquanto a segunda é puramente desafiadora, pois coloca o entrevistado como alguém que não reconhece a importância da universidade pública,

e este "alguém" sendo o Ministro da Educação é um posicionamento extremamente desafiador.

O segundo movimento parte de uma pergunta do tipo I para uma D e na sequência para uma M. Participam do excerto abaixo os jornalistas André Laos e Fernando Rosseti, além, claro, do Ministro Paulo Renato Souza. A discussão agora é centrada na aplicação das verbas do FUNDEF[20]:

Excerto (6)
Entrevista Paulo Renato Souza
Bloco II
Movimento I – D – M

402 →	André Laos	ministro, o senhor disse que o fundef foi o grande e:: digamos
403		a coisa mais importante que o senhor fez no ministério, e:: no
404		entanto a imprensa diariamente seria exagero mas com uma
405		frequência escandalosa e:: de denúncias de desvio do dinheiro
406		do fundef- quer dizer tem muita gente com medo de que seria uma
407		boa ideia que simplesmente não vai e:: vai, simplesmente abrir
408		caminho pra corrupção[pra (ilegalidades]
409	Ministro	[ela está fechando] o caminho da corrupção
410	André Laos	como é que o senhor vê essa crítica?
411	Ministro	apesar de todas as denúncias, o fundef está fechando o caminho
412		do desvio da corrupção tá? (0,2) vamos ver por que. esse é um
413		ponto muito importante. vou dizer claramente o seguinte (0,4)
414		primeiro. hoje está se desviando muito menos dinheiro da
415		educação do que se desviava >hoje está se roubando muito menos<
416		dinheiro da educação do que se roubava. e entretanto
417		[há mais denúncias]
418 →	André Laos	[como? como saber?] (0,2) como economista que gosta de mostrar
419 →		[os índices- hhh]
420	Ministro	[agora vamos ver. Agora] eu vou ser economista=
421	André Laos	=então me mostra os índices oficiais.
422		[por que há menos-]
423	Ministro	[agora, eu vou ser] economista, não é? hhh
424→	André Laos	como provar que há menos? há menos-
425 →	Ministro	vamos lá. em são paulo antes do Fundef e:: dos quinhentos
426		sessenta e oito municípios de são paulo, apenas sessenta e oito
427		e:: dos seiscentos e quarenta e oito municípios, apenas
428		sessenta e oito tinham rede municipal de ensino fundamental.
429		todos os demais tinham que gastar vinte e cinco por cento da
430		arrecadação em educação e não tinham escola. onde é que
431		gastavam esse dinheiro? pavimentavam a rua na frente da escola,

[20] O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) é um conjunto de fundos contábeis formado por recursos dos três níveis da administração pública do país para promover o financiamento da educação básica pública.

432		construíam ginásio de esporte, compravam carro pro prefeito e
433 →		diziam que era [transporte escolar]
434	Fernando	[não. também na] creche na pré-escola.
435	Rosseti	que muitos deles fecharam
436		[por causa disso]
437	Ministro	[não. não senhor] (0,2) não fecharam- não houve fechamento de
438		creche e pré-escola
439		[não. não é verdade]
440	Fernando	[houve fechamento de] creches e escolas. houve sim.
441	Rosseti	o governo não tem divulgado isso muito bem ainda

No excerto (6), o jornalista André Laos inicia com uma pergunta do tipo I na linha 402 para requerer do entrevistado uma informação sobre sua avaliação das críticas que o FUNDEF recebe desde sua criação. A pergunta obtém a resposta do Ministro atendendo ao seu conteúdo. Esta resposta, no entanto, gera duas perguntas na sequência dos turnos, a primeira em uma sobreposição de turno: *como? como saber?* (l. 418). Estas perguntas são desafiadoras à fala do entrevistado porque colocam em dúvida a veracidade da informação dada pelo Ministro. Como forma de mitigar o teor desafiador da pergunta, o entrevistador faz uma referência, em forma de brincadeira – há risos no fim do turno -, à profissão do Ministro Paulo Renato: *como economista que gosta de mostrar os índices* (l. 418-419).

A pergunta de aspecto desafiador, então, é reintroduzida em um formato menos ameaçador *como provar que há menos?* (l. 424), dividindo o peso do desafio com o aspecto informacional de seu conteúdo, em que há a solicitação de dados, de índices, que comprovariam a fala do entrevistado e eliminariam o teor de desconfiança do entrevistador em relação à informação. O entrevistador transforma a pergunta em que é forte o aspecto desafiador em uma pergunta em que há também, além do desafio, um pedido de informação, em um processo de mitigação da ameaça. Nesse caso, a reintrodução da pergunta não serve ao propósito de combater respostas evasivas em uma estratégia direta de questionamento (ALLWINN, 1991), mas sim de atenuar a própria pergunta do entrevistador, a qual julga como extremamente desafiadora àquele momento.

Nestes dois últimos extratos, retirados da entrevista com o Ministro Paulo Renato Souza, fica muito claro como as perguntas dos entrevistadores são reformuladas a partir das respostas do entrevistado, em um processo sequencial da interação. Essas respostas não só mudam o foco das próximas perguntas, como a própria resposta leva a outras questões e outros temas, como no excerto (6) em que a resposta do entrevistado entre as linhas 425 e 433

gera outro ponto discutido em relação à corrupção com a verba da educação: o fechamento de creches.

Dessa forma, é através da sequencialidade entre os pares pergunta-resposta que a entrevista vai sendo construída em uma atividade que é definida aqui como uma atividade híbrida, em que aspectos de uma disputa de pontos de vista perpassam o formato tradicional de pergunta-resposta que compõe uma entrevista. Os tipos de pergunta – I, D e M - dos dados indicam esta definição que proponho aqui, uma vez que nem toda pergunta tem a meta de coletar informação. Muitas delas são puramente desafiadoras e instigam o debate no curso da entrevista.

Na subseção seguinte, apresento uma análise baseada na frequência dos tipos das perguntas realizadas pelos entrevistadores aos entrevistados em cada edição do programa. Aliada a essa análise, sigo a base metodológica qualitativa de pesquisa, pois a cada categorização de pergunta é considerado o contexto interacional-discursivo em que a pergunta é formulada, uma vez que considero que toda pergunta dos dados possui uma sustentação no discurso, isto é, não é formulada de forma isolada. Acredito assim, embasar melhor a definição de hibridismo de atividade que proponho aqui.

4.1.2. O formato da pergunta

Ao analisar a sequencialidade dos pares pergunta-resposta nas entrevistas que compõem o corpus, três categorias de formato de pergunta emergiram, como destacado na subseção anterior: (i) a pergunta de natureza informacional; (ii) a pergunta desafiadora e (iii) a pergunta definida como mista, em que aspectos de pedido de informação e de desafio estão presentes concomitantemente.

As perguntas de teor informacional (I) buscam extrair alguma informação do entrevistado sobre o tema em discussão. São exemplos[21] deste tipo de pergunta nos dados:

(a) Quais são os argumentos que o senhor traz além da questão da saúde pública, para se permitir que o estado faça o aborto, não só nos casos que hoje são legalizados?
(b) O senhor será convocado nessa audiência?
(c) Quem é que vai fazer a interlocução com a oposição, nesse governo?

[21] Cabe citar que os exemplos apresentados nesta subseção servem de ilustração para minha definição categórica dos formatos de pergunta. Cada pergunta categorizada é proveniente de uma análise detalhada da sequencialidade da interação em que ela é proferida, como discutido na subseção 4.1.1.

(d) Qual vai ser o seu papel nesse governo Dilma?
(e) Qual é a situação da reforma do ensino médio?
(f) Ministro, nos municípios, o que o cidadão contribuinte pode fazer pra conseguir ter acesso à aplicação do orçamento lá no município?

As perguntas desafiadoras (D) possuem a meta de instigar a disputa de pontos de vista ou introduzir a polêmica e causar confronto de ideias. É possível exemplificar com perguntas do tipo:

(a) Você está gostando da sombra Zé Dirceu?
(b) O Ministério da Saúde não atentou para a tragédia que estava acontecendo no Mato Grosso do Sul e não interveio a tempo?
(c) O senhor tem essa coragem?
(d) Então porque que você vai se meter com o Irã?
(e) Mas não seria melhor convencê-los do que impor por decreto?
(f) Quem é que vai querer ser no Brasil professor daqui pra frente?

Já as perguntas mistas (M) pertencem a uma categoria de pergunta que engloba dois aspectos discursivos: o aspecto informacional e o aspecto desafiador. Estes aspectos atuam em conjunto na atividade, buscando alguma informação de conhecimento do entrevistado e o enquadrando também em um posicionamento, muitas vezes contrário ao do entrevistador. Abaixo se apresentam algumas perguntas dos dados que considero mistas:

(a) Será que com a reforma do ensino vai melhorar a situação ou vai continuar a mesma coisa?
(b) Mas Ministro, precisa de provão pra saber o que é ruim no ensino superior brasileiro?
(c) Como reverter essa imagem do partido com a questão da ética tão complicada agora?
(d) O que é na sua abalizada e influente opinião o controle social da mídia?
(e) Por que o senhor decidiu tomar a frente essa discussão do aborto, que não é uma discussão fácil, é uma forma de digamos assim, desviar a atenção de outras questões graves da saúde brasileira?
(f) O Ministério da Saúde que não consegue prover a laqueadura de trompas para quem quer, consegue dar conta de um milhão e cem mil abortos?

Em um levantamento percentual do corpus, foi encontrado um total de 412 perguntas realizadas pelos entrevistadores[22] em seus turnos de fala. Deste total, 14.5 % são perguntas do

[22] Considero nesta conta todas as perguntas - ainda que repetidas - proferidas pelos entrevistadores em seus turnos de fala, direcionadas ao entrevistado.

tipo informacional (I), 27.6% são perguntas definidas como desafiadoras (D) e 57.9% são perguntas mistas (M). O quadro abaixo apresenta essa porcentagem em números, divididos por cada edição do programa analisado. A sigla PRS se refere à entrevista com o Ministro Paulo Renato Souza, a sigla JGT se refere à entrevista com o Ministro José Gomes Temporão e JD faz referência à entrevista com o ex-Ministro José Dirceu.

Quadro 1: Mapeamento dos formatos da pergunta por edição.

FORMATO DA PERGUNTA	PRS	JGT	JD	TOTAL DE CADA FORMATO
Pergunta Informacional (I)	16	9	35	60
Pergunta Desafiadora (D)	31	7	72	110
Pergunta Mista (M)	60	59	123	242
Total de perguntas	107	75	230	412

O quadro acima apresenta um panorama estrutural dos dados a partir da categorização da pergunta do entrevistador. Além do somatório dos tipos de perguntas, é mapeada também a quantidade de perguntas por entrevista e por tipologia em cada entrevista. Com esse mapeamento, é possível destacar um dado fundamental na análise deste tipo de atividade: a quantidade muito superior de perguntas do tipo mista (M) em comparação aos outros tipos de perguntas. Repare que nas três entrevistas, a frequência do tipo M é maior que o somatório das ocorrências do tipo D e do tipo I:

Quadro 2: Somatório de ocorrências.

FORMATO DA PERGUNTA	PRS	JGT	JD
Informacional (I) + Desafiadora (D)	47	16	107
Mista (M)	60	59	123

Observa-se, então, com os quadros acima, que as perguntas que desafiam o entrevistado e o levam a defender pontos de vista a partir de assuntos que buscam extrair

informação de seu campo profissional são as mais usadas pelos entrevistadores. Esse resultado me leva a afirmar que os entrevistadores dos dados usam recorrentemente as perguntas do tipo M como uma estratégia interacional da entrevista que lhes permite apresentar e cobrar pontos de vista, ao mesmo tempo em que se obtém informação.

Enquanto o padrão de ocorrência das perguntas do tipo M permanece igual nas três entrevistas, as perguntas do tipo D e do tipo I apresentam um diferencial em suas ocorrências. Nas entrevistas com o Ministro Paulo Renato e o ex-Ministro José Dirceu as perguntas do tipo D aparecem com uma frequência superior às perguntas do tipo I, inclusive, no caso do ex-Ministro chega ao dobro de ocorrência, mantendo assim o padrão entre as duas. A entrevista com o Ministro José Gomes Temporão é a que apresenta a quebra de padrão na frequência entre as perguntas do tipo D e do tipo I, porque além do baixo resultado no somatório entre os dois tipos – ver quadro 2 – o tipo D ainda aparece com uma frequência inferior em relação ao tipo I: o tipo D possui 7 ocorrências e o tipo I possui 9, 2 a mais que a anterior.

O padrão diferenciado na entrevista com o Ministro José Gomes Temporão pode ser justificado pela alta frequência no aparecimento de questões do tipo M: 59 perguntas de um total de 75, o que equivale a um percentual de 77.4 % das perguntas de toda a entrevista. Esse resultado sugere que a grande maioria das perguntas formuladas buscam o aspecto desafiador e o informacional em conjunto e não em separado, isto é, sempre que há um desafio embutido na pergunta realizada, há também um pedido de informação. As poucas ocorrências destes aspectos em separado se justificam, principalmente, devido ao estilo do entrevistador. No caso das perguntas do tipo I, por exemplo, das 9 formuladas, 7 são proferidas pela jornalista Laura Greenhalgh; já nas perguntas do tipo D, das 7 realizadas, 5 pertencem ao turno do jornalista Reinaldo Azevedo. Isso significa que ao olhar o todo dessa entrevista, as perguntas caracterizadas com um único aspecto – desafiador ou informacional – possuem ocorrências pontuais e provenientes basicamente de uma única fonte, não sendo, portanto, a principal escolha estratégica dos entrevistadores.

Esses dados reforçam a análise sobre a escolha do tipo M de pergunta como a melhor estratégia para questionar o entrevistado sobre a agenda tópica do programa. Ao escolher desafiar e obter informação simultaneamente, os entrevistadores determinam o caráter híbrido da entrevista, tratando-a não como uma mera coleta de informações entre entrevistador e entrevistado, e sim, transformando-a em uma situação de disputa, em que defesas de pontos de vista, aliadas às informações requeridas, estão em evidência guiando o curso da interação, sinalizando a orientação dos participantes para a definição da situação como uma atividade híbrida.

Outro ponto relevante na análise do formato da pergunta é a sua frequência de uso por blocos em cada edição analisada. Essa quantificação por bloco é relevante a esta análise porque permite observar que não há um padrão pré-determinado para a ocorrência de cada tipo de pergunta. Vejamos nos quadros abaixo:

Quadro 3: Perguntas do tipo Informacional (I)

I	PRS	JGT	JD
1º BLOCO	2	3	8
2º BLOCO	4	3	9
3º BLOCO	10	2	14
4º BLOCO	-------[23]	1	4

Quadro 4: Perguntas do tipo Desafiadora (D)

D	PRS	JGT	JD
1º BLOCO	7	1	23
2º BLOCO	11	3	30
3º BLOCO	13	3	16
4º BLOCO	-----	0	3

Quadro 5: Perguntas do tipo Mista (M)

M	PRS	JGT	JD
1º BLOCO	20	20	35
2º BLOCO	17	18	59
3º BLOCO	23	13	23
4º BLOCO	------	8	6

[23] A entrevista com o Ministro Paulo Renato Souza possui apenas três blocos

Os quadros acima demonstram que os tipos de pergunta em cada bloco por edição ocorrem em diversos momentos do programa, não sendo possível, por exemplo, afirmar que as perguntas do tipo I em sua maioria iniciam a entrevista e nem que as perguntas do tipo D predominantemente finalizam a entrevista. Este resultado vem de encontro à ideia de um contínuo na construção da entrevista como atividade, em que as perguntas do tipo I iniciariam o programa, ressaltando o aspecto tradicional da busca de informações da entrevista, para em seguida desenvolver o desafio a partir das informações coletadas, isto é, desenvolvendo o debate. Desta forma, o termo entrevista-debate não funcionaria em conjunto, de forma concomitante, e sim como uma linha contínua que vai de um polo ao outro, da informação à disputa. Esta ideia de contínuo não se concretiza nos dados, principalmente ao olhar em direção às perguntas do tipo M que representam o aspecto híbrido da pergunta. Nas entrevistas, o tipo M tem sua ocorrência predominante em blocos diferentes. Na entrevista com o Ministro Paulo Renato a frequência maior de uso do tipo M é no 3º bloco, enquanto na entrevista com José Dirceu o 2º bloco é o predominante. Já na entrevista com José Gomes Temporão, a maior frequência do tipo M é no 1º bloco, o que significa que a entrevista se inicia já no formato híbrido das perguntas, em que os aspectos informacional e desafiador atuam unidos nas perguntas direcionadas ao entrevistado.

Estes resultados de frequência no uso dos tipos de perguntas em cada edição do programa em estudo representam um ponto importante na definição desta atividade de entrevista como híbrida. Com esses resultados, é possível afirmar que os entrevistadores dos dados buscam, através de suas perguntas, aliar o pedido de informação à defesa de pontos de vista, muitas vezes contrários ao do entrevistado. Ao questionar o entrevistado, com ambos os aspectos, desafiador e informacional, atuando concomitantemente no conteúdo de sua pergunta, o entrevistador dita o tipo de entrevista que realizará: uma entrevista em que a disputa pelos pontos de vista defendidos emerge no curso da interação.

No entanto, não é só através de perguntas que o entrevistador questiona o ponto de vista defendido pelo entrevistado. A este ponto de análise me dedico na subseção seguinte.

4.1.3. Turnos sem perguntas: o ponto de vista dos entrevistadores

Durante as entrevistas reunidas neste corpus, os entrevistadores exercem o papel discursivo de questionar o entrevistado sobre pontos relevantes para a agenda tópica do programa. Porém, não só de perguntas são feitos estes questionamentos. Em diversos

momentos das entrevistas, o turno do entrevistador é composto apenas por pontos de vista que marcam a disputa de opiniões no curso da interação, o que caracteriza este formato debate na entrevista.

Como ponto de partida de análise destes turnos sem perguntas, é apresentado a seguir um exemplo da entrevista com o Ministro Paulo Renato Souza, em que o entrevistador Marcos Antônio defende em seus turnos, intercalados com os turnos do entrevistado, pontos de vista sobre o tema do desemprego entre os jovens brasileiros. Vejamos a sequência:

Excerto (1)[24]
Entrevista Paulo Renato Souza
Bloco I

171	Ministro	o ensino médio precisa aprender a ensinar a pessoa
172		aprender o resto da vida e além disso tem que ter outras
173		oportunidades pra continuar aprendendo
174 →	Marcos	Tá. eu concordo plenamente, é difícil discordar disso.
175	Antonio	a gente tem que estudar a vida inteira e é bom que
176 →		[a gente possa]
177 →	Ministro	[mas no passado] não era necessário.
178 →	Marcos	não era. mas eu conheço- qualquer cidadão conhece pessoas que
179	Antonio	estudaram a vida inteira e não têm emprego e jovens que estão
180		estudando e olham pra frente e veem sete vírgula cinco por
181 →		cento de taxa de desemprego. não dá pra dizer apenas que o
182		mundo passa por uma mesma crise, o brasil é o nosso país e a
183		gente tem que encontrar soluções pro nosso país e eu não tô
184		vendo. e:: esse discurso parece que não é o suficiente pra
185		dizer que daqui a cinco anos vamos ser=
186 →	Ministro	=é uma condição necessária mas não suficiente. é preciso que a
187 →		economia cresça.
188 →	Marcos	Sim. mas no mesmo governo. certo que de fato tá fazendo uma
189	Antonio	revolução no ensino fundamental e se propõe a fazer uma
190		revolução no ensino médio é que cria a maior taxa de desemprego
191 →		da [história desse país é o mesmo governo]
192	Ministro	[não.não é o governo que cria essa taxa] de desemprego.
193		nós temos- o governo- o país enfrentou uma situação de crise
194		internacional, não é? da qual se saiu muito melhor do que se
195 →		esperava eu lembro que no começo do ano passado, quando se
196		falava das perspectivas para o ano de noventa e nove, se dizia
197		que ia se chegar ao final do ano com uma queda na produção de
198		mais de dez por cento, essas eram análises que não eram tão
199		pessimistas e que ia se chegar com uma taxa de desemprego de
200		vinte por cento. não aconteceu isso não é? fomos capazes de
201		enfrentar a crise manter a estabilidade, tivemos
202 →		[um ano difícil]
203	Marcos Antonio	[não aconteceu a] catástrofe
204	Ministro	não aconteceu a catástrofe

[24] Os excertos apresentados nesta análise são numerados por subseção. Iniciando uma nova subseção, inicia-se também uma nova contagem.

205 Marcos Antonio mas a situação é grave

206 Ministro sim, mas mas nós vivemos no mundo que passou uma crise, nós
207 fomos objetos de um ataque especulativo na nossa moeda, nós nos
208 → defendemos e saímos muito melhor do que se esperava.

No exemplo do excerto (1), o jornalista Marcos Antônio profere cinco turnos em uma sequência em que não há nenhuma pergunta realizada, o que não impede o entrevistado de interpretar esses turnos como questionamentos que buscam uma resposta. Após o primeiro turno do jornalista (l. 174-176), o Ministro também profere na sequência cinco turnos que, intercalados com os do entrevistador, dão direcionamento à entrevista, em um momento em que uma disputa de pontos de vista está em curso na interação.

O entrevistador inicia seu turno na linha 174 concordando com o ponto de vista do entrevistado de que o ensino médio precisa ensinar para a vida e dar oportunidades ao jovem de continuar aprendendo. Em uma fala sobreposta, o Ministro intervém no turno do jornalista para destacar que no "passado" não era necessário que o ensino médio possuísse outras funções sociais que as de repassar conhecimento focado no conteúdo das distintas disciplinas de seu currículo. O jornalista novamente concorda com o ponto de vista do Ministro, mas apresenta um argumento que contesta a inserção de jovens estudantes no mercado de trabalho, que seria uma das metas do ensino médio atual: *mas eu conheço, qualquer cidadão conhece pessoas que estudaram a vida inteira e não têm emprego e jovens que estão estudando e olham pra frente e veem sete virgula cinco por cento de taxa de desemprego* (l. 178-181). Esse argumento que carrega uma avaliação negativa ao governo encontra um ponto de vista do entrevistado em forma de justificativa: *É preciso que a economia cresça.* (l. 186-187).

O jornalista, contudo, segue em sua crítica à política do governo iniciada em seu turno anterior, destacando que um *governo que de fato tá fazendo uma revolução no ensino fundamental e se propõe a fazer uma revolução no ensino médio é [quem] cria a maior taxa de desemprego da história desse país* (l. 188-191). Ao atribuir responsabilidade direta ao governo pelo avanço do desemprego, Marcos Antonio ameaça a posição do Ministro como representante desse governo e o leva a contestar este argumento de responsabilidade. Para o Ministro, não é o governo quem cria essa taxa de desemprego; ela é fruto da crise internacional em que o mundo está imerso. O Ministro, nesta tentativa de defender seu ponto de vista, apresenta um dado que favorece o governo, pois segue a teoria de que poderia ainda ser pior: *eu lembro que no começo do ano passado, quando se falava das perspectivas para o*

ano de noventa e nove se dizia que ia se chegar ao final do ano com uma ( ) taxa de desemprego de vinte por cento não aconteceu isso, não é? fomos capazes de enfrentar a crise, manter a estabilidade, tivemos um ano difícil (l. 195-202). Ambos, por último, concordam que a situação do país é grave, mas segundo o Ministro, o país *se defendeu e saiu muito melhor do que se esperava* (l. 208), em um argumento de defesa favorável ao governo.

É interessante observar como essa disposição dos turnos entre pontos de vista defendidos cria uma situação em que parece haver um bate-papo entre dois profissionais que atuam na área da Educação[25]. Mas em uma análise do teor destes pontos de vista defendidos, verificamos que seguem uma linha argumentativa oposta, na qual o entrevistador desafia o ponto de vista do entrevistado obrigando-o a tomar uma postura de defesa a ameaças iminentes.

Na entrevista com o ex-Ministro José Dirceu, também há exemplos de turnos compostos por pontos de vista que determinam a disputa de opiniões na interação. No excerto a seguir está em pauta o poder da imprensa como formadora de opinião pública. José Dirceu é conhecido por criticar abertamente a imprensa brasileira, defendendo uma criação de normas que permitam controlar o poder da mídia e romper o monopólio que é concentrado em umas poucas redes de televisão, rádio e jornal. No início do segundo bloco, o qual pertence este excerto, o ex-Ministro é questionado sobre a possibilidade do PT introduzir uma lei de controle da imprensa no Brasil. O entrevistado nega e reforça seu ponto de vista de que deva haver algum controle social da mídia. É neste contexto discursivo que está inserido o exemplo abaixo, com participação dos entrevistadores Marília Gabriela e Paulo Moreira Leite:

Excerto (2)
Entrevista José Dirceu
Bloco II

247 →	Marília Gabriela	OH ZÉ::: a imprensa foi durante anos acusada de ser petista.
248 →		de ser lulista particularmente. durante anos=
249 →	José Dirceu	=devia ser, devia ta tendenciosa.
250		[o pt-]
251 →	Marília Gabriela	[nessa] época ela era interessante então=
252 →	José Dirceu	=mas era denunciada. o que eu tô dizendo quando critico a
253		imprensa, é que eu to exercendo um direito que eu tenho (0,2)

[25] Cabe ressaltar que o jornalista Marcos Antônio, na época da entrevista, atuava na direção da revista *Educação* e era coordenador de um curso universitário.

254		por isso que eu fiz um blog. se eu pudesse, eu teria uma
255		televisão um rádio um jornal. eu não POSSO-
256 →	Marília Gabriela	mas daí a le[gislar]
257	José	[não não]
258	Dirceu	não tem legislação [sobre isso]
259	Marília	[em cima de] um clube
260	Gabriela	[par-ti-da-ris-mo]
261	José Dirceu	[não, não. co:mo?]
262	Paulo Moreira	você não tem um jornal?
263	José	não. a não ser que você tenha comprado um e colocado meu nome
264	Dirceu	[hhh]
265	Paulo Moreira	[hhh]

A entrevistadora Marilia Gabriela inicia o turno afirmando que *a imprensa foi durante anos acusada de ser petista, de ser lulista particularmente* (l. 247-248). Ela não pergunta ao entrevistado. Ela apresenta seu ponto de vista em uma afirmação que é confirmada, em parte, pelo ex-Ministro, em uma expressão de possibilidade: *devia* (l. 249). Esta concordância, ainda que parcial, gera uma nova afirmação: *nessa época ela era interessante então* (l. 251). Este turno da entrevistadora é extremamente crítico ao ponto de vista do entrevistado em sua crítica à mídia, tanto que é contestada com o fato da imprensa ser *denunciada* (l. 252), ou seja, a imprensa podia ser petista, mas era criticada por isso. Nota-se que neste turno, o entrevistado defende seu ponto de vista de que tem direito a uma opinião crítica em relação à mídia. Este turno obtém na sequência uma avaliação negativa da entrevistadora: *mas daí a legislar* (l. 256). Marília Gabriela se refere novamente a um (suposto) projeto do governo que pretende criar uma lei para o controle da imprensa no Brasil, o que é contestado novamente por José Dirceu.

Nessa sequência, então, ocorre uma disputa de pontos de vista em relação a duas questões, as quais se opõem entrevistado e entrevistador. A primeira se refere ao fato da criação de uma lei que regulamenta as funções da imprensa no Brasil. Fato que é atribuído pela entrevistadora e negado pelo entrevistado. A segunda questão é consequência da primeira: a imprensa só é criticada quando não é favorável ao governo. Uma posição também atribuída pela jornalista e negada pelo ex-Ministro.

Este excerto ratifica que os turnos sem perguntas nos dados são desafiadores aos pontos de vista defendidos pelos entrevistados. Raros são os turnos sem perguntas que corroboram a linha argumentativa do entrevistado. Portanto, essa estratégia discursiva do entrevistador vem contribuir com mais um aspecto estrutural na defesa de que as entrevistas em análise nesta tese possuem um formato híbrido, em que a situação de disputa está fortemente presente no curso da atividade.

Como último ponto de análise da atividade, apresento na subseção a seguir a discussão sobre os tópicos controversos.

4.1.4. Os tópicos controversos

Segundo Lauerbach (2004, 2006), os tópicos controversos possibilitam a defesa de pontos de vista contrários entre os participantes da entrevista, uma vez que são temas considerados problemáticos aos papéis que ocupam os entrevistados na esfera pública. Geralmente, esses tópicos são identificáveis na interação por serem marcados pela relação entre a evasão na resposta dos entrevistados e a insistência dos entrevistadores nos turnos em sequência. A autora ressalta que essas estratégias de evasão, de parte do entrevistado, e de insistência nos turnos do entrevistador são realizadas em complexas estruturas de pergunta e resposta. Contudo, como foi observado nas subseções anteriores, não só através dos pares pergunta-resposta que a disputa de pontos de vista se desenvolve no corpus desta tese, mas também através de turnos sem perguntas, turnos que apresentam apenas pontos de vista, fugindo ao padrão interacional prototípico das entrevistas.

Diversos temas são tratados nas entrevistas do corpus e todos eles podem ser considerados polêmicos. Temas como a utilização de células-tronco, combate à dengue, esquemas de corrupção, gratuidade da universidade pública e desemprego questionam a política do governo, enquadrando o entrevistado como seu representante e alvo, portanto, das possíveis críticas a este governo.

Os tópicos controversos levam à disputa de pontos de vista no decorrer da entrevista e geram as perguntas do tipo desafiador, que observado nas subseções anteriores, possuem uma alta ocorrência nos dados, ainda mais ao considerar também o tipo M de pergunta que contém também o aspecto desafiador em sua composição.

Um exemplo de um tópico controverso que gera perguntas e pontos de vista de natureza desafiadores na interação pode ser observado no excerto a seguir, retirado da

entrevista com o Ministro José Gomes Temporão. No excerto (1) abaixo está em pauta o debate sobre a descriminalização/ legalização do aborto. Participam da sequência, além do Ministro, os jornalistas Demétrio Weber e Reinaldo Azevedo:

Excerto (1)
Entrevista José Gomes Temporão
Bloco I

230 →	Demétrio Weber	quais são os argumentos que o senhor traz além da questão da
231		saúde pública,para se permitir que o estado faça o aborto, não
232		só nos casos que hoje são legalizados?
233 →	Ministro	eu acho que o primeiro ponto é uma evidência que choca (0,2)
234		apesar do aborto ser um crime, ele é praticado um milhão e cem
235		mil vezes por ano por mulheres brasileiras. significa o quê? que
236		a legislação não dá conta da realidade. nós temos uma realidade
237		que transcende o que a lei estabeleceu não é? (0,2) acho que esta
238		é uma questão fundamental. quer dizer, como você trata situações
239		individuais que se colocam de uma gravidez indesejada por
240		questões que pode ir- (0,2) a gente pode discutir aqui, a noite
241		inteira sobre questões que possam levar a uma gravidez
242		indesejada. e essa mulher muitas vezes sozinha, eventualmente,
243		>com o apoio do seu companheiro ou da sua família< mas eu
244		afirmaria que na maior parte das vezes só, com uma sensação de
245		culpa importante, submete-se a um procedimento que pode levar à
246		morte (0,2) na semana passada morreu uma jovem de trinta e dois
247 →		anos em belém, submetida a um abortamento clandestino. esse final
248		de semana no rio de janeiro o jornal publicou uma matéria dizendo
249		que medicamento abortivo proibido no brasil é vendido em camelôs
250 →		no centro da cidade do rio de janeiro. o que é isso?
251 →	Reinaldo Azevedo	falta de governo ministro.
252	Ministro	>não não< é a realidade batendo a nossa porta no nosso rosto.
253		então, essa é a questão que eu quero discutir. e quero que a
254		sociedade escute. agora a decisão compete ao congresso de um lado,
255		e o congresso reflete as diversas posições e tendências que estão
256		expressas na sociedade (0,2) ou o congresso vai decidir por uma
257		consulta popular.
258 →	Reinaldo Azevedo	mas então o senhor é favorável à descriminalização?
259 →	Ministro	sou favorável à discussão.

A pergunta do entrevistador Demétrio Weber no primeiro turno da sequência requer do entrevistado argumentos que apoiem a proposta de legalização do aborto, além dos casos em que este processo já é permitido. A pergunta é direcionada ao Ministro como representante do governo, uma vez que estendendo a permissão ao aborto torna o Estado fornecedor desse serviço à população, o que sem dúvida é um procedimento que além da área médica envolve também uma política pública de governo. Esta pergunta então solicita informações sobre argumentos que possam facilitar a decisão popular sobre a questão do aborto, sendo uma

pergunta de cunho informacional e não desafiador. O entrevistado reconhece o pedido de informação e responde à pergunta, apresentando argumentos em seu turno de resposta.

Entre as linhas 247 e 250 do turno de resposta do entrevistado, é apresentada uma evidência como um dos argumentos que permitiriam levar adiante a discussão sobre a legalização do aborto: o fato de ser vendido um medicamento abortivo proibido no centro da cidade do Rio de Janeiro. No fim de seu turno, o Ministro realiza a pergunta *o que é isso?* (l.250) que pode ser considerada retórica, pois não requer de fato uma resposta. Funciona como uma estratégia argumentativa de defesa de seu ponto de vista, pois demonstra que o acesso à prática do aborto é de amplo conhecimento e que apesar de ilegal, este procedimento é realizado frequentemente.

A pergunta do entrevistado, contudo, perde o caráter retórico porque encontra resposta do entrevistador Reinaldo Azevedo na linha 251: *falta de governo ministro*. Este turno é extremamente desafiador ao entrevistado porque contesta os argumentos oferecidos, apresentando um quadro de incompetência de gestão de governo. Este quadro é negado pelo entrevistado que segue na defesa de seu ponto de vista em discutir a questão do aborto na sociedade.

A partir da linha de defesa criada pelo Ministro, em seus dois turnos de resposta, uma nova pergunta é realizada: *mas então o senhor é favorável à descriminalização?* (l. 258). Esta pergunta de aspecto desafiador ao entrevistado[26] não é respondida de forma direta, isto é, encontra uma resposta evasiva do Ministro na linha 258: *sou favorável à discussão*. É interessante observar que os três turnos dos entrevistadores, dois de perguntas e um de ponto de vista, atendem a metas interacionais distintas na interação. Enquanto o primeiro turno busca obter informação através de uma pergunta, os outros dois apresentam um teor desafiador à posição do entrevistado: seja em forma de posicionamento – *falta de governo ministro* – seja em forma de pergunta – *o senhor é favorável à descriminalização?*.

Consequentemente, as respostas do entrevistado geralmente acompanham a meta proposta nos turnos do entrevistador. Quando a pergunta é de cunho desafiador tende a encontrar uma resposta evasiva no turno seguinte e quando possui um caráter informacional tende a ser respondida de forma direta, sem rodeios.

As perguntas desafiadoras, então, tendem a obter respostas evasivas, que surgem como uma estratégia de desvio de questionamentos, considerados desafiadores às posições assumidas pelo entrevistado na interação. Como ressalta Bavelas et. al (2008), algumas

[26] Conferir subseção 4.1.1 na análise do excerto (3).

respostas quando executadas de forma direta à pergunta realizada podem trazer sérios prejuízos a quem as responde. Dessa forma, aquele que responde escolhe fazê-lo inadequadamente, isto é, de forma evasiva, para evitar assim, em sua avaliação, um dano maior à sua posição na interação se a respondesse satisfatoriamente, ou seja, de forma direta ao questionamento.

Essas respostas evasivas, então, surgem como uma alternativa do entrevistado a uma pergunta que lhe coloca em uma posição de difícil resposta. Mas, como não responder à pergunta abertamente pode também prejudicar sua imagem, principalmente se for uma pessoa pública, ela opta então por respondê-la de forma insatisfatória, uma não resposta. Esta estratégia de "fuga" de perguntas sobre temas polêmicos contribui à disputa de pontos de vista no decorrer da entrevista, fortalecendo o caráter híbrido da atividade.

4.2. A dinamicidade dos papéis e posições

Na seção anterior, analisei o aspecto híbrido que caracteriza a atividade dos dados que compõem o corpus de análise, considerando-a de fato uma entrevista-debate (EMMERTSEN, 2007). Nesta seção, dou continuidade ao estudo desta tese, analisando os papéis dos participantes que são tornados relevantes no curso desta atividade.

Inicio com a suposição de que a característica híbrida desta atividade permite que diversos papéis sejam negociados entre os participantes, refletindo a dinamicidade desses papéis na interação. Alinho à abordagem de papel, o conceito de posição e posicionamento, considerando que o participante se posiciona e se reposiciona todo o tempo em seus papéis desempenhados na atividade.

A partir de uma perspectiva dinâmica e interacional de papel, analisarei, em um primeiro momento, o papel social do entrevistado, para em seguida dar ênfase ao papel de atividade do entrevistador e sua relação com os papéis discursivos projetados no encontro. Em ambas as subseções, destaco a movimentação desses papéis na sequencialidade da interação, assim como das posições assumidas, associando-os – papéis e posições - com o hibridismo de atividade que caracteriza os dados.

Cabe mencionar que a opção por analisar os papéis sociais apenas dos entrevistados, assim como os papéis de atividade e papéis discursivos dos entrevistadores, se deve ao fato de que a observação inicial dos dados mostrou que os participantes tornam relevantes diferentes

tipos de papéis: os entrevistados, seus papéis sociais, e os entrevistadores seus papéis de atividade.

4.2.1. O papel social do entrevistado

Em uma perspectiva interacional, não é todo papel social de um indivíduo que se torna relevante no contato com o outro em uma determinada atividade. Nos dados, os participantes do programa desempenham papéis relevantes à atividade em que estão inseridos, emergindo alguns papéis sociais em detrimento de outros. Como destaca Weizman (2006), o papel social do entrevistado manifestado na atividade gira em torno de sua ocupação profissional/ institucional, motivo pelo qual inclusive, tal entrevistado foi convidado à entrevista.

Os três entrevistados, alvo desta análise, têm em comum a política como norteadora de seus papéis sociais projetados na interação. No excerto a seguir, retirado da entrevista com o ex-Ministro José Dirceu, observamos a apresentação do entrevistado e as primeiras perguntas feitas a ele, a partir de distintos papéis sociais em que a apresentadora Marília Gabriela o posiciona no encontro. Alguns desses papéis são reivindicados pelo entrevistado, enquanto algumas posições associadas a esses papéis são refutadas. Vejamos:

Excerto (1)
Entrevista José Dirceu
Bloco I

01	Marília	boa noite! no centro do roda viva de hoje claro a eleição
02	Gabriela	de dilma rousseff a presidência da república. .hh
		((apresentação de Dilma Rousseff))
05		trouxemos esta noite ao programa
06 →		um de seus grandes eleitores (0.2)
07 →		o ex ministro da casa civil de lula jose dirceu .hh
08 →		ele participou da campanha de dilma agindo nos bastidores sem
09		aparecer muito, mas fazendo mui::to barulho quando aparecia
		((josé dirceu levanta as sombrancelhas))
10 →		dirceu continua sendo uma grande influência no pt e está
11		aqui para analisar a vitória pra falar do futuro e pra dizer
12		qual será seu ↑ papel no governo dilma (0.2)
		((apresentação dos entrevistadores))
39	Marília	OH nao adiantou na::da, estamos aí mais quatro anos (0.2)
40	Gabriela	dois meses atrás você disse essa frase num discurso,
41		na bahia (0.2) e hoje você pode repeti-la quantas vezes
42		quiser, porque ela virou verdade, ne? o pt ta ai pra (0.2) mais
43		quatro anos. e ontem, ao sair da cabine eleitoral, você
44		declarou <não devo (0.2) não posso (0.2) e não quero ter cargo>
45		no governo dilma (0.5) a minha pergunta é a seguinte,
46		você ta gostando da sombra ze dirceu?,

47 eu quero dizer, você prefere ser influente mas sem cargo?,
48 e como é que você vai nos convencer de que você
49 não vai participar mes::mo do governo dilma?

50 José .hh não, eu não atuo nem nos bastidores, nem nas sombras,
51 Dirceu eu atuo abertamente e publicamente no país, aliás, sempre o
52 → fiz,eu fui eleito a primeira vez presidente do centro acadêmico
53 nas ruas, com repressão bomba de gás lacrimogêneo cacetete,
54 cavalaria, patas de cavalaria, e depois de novo >presidente< da
55 → ue, (0.2) da >mesma maneira< e fui eleito deputado estadual,
56 → >três vezes federal fui candidato a governador<,
57 → fui ministro de estados, sempre publicamente. cassado pela
58 câmara, <sem provas>. (0.2)
59 → eu voltei a vida política como militante do pt, como cidadão
60 [eu tenho um blog-]

61 Marília [mas na campanha] da dilma, você [tava::]
Gabriela

62 José [eu atuei] como membro da
63→ Dirceu direção nacional eu sou membro da direção nacional do pt
64 e atuei como tal. eu não era membro da coordenação mas
65 como membro da direção eu percorri o país (0.2) .hh
66 defendi o nome dela desde fevereiro de dois mil e oito (0.2)
67 e nove perdão. percorri o país, trabalhei pras alianças,
68 principalmente com o pmdb, com o >psb, pc do b e pdt<,
69 pelos palanques estaduais, que lhe deram a vitoria, °muitos
70 deles° foram fundamentais. e trabalhei também pra construir os
71 → discursos, as propostas, porque sou. militante do pt,
72 → sou dirigente do pt, e no pt fiz esse trabalho. não tenho
73 participação (0.2) direta na coordenação e não terei no
74 governo. (0.2)como eu disse e quero repetir (0.2)
75 >não devo não quero e não posso< eu tenho primeiro que (0.2)
76 → >prestar contas a justiça< já que eu estou sendo acusado no
77 supremo tribunal federal, de chefe de quadrilha
78 → e de corrupção, não é pouca coisa. (0.2)
79 → como eu sou inocente (0.5)
((Dirceu aponta para si, corroborando a fala de inocente))
80 e nesses anos todos (0.2) todas as investigações inquéritos
81 processos cpis que eu respondi eu fui absolvido inclusive na
82 justiça, federal já fui absolvido duas vezes (0.2)

No recorte acima, diversos papéis sociais de José Dirceu são tornados relevantes, alguns atribuídos pela apresentadora e outros reivindicados pelo próprio Dirceu. Marília Gabriela, ao apresentar o entrevistado, posiciona-o como ex-Ministro (l.7), eleitor de Dilma (l.6), um membro atuante de sua campanha à presidência (l.8) e um membro do Partido dos Trabalhadores (PT) – l.10. Desses quatro papéis em que foi posicionado, José Dirceu só não legitima o papel de eleitor, contudo, também não o nega, apenas o ignora, isto é, ele não o considera neste momento um papel relevante a ser destacado na interação.

José Dirceu, em seus turnos de resposta, reivindica diversos papéis, além dos papéis atribuídos pela apresentadora. Ele reivindica o papel de (i) presidente de centro acadêmico - l.52 -; (ii) deputado estadual - l.55 -; (iii) deputado federal - l.56 -; (iv) candidato à governador - l.56 -; (v) ministro de estado - l.57 -; (vi) militante do PT - l. 59 e 71; (vii) cidadão - l.59 - e

(viii) membro da direção nacional do PT - l.63 e 72. Todos esses papéis, exceto o papel de cidadão, pertencem a um conjunto de papéis (SARANGI, 2010; 2011) associado ao papel de político do entrevistado, quer dizer, é do papel de político que emergem os outros papéis na entrevista.

É interessante notar no excerto (1) que esses papéis manifestados na interação são derivados da dicotomia presente nas posições de "cassado" e "em atividade" do papel de político em que o entrevistado se apresenta ou é apresentado. Dirceu é cassado politicamente como o acusado - e agora já julgado e culpado - pelo esquema de corrupção conhecido como o "mensalão", ocorrido no primeiro mandato do ex-presidente Lula, quando Dirceu ocupava o cargo de Ministro da Casa Civil. Como um político cassado, Dirceu recupera seus papéis desempenhados na vida pública para justificar sua contribuição política ao país, como alguém que possui uma história política e assim se posicionar como inocente (l.79) das acusações.

Em diversos momentos, Dirceu se apresenta em papéis relacionados ao posicionamento "em atividade" deste papel de político, como "deputado" e "ministro". Quando Dirceu afirma *eu estou sendo acusado no supremo tribunal federal de chefe de quadrilha e de corrupção* (l.76 -78), ele faz referência ao seu papel de Ministro e à acusação que lhe foi imputada atuando neste papel. Já em outros momentos, o entrevistado se posiciona a partir do papel de político cassado, como "ex-ministro" e "militante do PT": *fui cassado pela câmara, sem provas, eu voltei à vida política como militante do PT, como cidadão* (l. 57 – 59).

É a partir deste contraste entre os posicionamentos "cassado" e "em atividade" do conjunto de papéis de político do entrevistado que as perguntas são realizadas e posicionamentos são atribuídos e/ou reivindicados. Alguns deles são refutados por Dirceu, enquanto outros são legitimados e reivindicados. Retomo abaixo as atribuições de papéis dados pela apresentadora/ entrevistadora ao ex-Ministro no início da entrevista:

Excerto (2)
Entrevista José Dirceu
Bloco I

```
05      Marília                                 trouxemos esta noite ao programa
06      Gabriela  um de seus grandes eleitores (0.2)
07                o ex ministro da casa civil de lula jose dirceu .hh
08 →              ele participou da campanha de dilma agindo nos bastidores sem
09 →              aparecer muito, mas fazendo mui::to barulho quando aparecia
                  ((josé dirceu levanta as sombrancelhas))
10 →              dirceu continua sendo uma grande influência no pt e está
11 →              aqui para analisar a vitória pra falar do futuro e pra dizer
12 →              qual será seu ↑ papel no governo dilma (0.2)
```

45	Marília	a minha pergunta é a seguinte,
46→	Gabriela	você ta gostando da sombra ze dirceu?,
47		eu quero dizer, você prefere ser influente mas sem cargo?,
48		e como é que você vai nos convencer de que você
49→		não vai participar mes::mo do governo dilma?

Marília Gabriela, nos turnos acima, posiciona José Dirceu como um político que não atua oficialmente, que atua nos bastidores: *ele participou da campanha de dilma agindo nos bastidores sem aparecer muito, mas fazendo muito barulho quando aparecia* (l. 8-9). Esta atuação disfarçada é associada à posição de cassado do conjunto de papéis de político, na qual não lhe é permitido uma atuação oficial. De forma semelhante, há a atribuição da posição "influente" neste papel de político: na campanha à presidência *fazendo muito barulho quando aparecia* (l.9); no governo *dizer qual será seu papel no governo dilma* (l.11-12) e no partido *dirceu continua sendo uma grande influência no pt* (l.10). Esses posicionamentos permanecem nas três perguntas realizadas ao entrevistado entre as linhas 46 a 49. A entrevistadora ratifica as posições em que ela o posiciona, como um político cassado que atua às sombras, porém com muita influência.

Apesar dessas duas posições – atuar às escondidas e ser influente – estarem associadas ao conjunto de papéis que desempenha o entrevistado, Dirceu refuta o primeiro posicionamento claramente em seus turnos:

Excerto (3)
Entrevista José Dirceu
Bloco I

50→	José	.hh não, eu não atuo nem nos bastidores, nem nas sombras,
51	Dirceu	eu atuo abertamente e publicamente no país, aliás, sempre o fiz
52→		
62→	José	[eu atuei] como membro da
63	Dirceu	direção nacional eu sou membro da direção nacional do pt
64		e atuei como tal. eu não era membro da coordenação mas
65→		como membro da direção eu percorri o país (0.2) .hh
66		defendi o nome dela desde fevereiro de dois mil e oito (0.2)
67→		e nove perdão. percorri o país, trabalhei pras alianças,
71		sou. militante do pt,
72		sou dirigente do pt, e no pt fiz esse trabalho. não tenho
73		participação (0.2) direta na coordenação e não terei no
74		governo. (0.2)

José Dirceu, em seus turnos de resposta, representados no excerto (3) acima, refuta a posição de atuação às escondidas de seu papel de político, afirmando que não atua *nem nos bastidores, nem nas sombras,[atua] abertamente e publicamente no país, aliás sempre o [fez]* (l.50-52). Ele refuta esse posicionamento porque o considera de valor negativo, pois atuar nos bastidores e nas sombras passa uma ideia de ilegalidade, o que não corrobora com a posição que reivindica Dirceu, de um político cassado injustamente, de um inocente. Ratificar uma atuação que remete à ilegalidade é confirmar à audiência a imagem de culpado que socialmente Dirceu carrega no ato da entrevista. Ele justifica a negação desses posicionamentos no segundo turno ao afirmar que atuou como membro da direção nacional do PT, percorrendo o país e trabalhando para alianças políticas (l. 62-67). Esses papéis reivindicados reforçam a defesa de uma atuação política às claras, pois se *percorreu o país defendendo o nome de Dilma* (l.65-67) ele não atuou às escondidas, e, portanto, esta posição não lhe pode ser atribuída.

A resposta de Jose Dirceu é proferida a partir de um conjunto de papéis reivindicados por ele, como já analisado nos excertos acima. Esse conjunto de papéis entra em conflito em diversos momentos na entrevista, uma vez que certas ações podem ser realizadas em um determinado papel deste conjunto, enquanto outras não são possíveis. Atuar, por exemplo, na direção do PT na campanha à presidência é um papel que pode ser realizado dentro de sua posição de cassado, pois Dirceu permanece filiado ao PT. Contudo, atuar no governo ocupando um cargo, como pressupõe a pergunta da entrevistadora, não é permitido nesta posição de cassado, a menos que tal atuação ocorra às escondidas, como também é pressuposto no turno de Marília Gabriela, que obtém resposta direta de José Dirceu negando tais pressuposições.

Em outro momento da entrevista, novos papéis sociais do entrevistado são tornados relevantes na interação, porém nem todos são reivindicados por Dirceu. Novamente, há uma tensão no posicionamento destes papéis, não só em termos do conjunto de papéis associados, mas também nos múltiplos papéis (SARANGI, 2010; 2011). O recorte abaixo inicia-se com a discussão da ocupação atual do entrevistado, uma vez que ele não ocupa mais cargos políticos no governo. Participam deste excerto, além do ex-Ministro, os entrevistadores Marília Gabriela e Paulo Moreira Leite.

Excerto (4)
Entrevista José Dirceu
Bloco III

258 → Marília O:: ZÉ! você é lobista hoje! é isso?

259 Dirceu não. não sou.

260 Marília você, você faz business.

261 → Dirceu °não°. não faço. faço consultoria. sou advogado.
262 porque que os outros ↑ consultores não são lobistas e eu sou?

263 Marília [[não! tá bom

264 Dirceu [[diz pra mim [°isso°]

265 Marília [não] porque é-

266 Dirceu não. é uma [coisa]

267 Marília [não é]uma profissão? existe uma profissão=

268 → Dirceu =não! no brasil- lobista tem um caráter,
269 → de tráfico de influências.

270 Marília bom-

271 → Dirceu tem um caráter pejorativo e quase criminoso.
272 → eu sou advogado e consultor!

273 Paulo tá. >eu justamente queria perguntar isso< (0,2)
274 >dirceu<, eu conheço gente que se emocionava ao sair de casa,
275 em sessenta e oito pra ver você fazer discurso no cento de são
276 paulo. muita gente que ficou feliz quando você voltou muita
277 gente que teve identificação com você da sua luta política
278 >dessas suas idéias e tudo< hoje essas pessoas, perguntam
279 → assim, como é que o zé dirceu ganha a vida?

280 Dirceu trabalhando igual[você ganha]

281 Paulo [aí fica uma] coisa com[plica::da]
282 Dirceu [não! igual] você ganha

283 Paulo [[não. eu ganho

284 Dirceu [[igualzinho

285 Paulo todo mundo sabe onde eu trabalho=

286 Dirceu =e todo mundo sabe onde eu tra [balho]

287 Paulo [não não]
288 → quais são os seus- as pessoas não sabem quais os seus clientes.

289 Dirceu [[não, o:: paulo moreira leite!

290 Paulo [[as pessoas não sabem

291 Dirceu o:: paulo moreira leite!

292 Paulo exatamente.

293 Dirceu você pergunta pros outros consultores quais são os clientes
294 deles?

295 → Paulo não. AÍ é que tá! você não é um consultor. você tem uma
296 biografia e- de repente, a sua biografia, ela tá in- tá
297 → diferente. ela tá es [tranha]

298 Dirceu [não tá] nada de diferente!
299 eu sou advogado e consultor.

300 → Marília mas você é um consultor privilegiado! você tem=

301 Dirceu =quer dizer que eu não posso trabalhar pra levar
302 [investimentos brasileiros]

303 Paulo [claro que po::de trabalhar]

304 Dirceu pro exterior pro peru pra [colômbia]

305 Paulo [claro que] pode

306 Dirceu pra europa eu não posso trazer investimentos pro brasil?

307 Paulo o que as pessoas querem saber como um homem público=

308 Dirceu =como um homem público me CASSARAM me tiraram do governo
309 queriam [me banir de dentro do país]

310 Marília [mas você ainda influi]
311 → mas você ainda é um homem influente nesse partido e neste poder

312 Dirceu eu sou influente? não tenho nenhuma
313 [incompatibilidade com]

314 → Marília [então como você pode] fazer
315 → [lobi tendo essa influência?]

316 Dirceu [eu não faço lobi! você que tá] dizendo que eu faço
317 [eu não faço lobi]

318 Marília [OH MEU DEUS], faz o QUE então?

319 José faço consultoria!
Dirceu

No excerto (4) acima, há uma disputa entre dois papéis sociais: o papel atribuído de lobista (l.258) e o papel reivindicado de consultor (l.272). Esta disputa perpassa uma questão ética e até legal da profissão, uma vez que o papel de lobista *tem um caráter de tráfico de influências* (l.268-269), *pejorativo e quase criminoso* (l.271). Portanto, Dirceu nega este posicionamento, reivindicando para si os papéis de consultor e advogado (l. 261), que seriam papéis mais "aceitáveis" nesta construção de discurso de um político cassado injustamente, que tenta provar sua inocência e retornar aos cargos oficiais de político, outrora ocupados.

No entanto, esta disputa entre ser um consultor ou um lobista só é relevante para o entrevistado. Ele é o único dos três envolvidos neste momento da interação que faz questão de manter a separação entre esses papéis, que, segundo ele, teriam implicações distintas. Para os dois entrevistadores não é relevante o nome atribuído ao papel, mas sim a atribuição das ações desempenhadas pelo entrevistado ocupando este papel, seja consultor ou lobista.

Nota-se que após essa disputa inicial entre Marília Gabriela e José Dirceu, o jornalista Paulo Moreira Leite reintroduz a questão da ocupação de Dirceu, após a perda de

seus mandatos políticos, por outra perspectiva: utiliza uma suposta preocupação das pessoas que se identificam com a história política do entrevistado e se perguntam *como o zé dirceu ganha a vida?* (l.279). Este turno do jornalista é estratégico; é uma forma de atribuir o peso da pergunta desafiadora a outra fonte, como se o jornalista fosse apenas o animador (GOFFMAN, [1979] 1998) e não o autor (op.cit.) deste pronunciamento. Como destaca Clayman (1988), atribuir declarações a uma terceira parte é uma estratégia do entrevistador para apresentar seu ponto de vista como se não fosse de sua autoria e, com isso, afastar-se pessoalmente de endossar a opinião que apresenta. Contudo, "o entrevistado e os outros ouvintes podem suspeitar que o entrevistador de fato concorda (ou discorda) com o que reporta, porém o entrevistador não fornece bases sólidas para apoiar tal suspeita" (CLAYMAN, 1988, p.484).

Na pergunta *como o zé dirceu ganha a vida?* (l.279), assim como na sequência dos turnos, está implícita a posição ilegal atribuída ao papel que ocupa Dirceu. Ao afirmar que *as pessoas não sabem quais [são] os seus clientes* (l.288) e *você não é um consultor, você tem uma biografia e de repente ela está diferente, estranha* (l.295-297), o jornalista reforça uma suspeição sobre as ações do entrevistado nesse papel, não importando o nome atribuído, seja o de lobista, seja o de consultor. O que importa é que é atribuída a Dirceu a posição "privilegiado" neste papel que ele reivindica: *mas você é um consultor privilegiado* (l.300); *você ainda é um homem influente neste partido e neste poder* (l.311). Desta posição, como é possível *fazer lobi tendo essa influência?* (l.314-315), quer dizer, um político influente como José Dirceu que possui informações privilegiadas do governo não pode fazer consultoria e muito menos *lobi*.

Os papéis manifestados neste excerto de análise podem ser considerados como alguns dos múltiplos papéis que ocupa José Dirceu em sociedade. Destes múltiplos papéis, o papel lobista/ consultor entra em conflito com o conjunto de papéis que Dirceu ocupa como político. No papel de político, seja na posição de cassado ou em atividade, Dirceu encontra problemas em exercer certos papéis profissionais, como prestar consultoria por exemplo, já que possui informações privilegiadas do centro do poder do país, considerando que o PT ocupa o cargo mais importante do governo. Veja no excerto abaixo como dentre múltiplos papéis sociais apresentados por José Dirceu, entre as linhas 467 a 472, ainda nesta discussão sobre ter informações privilegiadas, só o papel chefe da casa civil, na linha 473, mencionado por Augusto Nunes, entra em conflito com o papel de consultor no ponto de vista dos entrevistadores – Marília Gabriela, Augusto Nunes e Paulo Moreira Leite. Dirceu associa seu trabalho de consultoria à sua *experiência de quarenta anos de vida* (l. 464-465) em distintos

trabalhos exercidos, porém, nenhum deles é relevante ao questionamento dos entrevistadores, apenas seu papel de Ministro que é associado a esse conjunto de papéis do entrevistado:

Excerto (5)
Entrevista José Dirceu
Bloco III

461		Marília Gabriela	você conhece a consultoria. você tem informações privilegiadas!
462		José Dirceu	não. [informações que]
463		Marília Gabriela	[frequentando esse] governo, nos seus intestinos.
464	→	José Dirceu	eu tenho informações na minha experiência de quarenta anos de
465	→		vida. porque eu leio, estudo trabalho, pesquiso, por isso que eu
466			tenho informações. porque eu estudei. porque eu trabalhei
467	→		quarenta anos. trabalhei de office-boy almoxarifado arquivista.
468			depois fui chefe de escritório,depois fui assessor jurídico.
469			depois trabalhei como empresário- como pequeno empresário de
470			confecção. depois trabalhei como=
471		Marília Gabriela	=eu sei zé de tudo isso.
472	→	José Dirceu	advoguei durante todo o tempo. eu tenho experiência.
473	→	Augusto Nunes	e foi sobretudo chefe da casa civil.
474		José Dirceu	mas não há nada que impeça que quem foi ministro-
475		Augusto Nunes	nada?
476		José Dirceu	ser consultor e advogado então, nenhum advogado que passou pelo
477			ministério da justiça poderia advogar.
478		Paulo Moreira	é que você não é um ministro como os outros. essa é a questão!

É interessante notar nos excertos (4) e (5) acima, que, além da iminente tensão envolvida no conjunto de papéis, os múltiplos papéis também podem ser fonte de conflito em sua manifestação na atividade. Eles são usados nos exemplos para confrontar o entrevistado e questioná-lo sobre uma suposta prática ilegal em suas ações. Com esta confrontação, os entrevistadores não legitimam a posição de inocente, reivindicada pelo entrevistado, porque mesmo não mais ocupando o cargo de Ministro, vale-se dessa posição de detentor privilegiado de informações para exercer o cargo de consultor ou lobista.

Os múltiplos papéis, então, são manifestados nesta interação como uma estratégia argumentativa de defesa, através da confrontação, de pontos de vista entre entrevistadores e entrevistados. Nas outras entrevistas do corpus, há outros exemplos desta função dos múltiplos papéis. É possível citar o excerto a seguir, retirado da entrevista com o Ministro da Educação Paulo Renato Souza, em que a discussão sobre os custos da universidade pública, sua eficiência e produtividade está em andamento nos turnos que antecedem o recorte abaixo. O Ministro apresenta falhas no uso dos recursos destinados às universidades e se refere à dificuldade da universidade em aceitar mudanças, às quais, segundo os entrevistadores, são impostas via Ministério e não discutidas em conjunto com os colegiados. Participam deste excerto os entrevistadores Brasilis Salles e Monica Teixeira, além do Ministro Paulo Renato:

Excerto (6)
Entrevista Paulo Renato Souza
Bloco II

178	Brasilis Salles	ministro, o senhor se entusiasmou muito com a sua- com o projeto
179		de obter continuidade redução de custos, eficiência na
180		universidade etc. e:: vamos dizer, ajustar ((gesto com as mãos indicando aspas))
181		a universidade, essa eu acho que é a linguagem que tem sido o
182		tom do ministério [desde o início]
183	Ministro	[não é ajustar,] não é?
184	Brasilis Salles	é:: mas parece ajustar.
185	Ministro	não é não.
186	Brasilis Salles	ministro parece o ministro da [fazenda da educação, mas]
187→	Ministro	[não senhor. hhh não não]
188→		não senhor, não não [não hhh]
189	Brasilis Salles	[hhh deixa] eu terminar a pergunta hhh
190→	Ministro	não. não. tudo bem, termina aí hhh
191	Brasilis Salles	o que me parece é que esse tipo de linguagem é que, e:: vamos
192		dizer, tem caracterizado muito o ministério, [...]
200		e me parece sempre que a:: tá se tentando punir o ineficiente,
201		tentando evitar que, a:: vamos dizer, a universidade e:: que as
202		universidades não trabalhem. eu não sou contra aqui que que não-
203		que se cuide disso. obviamente a universidade tem que ser
204		eficiente, etc. mas falta um projeto uma espécie de utopia
205		educacional que permita que o ministro da educação seja o líder
206		da mudança ao invés de ser aquele que impõe a mudança.
207	Ministro	a:: [e::]
208	Monica Teixeira	[eu só] queria fazer a colocação de um telespectador aqui
209		que fica perfeitamente cabível. é carlos verge, que pergunta "se
210→		o ministro fosse presidente da república- se o senhor fosse

211		presidente da república convidaria um economista para o
212→		ministério da educação?"
		((risos de todos))
213→	Ministro	hhh se fosse um economista como eu convidaria, porque- bem, eu,
214→		eu tô nessa questão da educação há muito tempo. eu fui
215		secretário da educação em são paulo, eu fui reitor da melhor
216→		universidade brasileira do brasil[tá certo?]
217	Monica Teixeira	[as outras] vão ficar nervosas
218→	Ministro	e agora sou ministro da educação=
219	Monica Teixeira	=foi só uma brincadeira por causa do ajuste.
220	Ministro	tá bom. vamo lá (0,2) sabe quanto aumentou o orçamento da
221		universidade pública brasileira nos últimos qua- cinco anos?
222		vinte e oito por cento, não é? isso não é ajuste. nós estamos
223		agora a:: o que, o que aconteceu? as verbas hoje são dirigidas
224		com mais critério

No excerto (6), os entrevistadores posicionam o entrevistado em seu papel de Ministro da Educação, porém preocupado com questões financeiras referentes à universidade e não necessariamente preocupado com a qualidade do ensino, que teoricamente deveria ser a meta principal de um Ministro da Educação. Este posicionamento é marcado pela atribuição do papel de economista representado pela pergunta *se o senhor fosse presidente da república convidaria um economista para o ministério da educação?* (l.210-212). Paulo Renato reconhece este posicionamento e tenta se evadir dele, através de risos (l.187-188; 190; 213) e da apresentação de outros papéis (l. 214-216), como Secretário da Educação e Reitor, na tentativa de justificar o porque dele poder ocupar o cargo de Ministro da Educação (l.218), embora seja um economista.

O papel de economista do entrevistado é trazido à interação como uma forma de oposição ao ponto de vista que é defendido pelo papel de Ministro da Educação que também ocupa Paulo Renato, dentre seus múltiplos papéis. Há uma crítica embutida na atuação concomitante desses papéis, já que de acordo com o discurso do entrevistado, o seu papel de economista, preocupado com dados financeiros, parece se sobrepor ao papel que de fato ele ocupa no governo que é o de Ministro da Educação.

Além desta função que os múltiplos papéis do entrevistado desempenham na interação, a de confrontar pontos de vista distintos, também é possível encontrar a manifestação desses papéis como estratégia de evasão a perguntas desafiadoras realizadas pelos entrevistadores. Há o que podemos chamar de uma troca de papel entre o papel posicionado pelo entrevistador e o papel reivindicado pelo entrevistado ao responder, quando

este avalia a pergunta como desafiadora ao papel que ele ocupa. No excerto analisado na subseção 4.1.1, em que o Ministro da Saúde José Gomes Temporão é questionado sobre seu ponto de vista em relação ao aborto, a partir de uma comparação entre o feto e os filhotes de tartaruga, o entrevistado se evade de uma resposta direta utilizando alguns de seus múltiplos papéis como justificativa:

Excerto (7)
Entrevista José Gomes Temporão
Bloco III

184 →	Reinaldo Azevedo	o senhor não acha que os fetos brasileiros têm direito a pelo
185 →		menos a mesma lei que têm as tartarugas?
186 →	Ministro	eu acho que as mulheres brasileiras que estão vivas
187 →		merecem o direito à vida=
188 →	Reinaldo Azevedo	=e os fetos não?
189 →	Ministro	eu defendo a vida. eu tenho quatro filhos.
190 →		sou de formação católica. sempre defendi e sempre vou continuar
191		defendendo (0,2) eu não posso fechar os olhos para a realidade
192 →		que eu expus aqui.
193	Paulo Markun	ministro, eu vou fazer a pergunta de vários telespectadores que
193		eu acho que integram essa mesma questão de uma outra maneira,
194		eu diria que talvez mais competente do que a que meus colegas
195		estão tentando (0,2)
		((apresenta os telespectadores))
198 →		[eles] questionam o seguinte- em caso de existir plebiscito, o
199 →		senhor vai votar a favor ou contra o aborto?
200 →	Ministro	não sei! depende do debate=
201	Demétrio Weber	=mas ministro, o senhor que levantou o debate (0,2)
202		a lei já existe, o código penal de 1940 está aí,
203		diz os casos que podem e os que não podem.
204	Ministro	eu propus o debate (0,2) ou melhor, eu não propus o debate não!
205		na realidade, no começo eu respondi essa questão, isso me
206		impressiona muito. não fui eu que lancei essa questão. eu fui
207		usado na realidade, para que essa questão aparecesse. ela está
208		na cara de todo mundo. camelô no centro do rio de janeiro
209		vendendo medicamento. vende porque tem mercado (0,2)
210		as pessoas estão tomando, as mulheres estão usando, as mulheres
211		estão morrendo.
212	Reinaldo Azevedo	ministro, eu que lhe dei os parabéns duas vezes,
213		vou brigar com o senhor agora (0,2)
214		o senhor é ministro da saúde. não pode dizer, como se fosse eu,
215		>que não sou nada< sou apenas um abelhudo, que estão vendendo
216		cytotec imagino, no rio de janeiro.
217→	Ministro	isso é uma questão de polícia=
218	Reinaldo Azevedo	=é questão de governo, de política pública.
219	Ministro	mas no caso específico é uma infração grave à lei!
220		polícia. as pessoas estão comprando pela internet (0,2)
221		como você controla? é outro problema.

No excerto (7) acima, o entrevistado se apresenta nos papéis de pai e católico (l.189-190) para justificar sua posição de defesa à vida. Contudo, as perguntas são direcionadas ao papel de Ministro da Saúde, uma vez que os pontos de vista do pai e do católico não são relevantes à questão da legalização do aborto. Como Ministro da Saúde, essas perguntas são de difícil resposta, pois cobram um ponto de vista do entrevistado que é sensível ao papel que ele ocupa como representante do governo. Qualquer resposta, seja afirmativa ou negativa, atinge a grupos distintos da sociedade, sendo favoráveis a uns e desfavoráveis a outros, não só politicamente, mas também a esferas religiosas e médicas, o que torna essas perguntas (l. 184-185; 188; 198-199) extremamente desafiadoras ao papel de Ministro da Saúde.

Ao reconhecer o aspecto desafiador destes três tipos de perguntas, o entrevistado opta por evadir-se de uma resposta direta nos três casos. As respostas *eu acho que as mulheres brasileiras que estão vivas merecem o direito à vida* (l.186-187) e *não sei! depende do debate* (l. 200) são proferidas, ainda que de forma evasiva, a partir de seu papel de Ministro, isto é, o entrevistado responde no papel que lhe é perguntado. Já a resposta *eu defendo a vida. eu tenho quatro filhos. sou de formação católica. sempre defendi e sempre vou continuar defendendo, eu não posso fechar os olhos para a realidade que eu expus aqui* (189-192) é respondida a partir de outros papéis – pai e católico – como forma de fugir dessa posição difícil em que ele é posicionado. O entrevistado ainda atribui responsabilidade a outro papel que ele não exerce, o papel de policial, com a fala *isso é uma questão de polícia* (l.217), nesta tentativa de fuga de uma cobrança de um ponto de vista mais direto. Esta troca de papel como estratégia de evasão a perguntas desafiadoras é mais uma função manifestada dos múltiplos papéis na entrevista.

Como discutido na subseção sobre os tópicos controversos (cf. 4.1.4), as perguntas desafiadoras tendem a obter respostas evasivas do entrevistado, que escolhe esta opção de resposta como forma de evitar um dano maior à sua posição na interação, a partir de temas considerados polêmicos. Aliado a isso, observa-se agora que esta estratégia de evasão também é realizada através das trocas de papel, dentre os múltiplos papéis sociais que o entrevistado desempenha. Ele se evade destas questões assumindo outros papéis ao responder, uma vez que o papel em que ele é questionado não lhe parece favorável a assumir um ponto de vista.

4.2.2. O papel de atividade e sua relação com o papel discursivo

Esta subseção tem o foco nas ações desempenhadas pelos entrevistadores da atividade analisada, considerando a relação entrevistador-entrevistado da interação. As edições de análise do programa Roda Viva apresentam uma média de seis entrevistadores por edição do programa, como destacado no capítulo metodológico desta tese. Esses entrevistadores, contudo, não exercem apenas este papel de atividade na interação. Em diversos momentos, outros papéis de atividade são introduzidos e reintroduzidos no curso do encontro.

Sarangi (2010, 2011) define o papel de atividade como aquele que é dependente do tipo de atividade na qual o indivíduo está participando. Além de estar associado à atividade em curso, caracterizando-a, este papel restringe os papéis discursivos desempenhados no encontro. Segundo o autor, há uma relação intrínseca entre o papel de atividade e o papel discursivo, sendo um dependente do outro. De fato, o papel discursivo é dependente também do papel social, como defendem Sarangi e Slembrouck (1996) e Weizman (1996, 2006, 2008). Estes autores afirmam que o papel social é interconectado com o papel discursivo, sendo este delimitado pelo papel social tornado relevante no encontro. Dessa forma, o papel discursivo se inter-relaciona com os papéis sociais e de atividade dos participantes do encontro, sendo suas ações restritas pela atividade em curso e pelos participantes envolvidos.

Como essa atividade de análise possui uma característica híbrida em sua formatação, ela permite que diversos papéis de atividade sejam desempenhados no encontro. Dentre os entrevistadores do programa, um, de cada edição, se apresenta também no papel de apresentador. Na entrevista com José Dirceu, a apresentadora é a jornalista Marília Gabriela. No programa com o Ministro da Educação, a apresentadora é a jornalista Monica Teixeira e na entrevista com José Gomes temporão, o apresentador é o também jornalista Paulo Markun. Em seus papéis de apresentadores, os três jornalistas desempenham papéis discursivos como apresentar o entrevistado no início do encontro e situar o telespectador sobre os temas tratados ao longo do programa. Vejamos esses papéis de apresentadores em andamento nos excertos abaixo, retirados da entrevista com o Ministro da Saúde José Gomes Temporão e com o ex-Ministro José Dirceu:

<u>Excerto (1)</u>
Entrevista José Gomes Temporão
Bloco I

01→	Paulo Markun	boa noite. ELE assumiu o ministério dizendo e deixando claro que
02		compraria duas brigas, acho que comprou três (0,5) evitar
03		interferências políticas na nomeação de auxiliares (0,2)
04		impedir o desvio de recursos da saúde para outras áreas e
05		terceiro,abrir um debate nacional sobre a polêmica questão do
06		aborto (0,5)responsável por um orçamento que é quase a metade de
07		todos os recursos do governo, ele comanda uma estrutura gigante
08		que carrega marcas de corrupção, de prestação ruim de serviços e
09		que tem dificuldades, não só de combater as velhas doenças como
10		também o desafio de combater as novas (0,5) o entrevistado desta
11		noite no roda viva é o médico josé gomes, temporão, novo ministro
12		da saúde (0,5) josé gomes temporão é um reconhecido especialista
13		em doenças infecciosas. a formação e a carreira na administração
14		pública pesaram na escolha de seu nome como ministro da saúde,
15→		no segundo mandato do presidente Lula (0,5)
		((vídeo com apresentação do entrevistado))
58→		para entrevistar o ministro da saúde josé gomes temporão, nós
59		convidamos ((apresentação dos entrevistadores do programa))
67→		boa noite ministro.
68	Ministro	boa noite Paulo
69→	Paulo Markun	eu queria entender porque o senhor decidiu tomar a frente essa
70		discussão do aborto, >que não é uma discussão fácil< (0,5)
71		é uma forma de- digamos assim, desviar a atenção de outras
72→		questões graves da saúde brasileira?

Excerto (2)
Entrevista José Dirceu
Bloco I

01→	Marília Gabriela	boa noite! no centro do roda viva de hoje claro a eleição
02		de dilma rousseff a presidência da república. .hh
03		primeira mulher eleita para governar o país, ela teve mais de
04		cinquenta e cinco milhões de votos e será nossa presidente pelos
05		próximos quatro anos .hh trouxemos esta noite ao programa
06		um de seus grandes eleitores (0.2)
07		o ex ministro da casa civil de lula jose dirceu .hh
08		ele participou da campanha de dilma agindo nos bastidores
09		sem aparecer muito, mas fazendo mui::to baru:lho quando aparecia
		((josé dirceu levanta as sombrancelhas))
10		dirceu continua sendo uma grande influência no pt e está
11		aqui para analisar a vitória pra falar do futuro e pra dizer
12		qual será seu ↑ papel no governo dilma (0.2)
13		para entrevistá-lo, estão comigo hoje os jornalistas.
		((apresentação dos entrevistadores))
21→		pra começar. ahn:: muito obrigada pela presença ze dirceu
22		vou fazer um social rápido ANtes de chegar, a ao ao que importa
23→		(0.5) você não ta prejudicado com essa entrevista hoje? não ta
24		de ressaca? comemorou[em]
25	José Dirceu	[hhh]
26→	Marília Gabriela	brasília °ontem° ou não?

Nos excertos acima, dois papéis de atividade de Marília Gabriela e Paulo Markun estão em andamento na interação. Em um primeiro momento, o papel de apresentador ocupa o turno inicial dos dois participantes. Como apresentadores, em uma fala direcionada ao telespectador, eles desempenham o papel discursivo de apresentar o entrevistado e os temas que serão abordados no programa, além de apresentar os outros componentes da mesa. No excerto (1) esses papéis discursivos são observados entre as linhas 01 a 15 e 58 a 66, enquanto no excerto (2), observamos essas apresentações entre as linhas 01 a 20.

No fim de seus turnos, os apresentadores se dirigem ao entrevistado saudando-o ((1) l. 67; (2) l. 21) e realizando as primeiras perguntas do programa ((1) l. 69-72; (2) l. 23-26). O ato de perguntar é uma tarefa que pertence ao papel de atividade do entrevistador, havendo então, uma alteração no papel de atividade desempenhado no início do turno para o papel desempenhado no fim do turno, isto é, de apresentador, os dois participantes passam a entrevistadores, dando início de fato à entrevista propriamente dita.

Os apresentadores/ entrevistadores também acumulam outro papel na atividade que lhes é característico: o papel de mediador do encontro, que os diferencia dos outros entrevistadores do programa. Como mediador, diversos papéis discursivos são desempenhados e geralmente em uma relação assimétrica de poder, em que o comando do mediador orienta os outros participantes na interação. Nos excertos a seguir, apresento alguns exemplos dos papéis discursivos desempenhados pelo papel de mediador na interação.

Excerto (3)
Entrevista José Dirceu
Bloco I

```
419     Guilherme              [não essa questão]
420       Fiuza     >as vezes eu vejo ela< um pouco mal colocada a questão
421                 do mensalão porque é muito dificil a opinião pública trazer
422                 simular uma corte fazer de novo esse processo.
423                 o processo ta correndo, vai vir o julgamento .hh
424                 o que mais me impressiona (0,2) nesse episodio (0,2)
425                 é que você hoje >por exemplo<   poderia ta sentado na
426                 cadeira da dilma, ne? [começou]

427       Dirceu                          [ genero]sidade tua

428     Guilherme   é, não- mas o que a gente sabe é o seguinte é:: é:: começou o
429       Fiuza     governo lula você foi fundamental (0,2) na criaçao dessa
430                 candidatura lula na ideia do- você as vezes é apresentado como
431                 radical. mas eu nao vejo como radical ne? quer dizer na
432                 verdade a guinada moderada foi conduzida por voce naquela
433                 epoca. o lula tinha dificuldades dentro do pt, tinha desgaste
434                 da opinião publica (0,2) era o candidato que perdia ne? você
435                 ajudou o lula a tornar palatável aquela vitoria .hh com toda a
436                 negociação com a equipe econômica anterior que o paloci
437                 participou e você também (0,2) um momento importante da
438                 transição brasileira e assume aquele governo muito forte .hh
439                 ne? legítimo, renovação etc. tinha todo o respaldo popular e
```

440		institucional, ne? (0,2) de repente começa a acontecer um
441		negocio que você deve ter uma visão crítica >em relação a isso
442		também< porque houve de FAto ne? um um desvio, um duto que
443		você chamou de ( ) duto ne? com contratos fictícios de
444		empresas estatais que iam parar nos cofres do partido ne?
445		>quer dizer< isso aconteceu e aconteceu de maneira sistemática
446		(0,2) eu gostaria de saber é:: é:: você tinha muito poder no
447		governo inclusive
448→	Marília Gabriela	guilherme a pergunta [por favor]
449	Guilherme Fiuza	[conselhos] condições é:: é:: passavam
450		por você, a minha curiosidade é a seguinte vendo esse esse
451		desvio sistemático (0,2) havia uma doutrina de que o estado
452		precisa fortalecer o partido? houve vista grossa? houve
453		distração? porque que houve um grande desvio sistemático houve
454		ne? qual a tua avaliação disso?

Na abordagem do tema mensalão na entrevista com ex-Ministro José Dirceu, destacado no excerto (3) acima, Marília Gabriela intervém no turno do entrevistador Guilherme Fiuza, desempenhando seu papel de mediadora no encontro, cobrando dele a pergunta para o entrevistado: *guilherme a pergunta por favor* (l.448). A sua cobrança se deve ao fato de que o tempo de fala do jornalista é muito grande, sem nenhuma insinuação de pergunta. Guilherme Fiuza parece não desempenhar seu papel de entrevistador, pois não cobra um ponto de vista do entrevistado e nem lhe faz uma pergunta, o que é cobrado pela mediadora do encontro.

Parece haver, então, um tempo máximo em que é permitido ao entrevistador fundamentar sua pergunta antes de produzi-la. A mediadora, nas obrigações que acarretam seu papel, avalia as considerações iniciais do entrevistador como suficientes para sua fundamentação e a partir desta avaliação, o interrompe cobrando-lhe a pergunta.

Ao cobrar que o papel de entrevistador seja desempenhado pelo jornalista, Marília Gabriela, como mediadora, orienta os papéis em jogo na interação, determinando o que deve ser seguido em uma relação assimétrica de poder no discurso entre os papéis de atividade: por um lado, o papel de atividade de mediadora que desempenha Marília Gabriela e por outro lado, o papel de entrevistador que manifesta – ou deveria manifestar neste momento da interação – Guilherme Fiuza, ambos ocupando ainda o papel social de jornalista no encontro. Em outro trecho da entrevista, observamos também esse papel de mediador como gerenciador das ações que se seguem:

Excerto (4)
Entrevista José Dirceu
Bloco I

682	José	primeiro eu vou me defender no supremo tribunal federal
683	Dirceu	(0,2) isso eu to fazendo certo? e vou me defender na sociedade
684		se for necessário ate o julgamento °ne°? eu prefiro não fazê-lo
685		desde que o julgamento nao seja político seja um julgamento
686		(0,2) jurídico se transformar numa luta política contra mim,
687		vou ter que me defender no pais nao que o supremo FAça eu digo
688		que as forças políticas de oposição queiram transformar agora
689		o meu julgamento ou no terceiro turno da eleiçao ou na- pra me
690		condenar por razões [políticas ne?]
691→	Sergio	[eu- eu- eu] queria perguntar isso
692→	Liro	[pra voce]
693→	Marília	[pera um pou]quinho só.
694	Gabriela	vamos terminar esse bloco e assim que voltar você é o primeiro
695→		a perguntar ta bom [sergio?]
696	Sergio	[certo]
	Liro	
697→	Marilia	então terminando o primeiro bloco do roda viva com
698→	Gabriela	o ex-ministro jose dirceu e voltamos em seguida. até já

O excerto (4) inicia com o turno do entrevistado José Dirceu respondendo a uma pergunta anterior sobre seus planos de pedir anistia ao congresso para ter de volta seus direitos políticos outrora perdidos. Em uma fala sobreposta à fala do entrevistado, o entrevistador Sergio Liro inicia seu turno com a intenção de realizar uma pergunta (l.691-692). No entanto, Marília Gabriela o interrompe, na linha 693, também em uma sobreposição, desempenhando seu papel de mediadora do encontro dando por encerrado o bloco do programa (l. 693 a 695). O entrevistador segue o comando da mediadora e não completa sua pergunta, para no fim do excerto, Marília Gabriela, já em seu papel de apresentadora do programa, em um processo dinâmico de trocas de papel na interação, se dirigir ao telespectador e atualizá-lo sobre o término do bloco e o entrevistado da semana (l.697-698). Os comandos relativos aos dois papéis de atividade desempenhados por Marília Gabriela não são contestados pelos outros participantes, o que demonstra a situação hierárquica destes papéis frente ao papel de entrevistador no encontro.

Os papéis de mediador e apresentador, portanto, são papéis de atividade que assumem em uma escala de poder de fala e de ações no discurso, um nível alto, se comparado com o papel de atividade do entrevistador e, inclusive, do entrevistado. Como o papel do

mediador realiza funções como controlar o tempo, direcionando os temas a serem questionados entre os blocos dentro de uma agenda tópica previamente estabelecida, este papel determina as etapas que serão seguidas no programa e, por conseguinte, possui tarefas discursivas que se apresentam com prioridades mais visíveis que as outras tarefas imputadas aos outros papéis de atividade.

Além desses papéis de atividade manifestados na interação, o papel de debatedor é outro papel que surge no curso da entrevista que, inclusive, permite caracterizá-la como uma atividade híbrida, uma entrevista-debate. Em diversos momentos das entrevistas, há sequências de disputas de pontos de vista entre entrevistadores e entrevistados, como analisado nas seções e subseções anteriores. Quando, por exemplo, o jornalista Reinaldo Azevedo apresenta seu ponto de vista desfavorável ao aborto, afirmando que "há falta de governo" em relação à venda de medicamentos abortivos por ambulantes no Rio de Janeiro, ele se posiciona como alguém contrário à política em vigor, que é representada pela presença do Ministro da Saúde, iniciando assim uma sequência de disputa de pontos de vista. Nessas sequências, o papel de atividade do entrevistador é substituído pelo papel de debatedor, que desempenha o papel discursivo de apresentar seu ponto de vista, declaradamente oposto ao ponto de vista do entrevistado, dando o aspecto debate, característico desta atividade.

Outro exemplo dessa presença do papel de atividade nos dados que vem a ratificar essa transferência entre o papel de entrevistador e o papel de debatedor é o extraído da entrevista com o Ministro da Educação Paulo Renato Souza. No excerto (5), a seguir, o Ministro apresenta um dado sobre o suposto mau uso da verba destinada à universidade pública, o que é contestado na sequência pelos entrevistadores/debatedores:

Excerto (5)
Entrevista Paulo Renato Souza
Bloco II

225 →	Ministro	eu fui à universidade federal de viçosa em noventa e seis
226		inaugurar uma biblioteca. dentro da biblioteca tinha um
227		elevador panorâmico. eu te pergunto: pra que um elevador
228		panorâmico na- numa universidade pública? dentro da biblioteca,
229 →		em viçosa, onde não existe nenhum panorama pra ser visto.
230 →	Brasilis Salles	[[ninguém aqui é contra
231 →	Marcos Antonio	[[é com o dinheiro público?
232 →	Monica Teixeira	[[mas a questão:: é que não é-

233	Ministro	não mas acontecia isso brasílio acontecia isso.
234		quantos centros shopping centers foram construídos=
235 →	Marcos	=mas tem universidade que não tem dinheiro pra pagar luz e água
236 →	Antonio	também=
237 →	Fernando	=viçosa é a universidade que tem a maior renda- uma das
238	Rosseti	universidades que têm a maior renda de o:: convênios privados
239 →		[de toda natureza]
240	Ministro	[sim mas esses recur]sos são recursos que estavam sendo- que
241		eram aqueles recursos que eram transferidos pra universidade e
242		eram e:: levados que ficava a:: digamos assim, a decisão de
243		fazer não é, o critério para investimento não era um critério
244		que passava sequer pelo conselho universitário. nós aumentamos
245		a verba de custeio e investimento para a universidade de cerca
246		de trezentos e trinta milhões pra seiscentos milhões por ano.
247		então=
248 →	Marcos	=ministro, existe elevador panorâmico numa universidade
249	Antonio	pública. também tem universidade pública que não tem dinheiro
250 →		pra pagar luz e água.
251	Ministro	isso é- isso [eu diria que]
252 →	Marcos	[Quer dizer] tem a anedota e tem a tragédia
253 →	Antonio	também

No excerto (5), a informação dada pelo Ministro sobre a existência de um elevador panorâmico em uma universidade pública, como argumento de defesa do mau uso da verba universitária, é ponto de discussão entre os participantes do programa. Note que a partir da fala do Ministro (l.225-229), três participantes iniciam o turno ao mesmo tempo (l. 230-232), em resposta a este argumento apresentado. Desses três participantes, o Marcos Antônio é quem desempenha o papel de entrevistador realizando a pergunta *é com o dinheiro público?* (l.231), que é desafiadora ao entrevistado porque sugere uma incerteza em relação à informação dada. Essa incerteza é ratificada na fala de Fernando Rosseti: *viçosa é uma das universidades que têm a maior renda de convênios privados de toda natureza* (l.237-239), ou seja, tem certeza que esse elevador foi construído com o dinheiro público? Este turno de Marcos Antonio e o de Fernando Rosseti são realizados a partir de papéis de atividades distintos. Enquanto Marcos Antonio desempenha o papel de entrevistador, proferindo uma pergunta, Fernando Rosseti desempenha o papel de debatedor, contestando a informação dada pelo Ministro sobre a Universidade Federal de Viçosa.

Na sequência do excerto, o papel de entrevistador que desempenha Marcos Antonio é substituído pelo seu papel de debatedor ao contestar também o argumento do entrevistado. Nos três turnos que se seguem, Marcos Antonio apresenta seu ponto de vista através de uma informação que contesta o ponto de vista do Ministro: *mas tem universidade que não tem*

dinheiro para pagar luz e água também (l.235-236 e 248-250). Marcos Antonio apresenta o outro lado nesta discussão do uso da verba universitária: ao mesmo tempo em que há uma universidade com elevador panorâmico, há também universidades sem condições básicas de funcionamento; há *a anedota e tem a tragédia também* (l.252-253). Esse ponto de vista argumenta diretamente com o teor da informação dada pelo Ministro Paulo Renato.

Essa dinamicidade entre os papéis de atividade do entrevistador e do debatedor dão o teor híbrido desta atividade, que é direcionada a uma audiência específica: o telespectador. Como um participante oficial do encontro – um ouvinte ratificado (GOFFMAN, [1979] 1998; 1981) –, o telespectador também assume um papel nesta atividade, orientando a conduta interacional dos participantes envolvidos no programa. Como afirma Heritage (1985, p.112) e Tolson (2006, p.10-11), as entrevistas televisivas são produzidas para uma audiência, o que faz com que os entrevistadores não se considerem os endereçados únicos da fala dos entrevistados, assim como os entrevistados sabem que falam para duas audiências, não só para um coparticipante imediato, mas também para uma audiência invisível.

Para exemplificar este papel do telespectador no direcionamento das ações discursivas dos participantes dos dados, recorro à entrevista com o ex-Ministro José Dirceu, que se mostra, em diversos momentos, preocupado com a opinião do telespectador. No excerto abaixo, Dirceu contesta a atribuição dada a ele pelo jornalista Augusto Nunes, sobre a ameaça de uma agressão na campanha do ex-governador Mario Covas:

Excerto (6)
Entrevista José Dirceu
Bloco II

128 →	Augusto	você disse na campanha do mário covas "eles precisam
129 →		apanhar [na RUA e na urna", tá gravado]
130 →	Dirceu	[não eu não disse na campanha do]
131		mário covas [nada disso]
132	Augusto	[tá gravado!]
133	Dirceu	mas não é isso o que você está dizendo.
134 →		que aí o teles[pectador vai achar que-]
135	Augusto	[mas como dirceu?]
136	Dirceu	estava numa assembleia de professores-
137	Augusto	quem era que vai- que deveria apanhar?
138	Dirceu	de uma entidade (0,2)
139	Augusto	nós?
140	Dirceu	o:: (0,2) eu usei a expressão apanhar, como posso usar outra
141		como vencer e derrotar.

Dirceu refuta a frase atribuída a ele, entre as linhas 128 e 129, preocupado com o julgamento que faria o telespectador sobre esta ameaça de agressão: *que aí o telespectador vai achar que* (l.134). Em outro momento, nova menção ao telespectador, na contestação da atribuição do papel de lobista, que possui "caráter pejorativo e quase criminoso" (cf, excerto (4), subseção 4.2.1):

Excerto (7)
Entrevista José Dirceu
Bloco III

311		Marília	mas você ainda é um homem influente nesse partido e neste poder
312		Dirceu	eu sou influente? não tenho nenhuma
313			[incompatibilidade com]
314		Marília	[então como você pode] fazer
315			[lobi tendo essa influência?]
316		Dirceu	[eu não faço lobi! você que tá] dizendo que eu faço
317			[eu não faço lobi]
318		Marília	[OH MEU DEUS], faz o QUE então?
319		Dirceu	faço consultoria!
320		Marília	consultoria que seja
321	→	Dirceu	NÃO NÃO. que seja não. você sabe. vou repetir marília gabriela,
322			porque isso é grave[vou repetir]
323		Marília	[não, mas eu] to falando de um lado bom
324	→	Dirceu	lobi para o telespectador significa outra coisa
325		Marília	pô, mas então você tá desmentindo isso para o telespectador
326		Dirceu	além de cassado eu sou advogado. exerço minha profissão.

Fica claro nos dois excertos acima que o entrevistado reconhece a presença do telespectador atuando na atividade, como um participante capaz de julgar as posições assumidas pelo entrevistado diante de fatos ocorridos. Isto significa que as posições que colocam em risco sua imagem de um político inocente, cassado injustamente, são veementemente refutadas. Assumir o papel de lobista, que realiza tráfico de influência, e de um político que ameaça fisicamente seus oponentes não contribui para como essa posição de inocente assumida. Como à época do programa, Dirceu estava à espera do julgamento, era primordial estabelecer um vínculo positivo com a opinião pública, sendo o telespectador o alvo perfeito para sua defesa e reconstrução de imagem.

Dentre os papéis de atividade dos participantes do programa, o papel do apresentador é o que estabelece a relação direta com o telespectador, através de papéis discursivos como apresentar o entrevistado e o tema, saudar e despedir-se do telespectador, anunciar o encerramento de bloco - *voltamos já*; *não saia daí*; *até já*. É através da manifestação desse papel que o telespectador se torna um participante endereçado do encontro, um ouvinte ratificado, "embora não possa assumir o papel de falante" (GOFFMAN, 1981, p.234), sendo não apenas o alvo (LEVINSON, 1988) do discurso, como ocorre na fala de reconhecimento dos entrevistados (excertos 6 e 7), mas também como aquele que está ativo no encontro, aquele que participa das ações discursivas que circundam e alimentam este papel de atividade.

Além do reconhecimento da presença do telespectador e seu endereçamento na fala do apresentador, outro ponto reforça o papel relevante que desempenha o telespectador na atividade: a sua transposição do campo "invisível" ao campo presencial, desempenhando o papel discursivo de realizar uma pergunta ao entrevistado. No excerto abaixo, a apresentadora interrompe o Ministro Paulo Renato Souza para introduzir no discurso uma pergunta realizada por um telespectador:

Excerto (8)
Entrevista Paulo Renato Souza
Bloco II

208	Monica Teixeira	[eu só] queria fazer a colocação de um telespectador aqui que fica perfeitamente cabível. é carlos verge, que pergunta "se o ministro fosse presidente da república- se o senhor fosse presidente da república convidaria um economista para o ministério da educação?"
209		
210		
211		
212		
		((risos de todos))

No excerto acima, o telespectador assume o papel de atividade de entrevistador, desempenhando o papel discursivo de realizar uma pergunta. Contudo, esses dois papéis manifestados são dependentes da voz do outro, pois não podem atuar de forma presencial, isto é, para que o telespectador atue como entrevistador, se faz necessário que haja um animador (GOFFMAN, [1979] 1998) para este papel discursivo de realizar uma pergunta, que no excerto, compete à apresentadora Monica Teixeira.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DE ANÁLISE

O capítulo de análise dos dados teve dois focos principais: o tipo de atividade e a dinamicidade dos papéis e posições manifestos na interação. A partir dos resultados de análise, apresento agora as questões mais relevantes, buscando unir os dois focos centrais, em uma discussão orientada por uma perspectiva interacional em análise do discurso.

O programa Roda Viva é categorizado nesta tese como uma atividade híbrida, em que dois padrões interacionais ocorrem concomitantemente no fluxo da interação: o padrão interacional pergunta-resposta e o padrão interacional apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista. A partir destes padrões interacionais, a atividade é definida como uma entrevista-debate, em que diversos temas são discutidos entre os participantes do programa.

Na caracterização da atividade híbrida, foram analisados quatro aspectos: (1) a sequencialidade do par pergunta-reposta, (2) os formatos da pergunta, (3) os turnos sem perguntas dos entrevistadores e (4) os tópicos controversos.

A análise dessas categorias permitiu obter resultados interessantes, como a caracterização de três diferentes formatos de perguntas, associados a metas interacionais distintas: (i) a meta de obter informação, com perguntas do tipo informacional; (ii) a meta de desafiar o ponto de vista do entrevistado, com perguntas de aspecto desafiador e (iii) a meta de obter informação ao mesmo tempo em que desafia o ponto de vista do entrevistado, realizada através de perguntas denominadas do tipo mista. Esta terceira meta, que caracteriza a natureza híbrida da atividade, ocorre em uma frequência muito superior nos dados: quase 60% do total de perguntas. Este resultado revela a estratégia interacional dos entrevistadores que consiste em formular perguntas que lhes permite apresentar e cobrar pontos de vista, ao mesmo tempo em que requer informação.

A ocorrência das perguntas do tipo mista também demonstra que as metas interacionais não seguem um padrão pré-estabelecido de continuidade, isto é, a entrevista não se inicia no formato tradicional da busca por informações, para em seguida desenvolver o desafio a partir das informações coletadas. Esta ideia de continuo não se concretiza nos dados, uma vez que as perguntas do tipo mista ocorrem em momentos diferentes do programa Roda Viva: na entrevista com o ex-Ministro José Dirceu sua frequência maior de uso é centrada no 2º bloco; na entrevista com Paulo Renato Souza, sua maior ocorrência é no 3º bloco e na entrevista com o Ministro José Gomes Temporão sua predominância é no 1º bloco, o que

significa que a entrevista já se inicia no formato híbrido de atividade no qual se alia o pedido de informação à defesa de pontos de vista, muitas vezes contrários ao apresentado/defendido.

Estes três formatos de perguntas identificados nos dados são provenientes da análise da sequencialidade interacional, em que se considera a resposta do entrevistado, ou seja, a avaliação que este faz do conteúdo proposicional da pergunta. Essas respostas são capazes de mudar o foco da pergunta seguinte. Geralmente, esta mudança parte de perguntas do tipo informacional que, a partir do turno de resposta, levam a perguntas do tipo desafiador ou a perguntas do tipo mista. As perguntas do tipo informacional geram estes movimentos, pois, os entrevistadores as empregam, com frequência, com a meta de adquirir, em um primeiro momento, uma informação do entrevistado, para em seguida usá-la a favor de seus argumentos.

Desafiar o ponto de vista do entrevistado parece ser uma meta de grande destaque nos turnos do entrevistador, uma vez que não só de perguntas este desafio é concretizado, mas também, com turnos sem perguntas, turnos que são sustentados por pontos de vista, frequentemente contrários aos defendidos/apresentados pelos entrevistados.

Os temas que norteiam a agenda tópica das entrevistas são usados como ferramentas deste aspecto desafiador que perpassa a atividade, pois eles possibilitam a disputa de pontos de vista, uma vez que são tópicos sensíveis ao entrevistado, devido a seu papel político na vida pública. Os tópicos controversos geram as perguntas do tipo desafiador e desencadeiam a disputa no curso da interação. Esses tópicos são identificáveis por serem marcados pela relação entre a evasão na resposta dos entrevistados e a insistência dos entrevistadores nos turnos em sequência.

Outro ponto interessante a ser destacado na análise sequencial da interação é o fato da resposta do entrevistado acompanhar a meta interacional da pergunta. Quando a pergunta é de teor desafiador, encontra uma resposta evasiva no turno seguinte e quando possui um caráter informacional é respondida de forma direta pelo entrevistado. Essas respostas evasivas surgem como uma estratégia de desvio de questionamentos, considerados pelo entrevistado como desafiadores à posição assumida, seja em termos de pontos de vista ou em relação ao seu papel como representante do governo ou de partidos políticos ligados ao governo. Esta estratégia de fuga de perguntas sobre temas polêmicos fortalece a disputa de pontos de vista no decorrer da entrevista, fortalecendo o caráter híbrido da atividade.

A suposição de que a característica híbrida da atividade permite que diversos papéis sejam negociados entre os participantes é confirmada com os resultados da análise, em que os papéis sociais manifestados pelos entrevistados e os papéis de atividade desempenhados pelos

entrevistadores, atuam em uma movimentação constante na interação, apresentando-se de forma dinâmica e muitas vezes proposital na escolha do papel manifestado, para a defesa de pontos de vista.

Nesta dinamicidade de papéis, o entrevistado reivindica, refuta ou legitima papéis sociais e/ou posições que lhe permitam defender seu ponto de vista ou mitigar uma ameaça a essa defesa. O ex-Ministro José Dirceu, por exemplo, reivindica a posição de inocente no papel de político cassado, refuta o papel de lobista e legitima o papel de membro da direção nacional do Partido dos Trabalhadores. Dirceu refuta todos os papéis e posições atribuídas a ele que ferem essa posição de inocente que ele manifesta. De forma semelhante, o Ministro José Gomes Temporão recorre ao papel de pai e católico para mitigar a posição que lhe é cobrada como o representante do governo que defende a descriminalização do aborto.

Portanto, os papéis sociais manifestados na atividade servem a metas interacionais específicas, que variam de acordo com o propósito do entrevistado e do entrevistador nas atribuições dadas. Propósito este que circunda a disputa pelos pontos de vista em negociação na atividade.

Outro resultado interessante na evidenciação dos papéis sociais é que além da iminente tensão envolvida no conjunto de papéis, como aponta a literatura sobre o assunto (MERTON, 1957, 1968; SARANGI, 2010, 2011a, 2011b), os múltiplos papéis também podem ser fonte de conflito em sua manifestação na atividade.

O conjunto de papéis entra em conflito quando certas ações de um papel associado a esse conjunto podem ser realizadas, enquanto outras não são possíveis. No caso de José Dirceu, atuar na campanha eleitoral como membro de partido é possível na posição de cassado do papel de político, mas ocupar um cargo no governo não é possível nesta posição. Nos papéis associados aos múltiplos papéis, a tensão é visível, quando, por exemplo, o desempenho dos papéis de lobista e/ou consultor entram em conflito com os papéis de ministro e/ou ex-ministro, pois a estes papéis é atribuído o conhecimento de informações privilegiadas, o que impede a atuação como consultor e/ou lobista.

A manifestação conflituosa dos múltiplos papéis possui duas funções nos dados: (1) é usada como estratégia argumentativa de defesa, através da confrontação de pontos de vista entre entrevistadores e entrevistados, como no exemplo citado acima entre ser lobista ou consultor; e (2) usada como estratégia de evasão a perguntas desafiadoras, circundadas por temas controversos. Nessa função, o entrevistado responde a partir de outro papel, o qual não foi o atribuído na pergunta, com o objetivo de evadir-se de uma pergunta difícil de ser respondida no papel atribuído. José Gomes Temporão, por exemplo, responde à pergunta

sobre o aborto (subseção 4.2.1, excerto (7)), nos papéis de pai e católico, em vez do papel de Ministro da Saúde, ao qual a pergunta foi realizada. Esses múltiplos papéis, então, são utilizados em uma movimentação de trocas de papel em prol dos argumentos dos participantes envolvidos na atividade.

Na análise dos papéis de atividade, quatro papéis foram identificados, além do papel do entrevistado: o entrevistador, o debatedor, o mediador e o apresentador. Os papéis de entrevistador e debatedor dão o teor híbrido da atividade, pois se movimentam dinamicamente na interação. Os papéis de mediador e apresentador são desempenhados por apenas um participante em cada programa e desempenham papéis discursivos mais hierárquicos no encontro, se comparados com os dois primeiros – entrevistador e debatedor – em uma relação assimétrica de poder, em que seus comandos orientam os outros participantes. Além disso, o papel de apresentador é o que estabelece uma relação direta com o telespectador, através de papéis discursivos como apresentar o tema e o entrevistado, encerrar o bloco, dar boas-vindas e despedir-se.

O último resultado que destaco da análise é o papel que desempenha o telespectador na atividade, orientando a conduta dos participantes. Este papel é visualizado em três situações: quando o entrevistado reconhece a presença do telespectador mitigando as ações dos papéis/posicionamentos atribuídos a ele; quando o apresentador endereça sua fala ao telespectador, no olhar da câmera; e quando ele é transportado à atividade, atuando no papel de entrevistador, realizando perguntas que são lidas pelo apresentador. Com esta atuação, posso ratificar que o telespectador é o alvo da atividade, por ser associada ao gênero televisivo, e também é coparticipativo dela, sendo capaz de assumir papeis de atividade, ainda que na voz de outro.

Apresento a seguir um resumo das categorias de papel e posições associadas, encontradas nos dados, em quadros sinópticos, por entrevista, que dá mostras da análise aqui realizada:

5.1. Quadros sinópticos: entrevista Paulo Renato Souza

Nessa seção e nas duas que se seguem (5.2 e 5.3) apresento em quadros sinópticos os papéis sociais dos entrevistados e as posições associadas a esses papéis, manifestados no curso das interações analisadas. O último quadro da seção é dedicado aos papéis de atividade e discursivos desempenhados pelos entrevistadores nos encontros observados.

Os dois quadros abaixo retratam os papéis sociais que o Ministro Paulo Renato Souza reivindica no encontro e aqueles que são atribuídos a ele pelos entrevistadores[27], sendo refutados e/ou legitimados:

Papel social do entrevistado:

Quadro 1: papéis reivindicados

REIVINDICADO
Ministro da Educação
Economista
Reitor
Secretário da Educação de SP
Professor

Quadro 2: papéis atribuídos

ATRIBUÍDO	REFUTADO	LEGITIMADO
Ministro da Educação	Não	Sim
Economista	Não	Sim

Dos cinco papéis reivindicados pelo Ministro, apenas dois são mencionados pelos entrevistadores e legitimados pelo entrevistado. Os papéis de Reitor, Secretário da Educação de São Paulo e professor são manifestados por Paulo Renato como estratégia de defesa de seus argumentos de valorização da Educação no país.

[27] Considero aqui a relação entrevistador-entrevistado, não considerando os outros papéis de atividade que este entrevistador desempenha nos dados. Esta consideração é aplicada ao último quadro.

Quadro 3: posições associadas ao papel social do entrevistado

PAPEL SOCIAL	AUTOPOSICIONAMENTOS	POSICIONAMENTOS ATRIBUÍDOS
Ministro da Educação	Participante de um governo que investe na Educação do Ensino Fundamental, Médio e Superior Inovador na criação de programas bem sucedidos como o PROVÃO e o FUNDEF Atuação do Ministério na busca pela produtividade universitária Investimento na formação do professor	Atribuição de atuação inovadora no Ministério em relação ao Ensino Fundamental Falha do Ministério em prover uma política educacional para jovens evitando o desemprego Falha em lidar com a Universidade Falha do governo em não dar conta das fraudes em programas como o FUNDEF Falta uma política pública para o incentivo do magistério
Economista	A análise quantitativa sobre as necessidades e ganhos da Educação é importante para um melhor investimento e direcionamento das propostas	A atribuição de números se torna mais importante que a qualidade do ensino (“mais doutores que melhores doutores”) A questão financeira impede a melhoria do ensino, em termos de recursos destinados.
Reitor da UNICAMP	Administrador da melhor universidade no país Dificuldade em lidar com a autonomia universitária	/
Secretário da Educação de SP	/	/
Professor	Conhecedor da dinâmica da sala de aula da universidade e portanto apto a lidar com ela	/

No quadro acima, apresento as posições associadas ao papel social do entrevistado. Essas posições são manifestadas em autoposicionamentos e em posicionamentos atribuídos ao Ministro. Note como nos dois papéis que coincidem como reivindicados e atribuídos – Ministro da Educação e Economista – pelos participantes, os autoposicionamentos se apresentam como favoráveis ao Ministério e ao próprio Ministro, como aquele que é inovador na criação de programas bem sucedidos, enquanto os posicionamentos atribuídos são referentes às falhas do Ministério, com exceção do primeiro posicionamento: atribuição de atuação inovadora no Ministério em relação ao Ensino Fundamental. Ainda assim, esta

atribuição favorável é uma estratégia de contraposição de pontos de vista: no Ensino Fundamental é inovador e no Ensino Médio e Superior?

No quadro abaixo é apresentado os papéis de atividade dos entrevistadores e seus papéis discursivos desempenhados na interação:

Quadro 4: papel de atividade/ papel discursivo dos entrevistadores

PARTICIPANTES	PAPEL DE ATIVIDADE	PAPEL DISCURSIVO
Mônica Teixeira	Apresentadora	Apresenta o entrevistado Apresenta os temas centrais da entrevista, situando o telespectador sobre o andamento do programa Saúda e se despede do telespectador e dos participantes da mesa Comunica ao telespectador o encerramento e início dos blocos
	Mediadora	Controla o tempo de cada bloco, encerrando-os quando chega ao fim Interrompe turno para encerrar bloco
	Entrevistadora	Introduz temas da agenda tópica Realiza perguntas
	Debatedora	Argumenta, discordando de pontos de vista Interrompe turnos para argumentação
Fernando Rosseti André Laos Marcos Antônio Brasilis Salles Junior Guiomar Mello Gilberto Nascimento	Entrevistador	Introduz temas da agenda tópica Realiza perguntas
	Debatedor	Argumenta, discordando de pontos de vista Interrompe turnos para argumentação

A participante Mônica Teixeira é quem atua em quatro papéis de atividade: apresentadora, mediadora, entrevistadora e debatedora. É interessante notar que os papéis de entrevistador e debatedor não possuem diferenças em seus papéis discursivos, ao comparar a apresentadora Mônica Teixeira e os outros participantes.

5.2. Quadros sinópticos: entrevista José Gomes Temporão

O quadro abaixo apresenta seis papéis reivindicados pelo Ministro José Gomes Temporão no curso da interação. Desses seis papéis, apenas os papéis de Ministro da Saúde e médico sanitarista são atribuídos pelos entrevistadores:

Papel social do entrevistado:

Quadro 5: papéis reivindicados

REIVINDICADO
Ministro da Saúde
Médico Sanitarista
Pai
Católico
Cidadão
Professor da Fiocruz

Quadro 6: papéis atribuídos

ATRIBUÍDO	REFUTADO	LEGITIMADO
Ministro da Saúde	Não	Sim
Médico Sanitarista	Não	Sim

O quadro a seguir expõe os autoposicionamentos e os posicionamentos atribuídos, associados a esses papéis sociais:

Quadro 7: posições associadas ao papel social do entrevistado

PAPEL SOCIAL	AUTOPOSICIONAMENTOS	POSICIONAMENTOS ATRIBUÍDOS
Ministro da Saúde	Atuante na luta contra a Dengue Compromissado com a escolha do Ministério: capacidade técnica dos funcionários Defensor da abertura do debate sobre a descriminalização/ legalização do aborto Conhecedor das dificuldades que ainda precisa superar a política da saúde brasileira	Atuação incompetente do Ministério na prevenção das questões reprodutivas, como controle de natalidade, aborto e fiscalização. Falha do Ministério em prover uma política de saúde pública Atribuição de um governo que não assume seus erros

Médico Sanitarista	Visão privilegiada da saúde pública brasileira	Conhecedor das doenças que afetam as questões da saúde brasileira e de seu desenvolvimento Cobrança de uma postura mais eficaz no governo por exercer esse papel
Pai	Defensor da preservação da vida	/
Católico	Defensor da preservação da vida	/
Cidadão	Defensor da abertura do debate sobre a descriminalização/ legalização do aborto	/
Professor da Fiocruz	Conhecedor do Ministério da Saúde (afirma que este papel o levou até o Ministério)	/

De forma semelhante ao que ocorre na entrevista com o Ministro da Educação, as posições associadas ao papel de Ministro da Saúde, no quadro (7) acima, se apresentam em oposição, em relação ao que é autoposicionado e ao que é atribuído: os autoposicionamentos são favoráveis ao governo, enquanto as posições atribuídas apontam erros em cumprir determinadas ações governamentais.

Quadro 8: papel de atividade/ papel discursivo dos entrevistadores

PARTICIPANTES	PAPEL DE ATIVIDADE	PAPEL DISCURSIVO
Paulo Markun	Apresentador	Apresenta o entrevistado Apresenta os temas centrais da entrevista, situando o telespectador sobre o andamento do programa Saúda e se despede do telespectador e dos participantes da mesa Comunica ao telespectador o encerramento e início dos blocos
	Mediador	Controla o tempo de cada bloco, encerrando-os quando chega ao fim Interrompe turno para corrigir informações/ fatos apresentados pelos outros entrevistadores Interrompe turno para cobrar resposta

		do entrevistado
	Entrevistador	Introduz temas da agenda tópica Realiza perguntas
	Debatedor	Argumenta, discordando de pontos de vista
Cristiane Segatto Demétrio Weber Alexandre Machado Reinaldo Azevedo Laura Greenhalgh Laura Capriglione	Entrevistador	Introduz temas da agenda tópica Realiza perguntas
	Debatedor	Argumenta, discordando de pontos de vista Interrompe turnos para argumentação

As ações discursivas que circundam os papéis de atividade e discursivos retratados no quadro (8) são similares nas três entrevistas dos dados. Cabe, por exemplo, ao apresentador apresentar o entrevistado, assim como cabe ao entrevistador realizar perguntas. Contudo, nesta entrevista, o papel do mediador interrompe turnos para corrigir informações/ fatos apresentados e cobrar respostas do entrevistado. Estes papéis discursivos são diferenciais na comparação com os outros papéis de mediador que exercem os outros dois participantes nas outras entrevistas que compõem o corpus.

5.3. Quadros sinópticos: entrevista José Dirceu

A quantidade de papéis sociais reivindicados e atribuídos na entrevista com o ex-Ministro José Dirceu é maior que a manifestação desses papéis nas outras entrevistas do corpus.

Papel social do entrevistado:

Quadro 9: papéis reivindicados

REIVINDICADO
Ex-Ministro da Casa Civil
Ministro da Casa Civil
Deputado Estadual
Dirigente do PT
Presidente de Centro Acadêmico
Deputado Federal

Cidadão Consultor Advogado

Quadro 10: papéis atribuídos

ATRIBUÍDO	REFUTADO	LEGITIMADO
Ex-Ministro da Casa Civil	Não	Sim
Ministro da Casa Civil	Não	Sim
Eleitor	Não	Não
Membro do PT	Não	Sim
Lobista	Sim	Não
Consultor	Não	Sim

Alguns papéis sociais reivindicados no quadro (9), como Deputado Federal e cidadão, não são mencionados pelos entrevistadores. De forma semelhante, nem todo papel atribuído no quadro (10) é reivindicado pelo entrevistado. O papel atribuído de lobista é refutado por José Dirceu e o papel de eleitor é ignorado pelo ex-Ministro, não o refutando e nem o legitimando.

Quadro 11: posições associadas ao papel social do entrevistado

PAPEL SOCIAL	AUTOPOSICIONAMENTOS	POSICIONAMENTOS ATRIBUÍDOS
Ex-Ministro da Casa Civil	Cassado injustamente Inocente	Influente Participativo das decisões de governo
Ministro da Casa Civil	Cassado injustamente Inocente	Conhecedor das negociações de governo Responsável pelas articulações políticas Envolvimento no esquema de corrupção Decisivo nas ações do governo
Deputado Estadual	Atuante na vida política do país	/
Deputado Federal	Atuante na vida política do país	/

Dirigente do PT	Defensor das propostas do PT Defensor de Dilma na eleição presidencial	/
Membro do PT	Atuante na campanha presidencial de Dilma	Influente Polêmico
Presidente Centro Acadêmico	Atuante na luta política contra a ditadura Experiência na política, com início de carreira ainda jovem	/
Eleitor	/	O eleitor mais importante eleitor de Dilma Influência
Cidadão	Apresenta-se como alguém sem influência, uma pessoa comum	/
Consultor	Preserva os clientes confidenciais	Tráfico de influência
Lobista	/	Tráfico de influência
Advogado	/	/

De forma semelhante às outras entrevistas do corpus, os autoposicionamentos se apresentam como favoráveis à pessoa de José Dirceu, em seus diversos papéis sociais manifestados. Já os posicionamentos atribuídos se mostram em oposição a essa apresentação favorável, inclusive a posição de influente não é vista como algo positivo ao papel reivindicado pelo entrevistado.

O quadro (12) a seguir apresenta os papéis de atividade e discursivos manifestados nesta entrevista:

Quadro 12: papel de atividade/ papel discursivo dos entrevistadores

PARTICIPANTES	PAPEL DE ATIVIDADE	PAPEL DISCURSIVO
Marília Gabriela	Apresentadora	Apresenta o entrevistado Apresenta os temas centrais da entrevista, situando o telespectador sobre o andamento do programa Saúda e se despede do telespectador e dos participantes da mesa Comunica ao telespectador o

		encerramento e início dos blocos
	Mediadora	Controla o tempo de cada bloco, encerrando-os quando chega ao fim Interrompe turno para encerrar o bloco Interrompe turnos para alocar o turno a outro participante Interrompe turnos para organizar a discussão, quando todos falam ao mesmo tempo Cobra a pergunta do entrevistado quando este usa o turno com uma longa sustentação
	Entrevistadora	Introduz temas da agenda tópica Realiza perguntas
	Debatedora	Argumenta, discordando de pontos de vista Interrompe turnos para argumentação Introduz tema da agenda tópica como contraposição de fatos e, por conseguinte, de pontos de vista
Augusto Nunes Paulo Moreira Leite Guilherme Fiuza Sergio Liro	Entrevistador	Introduz temas da agenda tópica Realiza perguntas
	Debatedor	Argumenta, discordando de pontos de vista Interrompe turnos para argumentação Introduz tema da agenda tópica como contraposição de fatos e, por conseguinte, de pontos de vista

Os quadros sinópticos apresentados nesta seção, além de resumir as categorias de papel e suas posições associadas, analisadas neste estudo, evidenciam também que há uma estratégia interacional dos participantes que reflete nas atribuições de posições e nos autoposicionamentos realizados. Todos os entrevistados se posicionaram positivamente em relação ao desempenho de seus papéis sociais tornados relevantes. Já os entrevistadores contestaram esse posicionamento, posicionando-os (entrevistados) em posições nem sempre

favoráveis ao papel reivindicado. Essa contestação reforça a situação de disputa por pontos de vista que perpassa esse formato híbrido de entrevista-debate. A dinamicidade interacional de papéis e posições corrobora a esta caracterização da atividade aqui analisada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto para esta investigação era examinar como as atribuições e reivindicações de papéis e posições são negociadas interacionalmente pelos participantes de uma atividade híbrida, a qual rotulei uma entrevista-debate, recuperando o termo de Emmertsen (2007). Buscando responder às perguntas de pesquisa, centradas na relação entre papéis, posicionamentos e tipo de atividade, a análise dos dados evidenciou que essa relação possui uma natureza interdependente que é coconstruída interacionalmente.

Com dois padrões interacionais atuando concomitantemente na interação, a atividade se apresenta com um formato híbrido, no qual sequências de pares de pergunta-resposta são intercaladas com as sequências de apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista.

Nos estudos realizados no campo das entrevistas de notícias (HERITAGE, 1985; CLAYMAN, 1988, 1992, 2010; EMMERTSEN, 2007; EKSTRÖM e LUNDELL, 2009), o hibridismo de atividade é identificado em *painéis de entrevistas*, em que dois ou mais entrevistados disputam seus pontos de vista mediados por um entrevistador, que se utiliza de perguntas desafiadoras para fazer com que as ideias entre os entrevistados se contraponham, permanecendo o entrevistador como o mediador, e não como alguém que disputa tais ideias. Nos dados desta tese, os entrevistadores participam da disputa de pontos de vista. São eles quem contrapõe as ideias e questionam o entrevistado, valendo-se da assimetria de papéis – entrevistador/ entrevistado – para atingir a meta interacional proposta.

Nos questionamentos dos entrevistadores, os papéis de entrevistador e debatedor atuam em conjunto, uma vez que a própria pergunta tende a ser desafiadora e instigadora da discussão em andamento. Atestei este fato com o levantamento dos tipos de pergunta, em que o número de perguntas do tipo D (desafiadoras) e do tipo M (mistas, que possuem também o desafio em sua constituição) equivale a quase 90% do total de perguntas. Logo, posso concluir que perguntas que apenas requerem informação, seguindo o formato tradicional de uma entrevista que possui a meta da coleta de informações, são escassas nos dados, não sendo a meta interacional da atividade.

Um ponto que se relaciona aos papéis discursivos dos entrevistadores-debatedores é o fato da não existência de uma estrutura previsível da organização da atividade, isto é, a entrevista não se inicia no formato pergunta-resposta para chegar ao debate. A atividade já se inicia no formato híbrido, em que perguntas tendem a ser desafiadoras e respostas tendem a ocupar turnos de defesa de ponto de vista. Essa ausência de uma estrutura fixa é um ponto

diferencial na análise de dados, pois os estudos das atividades híbridas nas entrevistas de notícias, geralmente, apresentam uma ordem fixa desses dois padrões interacionais, em que as trocas de informações precedem o debate, que é desenvolvido ao longo do encontro.

Outro ponto que se associa aos papéis de atividade se refere à relação entre as perguntas desafiadoras e a alternância entre os papéis de entrevistador e debatedor. A análise mostra que o papel de atividade do debatedor é colocado em evidência, geralmente, após a produção de respostas julgadas como não satisfatórias pelos entrevistadores, ou quando emergem temas controversos que podem criar, para o entrevistado, algum tipo de dificuldade em formular sua resposta. De forma inversa, as perguntas do tipo I (informacional) são realizadas no papel de entrevistador - não há evidência da manifestação do papel de debatedor em perguntas deste tipo - e tendem a ser respondidas diretamente pelo entrevistado, sem dificuldades em posicionar-se. Portanto, posso afirmar que há uma relação intrínseca entre os papéis de atividade e os tipos de pergunta. Os papéis se movimentam interacionalmente de acordo com o tipo de pergunta que é realizado e, *vice-versa*, as perguntas geram a mudança interacional dos papéis desempenhados.

Um tema que se mostrou relevante na análise, embora não fosse o foco principal, foi a prática discursiva da evasão. Evadir-se de uma resposta tem como propósito, principalmente no campo político (BAVELAS ET AL., 2008; COSTA, 2010), a fuga de uma cobrança de ponto de vista que pode comprometer o papel social do entrevistado, tornado relevante na interação. Nos dados de análise, este mesmo propósito foi observado: os entrevistados se evadem de perguntas comprometedoras ao seu papel de Ministro e/ou ex-Ministro. Porém, esta prática discursiva é associada nos dados, ao desempenho dos múltiplos papéis do entrevistado. Diante de uma pergunta comprometedora, o entrevistado escolhe responder posicionando-se em outro papel, a partir do qual, tal resposta pode ser enquadrada como menos ameaçadora. Ocorre uma troca de papel proposital, dentre os múltiplos papéis do entrevistado. Ele é questionado a partir de um papel, mas responde, evadindo-se, a partir de outro papel. Esse é o caso, por exemplo, do Ministro José Gomes Temporão que se evade de todas as perguntas que lhe cobram diretamente sua opinião sobre a prática do aborto. Na realização dessa não resposta, o Ministro se apresenta em outros papéis como pai e católico, uma vez que nestes papéis, a possibilidade de seu ponto de vista ser menos ameaçador é muito maior que no papel de representante do governo, como Ministro da Saúde.

Esse ponto de análise é enriquecedor não só aos estudos sobre a prática discursiva da evasão como também às questões que envolvem a diferenciação entre os múltiplos papéis e o conjunto de papéis. Os dados mostram que os múltiplos papéis podem se apresentar tão

conflituosos na interação quanto o conjunto de papéis, este já definido na literatura como passíveis de apresentar "tensão e conflito" (MERTON, 1957; SARANGI, 2010, 2011a, 2011b). A manifestação dos múltiplos papéis se apresenta conflituosa tanto na prática evasiva de resposta, que gera perguntas desafiadoras na sequência, como já mencionado acima, como também na disputa que se segue nos turnos a partir do uso de distintos papéis, dentre os múltiplos papéis do entrevistado, em uma estratégia de confrontação de pontos de vista. Esta estratégia é utilizada tanto pelo entrevistador quanto pelo entrevistado, isto é, o entrevistado responde, quando lhe convém, a partir de outro papel social, e o entrevistador pergunta a um papel que não seria o principal manifestado naquele momento da interação. Posso exemplificar com o Ministro Paulo Renato Souza, que, em três momentos da entrevista, o seu papel social de economista é posto em evidência – uma por ele e duas vezes pelos entrevistadores – confrontando o ponto de vista de que há uma avaliação quantitativa da educação e não qualitativa, por parte do governo.

A manifestação dos múltiplos papéis ocorre dinamicamente e atua na construção/ definição da atividade analisada, pois é usada como recurso de fuga a temas polêmicos e na confrontação de pontos de vista, ambos aspectos que dão o teor de disputa à interação, caracterizando-a hibridamente como uma entrevista-debate. Posso, então, ratificar minha conclusão anterior de que há de fato uma relação intrínseca entre a definição da atividade e os papéis manifestados na interação, sejam papéis de atividade, discursivos ou sociais. Esses papéis, associados às posições reivindicadas e/ou assumidas, constroem o aspecto híbrido desta atividade.

Esta conclusão da análise vem responder às perguntas de pesquisa propostas no capítulo introdutório desta tese, as quais reapresento a seguir:

i. De que modo o tipo de atividade restringe e orienta os papéis e posições que emergem na interação?

ii. Como as reivindicações e atribuições de papéis e posições são coconstruídas/negociadas no curso da atividade analisada?

iii. Que recursos linguístico-discursivos e padrões interacionais caracterizam o tipo de atividade analisada?

Os papéis e as posições são negociados na entrevista-debate através de distintas realizações linguístico-discursivas, que envolvem as práticas discursivas de evasão, as manifestações dos múltiplos papéis e conjunto de papéis, a defesa de pontos de vista como estratégia argumentativa de debate, os diferentes tipos de perguntas – informacional, desafiador e mista - que servem a metas interacionais distintas e os dois padrões interacionais – pergunta/resposta e apresentação de ponto de vista/contestação do ponto de vista - que atuam concomitante na interação, caracterizando-a.

Todas essas realizações linguístico-discursivas formatam o tipo de atividade estudado. Deve-se levar em consideração ainda, a participação do telespectador na constituição desta atividade, uma vez que é vinculada ao gênero televisivo. Como afirma Duranti (1986, p. 243), "dar à audiência a coautoria da interação, é ter a consciência de uma relação estabelecida em parceria, a qual é necessária para que a interação se sustente". O telespectador, nos dados, não atua apenas como o alvo da interação; atua também como um participante ativo, desempenhando o papel de entrevistador no momento em que sua pergunta, feita on-line ou por telefone, é transportada ao discurso do entrevistador, presente na atividade, como se o telespectador estivesse diante do entrevistado em uma forma *onipresente*[28].

Esta onipresença do telespectador ocorre de uma forma bidirecional nos dados: ao mesmo tempo em que ele é o alvo do encontro, no sentido de recebedor da mensagem, ele também orienta e restringe as escolhas de posicionamentos e papéis tornados relevantes, em um processo de coconstrução do discurso. Essa função bidirecional se deve principalmente à influência e relevância da mídia na sociedade, sendo formadora de opinião e capaz de avaliar/ julgar essas opiniões constantemente.

Essa relação entre a atividade e o telespectador não foi o foco desta tese, porém sugiro, para pesquisas futuras, que essa relação seja melhor estudada para que possa contribuir com os estudos sobre a dinamicidade de papéis e posições, principalmente no que tange ao papel de atividade, que segundo Sarangi (2011a), ainda precisa de uma "calibração" (p.9).

[28] Este termo é uma referência aos estudos religiosos, em que Deus é considerado onipresente, isto é, presente em todos os momentos.

REFERÊNCIAS

ALLWINN, Sabine. Seeking information: contextual influences on question formulation. **Journal of language and social psychology**. v.10, n.3, p.169-183, 1991.

ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John. **Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1984.

BAUMAN, R; SCHERZER, J. **Explorations in the Ethnography of Speaking**. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

BAVELAS, Janet *et al.* Political Equivocation: A Situational Explanation. **Journal of Language and Social Psychology**, p. 137- 145, 1988.

CLARK, Herbert. Joint Activities. In.: _____. **Using language.** Cambridge University Press. Cap. 2, p. 29-58, 1996.

CLAYMAN, Steve E. Displaying Neutrality in Television News Interviews. Special Issue: **Language, Interaction, and Social Problems**, vol. 35, nº 4, p. 474-492, 1988.

_____. Footing in the achievement of neutrality: the case of news-interview discourse. In.: DREW, Paul. HERITAGE, John. (Eds). **Talk at Work. Interaction in institutional settings.** Cambridge University Press, cap 5, p. 163-198, 1992.

_____. News Interview. **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences.** P. 10642 – 10645, 2001.

_____. Disagreements and third parties: dilemmas of neutralism in panel news interviews. **Journal of Pragmatics**, 34, 1385-1401, 2002a.

_____. Tribune of the people: maintaining the legitimacy of aggressive journalism. **Media, Culture & Society**, vol 24(2), 197-216, 2002b.

_____. Address terms in the service of other actions: The case of news interview talk. **Discourse & Communication**, 4(2), p. 161-183, 2010.

COSTA, Simone Muller**. Práticas discursivo-interacionais de "não-resposta": evadir-se ou não da pergunta em contextos institucionais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

COUPER-KULEN, E.; SELTING, M.(eds). **Studies in Interactional Linguistics**. London: J. Benjamins Publishing, 2001.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: the discursive production of selves. **Journal for the Theory of Social Behavior**, v. 20, p.43-63, 1990.

_____. Positioning and personhood. In.: HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L.V. (orgs.), **Positioning Theory: moral contexts of intentional action**. Oxford: Blackwell Publishers, p. 32-52, 1999.

DIVAN, Lilian. **Posicionamentos e categorizaçoes: mecanismos retóricos para apresentaçao/sustentaçao de pontos de vista em situaçoes de conflito.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduaçao em Linguistica - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011

DURANTI, Alessandro. The audience as co-author: An introduction. **Text an interdisciplinary journal for the study of discourse.** Ed. Alessandro Duranti e Donald Brenneis. Vol 6-3, p. 239-246, Mouton de Gruyter, 1986.

_____. **Linguistic Anthropology.** Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

DYNEL, Marta. Not hearing things – Hearer/listener categories in polylogues. **mediAzioni** 9, http://mediazioni.sitlec.unibo.it, ISSN 1974-4382, 2010

_____. Revisiting Goffman's postulates on participant statuses in verbal interaction. **Language and Linguistics Compass 5/7:** 454–465, Blackwell Publishing Ltd, 2011.

EKSTRÖM, Mats; LUNDELL, Asa Kroon. The News Interview: Diversity and hybridity in the communicative activities of broadcast news. **19th Nordic Conference for Media and Communication research**, Karlstad, Agosto, 2009.

EMMERTSEN, Sofie. Interviewers' challenging questions in British debate interviews. **Journal of Pragmatics 39,** 570–591, 2007.

ERICKSON, F. Qualitative Research Methods of Science Education. In.: FRASER, B.; TOBIN, K.G. **International Handbook of Science Education**, p.1155-1173, 1998.

GOFFMAN, Erving. **Encounters: Two Studies in the Sociology of Interaction**. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1961.

_____. **Frame Analysis.** New York: Harper e Row, 1974.

_____. Radio talk: a study of the ways of our errors. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 197–330, 1981.

_____. Footing. In.: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (org.). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso.** Porto Alegre: AGE, p. 70-97, [1979] 1998.

_____. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 13ªed, ed Vozes, Petrópolis [On The presentation of self in everyday life**.** New York: Doubleday, 1959], 2005.

GOODWIN, Charles; HERITAGE, John. Conversation Analysis. **Annual Reviews of Anthropology, 19**, p.283-307, 1990.

GUMPERZ, John J. Convenções de Contextualização. In.: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. (org.). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso.** Porto Alegre: AGE, p. 98-119, [1982] 1998.

_____. On interactional sociolinguistic method. In.: SARANGI, Srikant; ROBERTS, Celia. (eds). **Talk, Work and Institutional Order Discourse in Medical, Mediation and Management Settings.** Mouton de Gruyter, p.453-471, 1999.

HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L.V. (orgs). **Positioning Theory: moral contexts of intentional action.** Oxford: Blackwell Publishers, 1999

HARTLEY, J. Case study research. In.: CASSEL, C.; SYMON, G. (eds). **Essential guide to qualitative methods in organizational research**. London, Sage, p. 323-333, 2004.

HERITAGE, John. Analyzing news interviews: Aspects of the production of talk for an overhearing audience. In.: T. VAN DIJK (ed.) **Handbook of discourse analysis, volume 3: Discourse and Dialogue**. London: Academic Press, p. 95-117, 1985.

HESS-LÜTTICH, Ernest W.B. (Pseudo-) Argumentation in TV-Debates. **Journal of Pragmatics,** 39, 1360-1370, 2007.

HUTCHBY, Ian. **Confrontation Talk: Arguments, Asymmetries and Power on Talk Radio**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1996.

_____. 'Oh, Irony and Sequential Ambiguity in Arguments'. **Discourse and Society,** 12. p. 147–165, 2001.

_____. Non-neutrality and argument in the hybrid political interview. **Discourse Studies,** 13(3), p. 349-365, 2011.

_____; WOOFFITT, R. Talk in Institutional Settings. In.: _____. **Conversation Analysis**. Cambridge: Polity Press, 1998.

HYMES, Dell. Models of the Interaction of Language and Social Life. In.: GUMPERZ, John; _____ (eds.). **Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication**. New York: Holt, Rinehart & Winston, p.35-71, 1972.

ILIE, Cornelia. Question-response argumentation in talk shows. **Journal of Pragmatics,** 31, p. 975-999, 1999.

LANGENHOVE, L.V.; HARRÉ, R. Introducing positioning theory. In.: HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L.V. (orgs). **Positioning Theory: moral contexts of intentional action.** Oxford: Blackwell Publishers, p. 14-31, 1999.

LAUERBACH, Gerda. Political interviews as hybrid genre. **Text 24 (3)**, p. 353 – 397, 2004.

_____. Discourse representation in political interviews: The construction of identities and relations through voicing and ventriloquizing. **Journal of Pragmatics,** 38, p. 196–215, 2006.

LEVINSON, Stephen, C. Putting Linguistics on a Proper Footing: Explorations in Goffman's Concepts of Participation. In.: Paul Drew and Anthony Wootton (eds.). **Goffman: Exploring the Interaction Order.** Oxford: Polity Press, 161-227, 1988.

_____. Activity types and language. In.: P. Drew, & J. Heritage (Eds.), **Talk at** work**: Interaction in institutional settings**. Cambridge University Press, p. 66-100, [1979], 1992.

LINTON, Ralph. **The Study of Man**. New York: D. Appleton-Century, 1936.

MERTON, Robert K. The Role-Set: Problems in Sociological Theory. **The British Journal of Sociology,** Vol. 8, No. 2. (Jun), p. 106-120, 1957.

_____. **Social Theory and Social Structure.** Enlarged edition. New York: Free Press, 1968.

PACHECO, Roberta F. **O ato de Discordância em Contexto Argumentativo do Espanhol**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras/ Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

RODA VIVA. Produção: Fundação Padre Anchieta. Centro Paulista de Rádio e Tv Educativas. Acesso em http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematic for the Organization of Turn Taking for Conversation. **Language,** 50 (4), p. 696 - 735, 1974.

SARANGI, Srikant. Activity types, discourse types and interactional hybridity**:** the case of genetic counseling. In.: _____; COULTHARD, M. (eds.). **Discourse and Social Life**. London, Pearson, p.1-27, 2000.

_____. Reconfiguring Self/Identity/Status/Role: The Case of Professional Role Performance in Healthcare Encounters. **Journal of Applied Linguistics and Professional Practice.** P. 75–95, 2010.

_____. Role hybridity in professional practice. In.: _____; POLESE, V.; CALIENDO, G. (Eds.) **Genre(s) on the Move: Hybridisation and Discourse Change in Specialised Communication.** Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane (ESI), 2011a.

_____. **Hybrity Role and Facework.** Conferência ministrada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora em 23 de agosto de 2011, 2011b.

_____; SLEMBROUCK, S. **Language, Bureaucracy and Social Control**. London: Longman, 1996.

SCHEGLOFF, Emanuel A. From interview to confrontation: observations of the bush/rather encounter. **Research on Language and Social Interaction**, vol 22, p. 215-240, 1989.

_____; SACKS, Harvey. Opening Up Closings. In.: BAUGH, J; SHERZER, J (eds.). **Language in Use: Readings in Sociolinguistics**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, p. 69-99, [1973] 1984.

SCHIFFRIN, Debora. Intonation and transcription conventions. In.:_____ **Discourse markers.** Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1987.

SCHWANDT, T.A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. In.: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa – teorias e abordagens**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Bookman, 2006.

TANNEN, Debora. **Talking voices. Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. Cambridge, Cambridge University Press, p.202-203, 1989.

TOLSON, Andrew. **Media Talk: spoken discourse on TV and radio**. Edinburgh University Press, 2006.

VIEIRA, Amitza. A formulação de perguntas em entrevistas televisivas. In: **V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes**, Ouro Preto, 2002.

WEIZMAN, Elda. Shifting roles: a challenge strategy in news interviews on Israeli television. In: SCHWARZWALD, O.; SHLESINGER, Y. (Eds.), Hadassah Kantor Jubilee Book. **Ramat Gan, (Language research papers (in Hebrew)),** p. 85–95, 1996.

_____. Roles and identities in news interviews: The Israeli context. **Journal of Pragmatics**, 38, p. 154–179, 2006.

WEIZMAN, Elda. **Positioning in media dialogue: negotiating roles in the news interview**. Série Dialogue Studies. Amsterdam – Philadelphia. John Benjamins Publishing. 2008.

ANEXOS

Este anexo apresenta os segmentos dos dados que foram objetos de análise desta tese, divididos por entrevista e bloco. Em seguida, apresento os símbolos de transcrição utilizados e por último, a cópia do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFJF) aprovando a utilização dos dados.

Entrevista Paulo Renato Souza

Bloco I

120	Guiomar Melo	ministro, e:: exatamente a esse respeito, seria interessante a
121		gente perguntar um pouco- o que- que afinal de contas essa
122		reforma do ensino médio vem responder ao problema do do do
123		desemprego. Será que com a reforma do ensino vai melhorar a
124		situação ou vai continuar a mesma coisa?
125	Ministro	eu não tenho dúvida eu não tenho dúvida porque porque a reforma
126		do ensino médio procura preparar o jovem pra vida (0,5)
127		ela concentra, ela define uma concen- primeiro ela define que
128		que o ensino médio não é apenas preparação pra universidade,
129		e o objetivo do ensino médio não é transmitir conhecimento,
130		é desenvolver habilidades e competências
131		[para a pessoa aprender]
132	Guiomar Melo	[mas o senhor não acha] que assim vai aumentar a desigualdade?
133		porque vai continuar sempre uma parcela de jovens tendo acesso
134		a um ensino médio que prepara exclusivamente para o vestibular,
135		então a [universidade fica mais difícil]
136	Ministro	[não, o ensino médio, todo ele] todo o ensino médio,
137		ele vai, será único, não haverá um ensino médio para o
138		vestibular e outro não para o vestibular. o ensino médio
139		preparará para a vida para o vestibular para o mercado de
140		trabalho, para o ensino técnico enfim. para todas as opções que
141		o jovem pode e:: ter diante de si. ao terminar o ensino médio.
142		então, a idéia do Ensino Médio, a reforma do ensino médio é que
143		ela seja pelo menos em primeiro lugar, que haja uma
144		concentração de setenta e cinco por cento da carga horária nas
145		matérias que são do conteúdo nacional. e que a partir desses
146		setenta e cinco por cento cada pessoa possa escolher matérias
147		tanto na área acadêmica quanto na área profi- pré
148		profissionalizante quanto na área artística, cultural etc.
149		pra completar e com isso poder conhe- se conhecer melhor fazer
150		melhor as opções que aos quinze dezoito anos é muito difícil de
151		fazer e por isso o ensino médio procura abrir os horizontes
152		para o jovem
153	Marcos Antonio	Hoje, pelo o que o senhor tá falando ministro, realmente o
154		ensino médio não tá preparando o jovem pra vida
155	Ministro	não não. o ensino médio como nós tínhamos até dois anos atrás,
156		ele simplesmente era uma antessala da universidade. ele
157		simplesmente era uma preparação para- e:: claro, como o mercado
158		de trabalho passou a exigir maior qualificação, passaram a
159		exigir o ensino médio. mas um jovem ao sair do ensino médio e::
160		o conhecimento que ele adquiria não servia pra nada na sua vida

né? (0,5) quantos? quem de nós se lembra das fórmulas de física ou química que estudamos no ensino médio? é isso. o ensino médio tem que hoje, nós estamos vivendo um novo mundo, uma nova sociedade (0,5) nessa sociedade é preciso que as pessoas aprendam toda a vida, é preciso que as pessoas tenham a capacidade de aprender toda a vida, passou a época em que a pessoa podia estudar durante vinte ou ou vinte e cinco anos da sua vida. e com esse conhecimento viver o resto da vida. por que passou essa época? porque a tecnologia muda, a tecnologia=

Marcos Antonio: =ministro=

Ministro: =tecnologia do consumo em sociedade. o ensino médio precisa aprender a ensinar a pessoa aprender o resto da vida e além disso tem que ter outras oportunidades pra continuar aprendendo

Marcos Antonio: tá. eu concordo plenamente, é difícil discordar disso. a gente tem que estudar a vida inteira e é bom que [a gente possa]

Ministro: [mas no passado] não era necessário.

Marcos Antonio: não era. mas eu conheço- qualquer cidadão conhece pessoas que estudaram a vida inteira e não têm emprego e jovens que estão estudando e olham pra frente e veem sete vírgula cinco por cento de taxa de desemprego. não dá pra dizer apenas que o mundo passa por uma mesma crise, o brasil é o nosso país e a gente tem que encontrar soluções pro nosso país e eu não tô vendo. e:: esse discurso parece que não é o suficiente pra dizer que daqui a cinco anos vamos ser=

Ministro: =é uma condição necessária mas não suficiente. é preciso que a economia cresça.

Marcos Antonio: sim. mas no mesmo governo. certo que de fato tá fazendo uma revolução no ensino fundamental e se propõe a fazer uma revolução no ensino médio é que cria a maior taxa de desemprego da [história desse país é o mesmo governo]

Ministro: [não.não é o governo que cria essa taxa] de desemprego. nós temos- o governo- o país enfrentou uma situação de crise internacional, não é? da qual se saiu muito melhor do que se esperava eu lembro que no começo do ano passado, quando se falava das perspectivas para o ano de noventa e nove, se dizia que ia se chegar ao final do ano com uma queda na produção de mais de dez por cento, essas eram análises que não eram tão pessimistas e que ia se chegar com uma taxa de desemprego de vinte por cento. não aconteceu isso não é? fomos capazes de enfrentar a crise manter a estabilidade, tivemos [um ano difícil]

Marcos Antonio: [não aconteceu a] catástrofe

Ministro: não aconteceu a catástrofe

Marcos Antonio: mas a situação é grave

Ministro: sim, mas mas nós vivemos no mundo que passou uma crise, nós fomos objetos de um ataque especulativo na nossa moeda, nós nos defendemos e saímos muito melhor do que se esperava. agora- hoje, nós temos as condições de voltar a crescer nós temos as condições de gerar emprego. é claro que não é não é simplesmente deixar o mercado funcionar. nós temos que agir para que a economia vol- acelere seu processo de recuperação e:: pra que essa recuperação se traduza em empregos. pra isso

nós tamos investindo. o presidente definiu recentemente um programa de ciência e tecnologia né? para estimular a produção de tecnologia nacional, nós temos que buscar e:: hum. formas de estimular as empresas a exportar mais não é? nós temos o bnds °nós tamos tratando sobre isso°. enfim eu acho que é preciso tomar medidas sim. na área econômica complementares para que haja geração de empregos, sem nenhuma dúvida

Bloco II

Monica Teixeira ministro. o senhor diz que a universidade pública deve ser produtiva. qual o sentido da produtividade? é a produção para o mercado, que gera lucro ou é a produção do conhecimento?

Ministro é a produção que usa bem o recurso público, porque a universidade é pública, ela não é gratuita, alguém paga pela universidade. quem paga? (0,5)

Monica Teixeira [[o contribuinte]

Fernando Rosseti [[o conjunto da]sociedade

Ministro o contribuinte, o conjunto da sociedade. quem paga a maior parte dos impostos? os pobres, que estão sustentando a universidade. então é nossa responsabilidade sim exigir que a universidade seja o mais eficiente possível, mais do que uma universidade privada. sabe que me indigna essa coisa, >me indigna essa coisa< de achar que porque é público não pode se exigir, não pode ter [produtividade, não pode se cobrar]

Guiomar Melo [mas é essa a resistência que o senhor] enfrenta?

Ministro é isso que eu quero, isso que eu quero. que ela faça mais pesquisa pra beneficiar a população, que ela faça mais, e:: que ela tenha mais alunos, que ela não pode ter uma relação aluno professor de oito pra:: oito alunos pra:: um professor. isso é um absurdo! não existe em nenhum lugar do mundo nem nas universidades de pesquisa melhores do mundo. isso é o que nós temos que exigir. nós temos que exigir que a universidade pública receba alunos de transferência no segundo terceiro quarto ano, porque não recebe. isso- eu fui reitor, eu sei que nós temos uma resistência brutal dentro da universidade. nós temos que conseguir que:: que o aluno que- se há vaga sobrando- eu cansei de formar turma na universidade com oito, dez alunos. o fernando sabe disso, quantos alunos, quantas turmas dentro da universidade têm só dez alunos? (0,2) isso é que nós temos que exigir. mais eficácia, mais produtividade.

Monica Teixeira mas quando o senhor diz isso, quando se diz isso a respeito da universidade,a gente não corre o risco de esquecer a contribuição que a universidade pública deu ao país e tem dado? ou o senhor [acha que não deu?]

Ministro [não, não se esquece] não é? isso não se esquece porque não há dúvida que toda pesquisa no nosso país é feita dentro da universidade. nós temos contribuições importantes, eu fui reitor da unicamp eu sei do que eu estou falando (0,2) nós temos contribuições importantes, a unicamp deu na área das telecomunicações na área da engenharia a:: química, na área dos alimentos, na área da economia da tecnologia do petróleo não é, nós temos a ufrj na área do petróleo, nós temos as universidades

de viçosa rural do rio de janeiro na área da agricultura (0,2) nós temos a usp na área da::s das telecomunicações também, na área da engenharia elétrica. enfim eu acho que e:: a universidade pública brasileira tem dado uma contribuição importante, agora isso não exime- não a exime de fazer mais ainda com o recurso público que tem.

Brasilis Salles: ministro, o senhor se entusiasmou muito com a sua- com o projeto de obter continuidade redução de custos, eficiência na universidade etc. e:: vamos dizer, ajustar
((gesto com as mãos indicando aspas))
a universidade, essa eu acho que é a linguagem que tem sido o tom do ministério [desde o início]

Ministro: [não é ajustar,] não é?

Brasilis Salles: é:: mas parece ajustar.

Ministro: não é não.

Brasilis Salles: ministro parece o ministro da [fazenda da educação, mas]

Ministro: [não senhor. hhh não não]
não senhor, não não [não hhh]

Brasilis Salles: [hhh deixa] eu terminar a pergunta hhh

Ministro: não. não. tudo bem, termina aí hhh

Brasilis Salles: o que me parece é que esse tipo de linguagem é que, e:: vamos dizer, tem caracterizado muito o ministério, e:: (0,5)
mas o mais importante é que isso, no fundo, tá me dizendo que falta- parece (0,2) parece, né?
falta ao ministério um projeto positivo de uma universidade de qualidade. quer dizer, algo que inspire vamos dizer,
os núcleos de alto padrão que existe em todas
as universidades brasileiras a aderir a um projeto de qualidade. e me parece sempre que a::
tá se tentando punir o ineficiente, tentando evitar que, a:: vamos dizer, a universidade e:: que as universidades não trabalhem. eu não sou contra aqui que que não- que se cuide disso. obviamente a universidade tem que ser eficiente, etc. mas falta um projeto uma espécie de utopia educacional que permita que o ministro da educação seja o líder da mudança ao invés de ser aquele que impõe a mudança

Ministro: a:: [e::]

Monica Teixeira: [eu só] queria fazer a colocação de um telespectador aqui que fica perfeitamente cabível. é carlos verge, que pergunta "se o ministro fosse presidente da república- se o senhor fosse presidente da república convidaria um economista para o ministério da educação?"
((risos de todos))

Ministro: hhh se fosse um economista como eu convidaria, porque- bem, eu tô nessa questão da educação há muito tempo. eu fui secretário da educação em são paulo, eu fui reitor da melhor universidade brasileira do brasil[tá certo?]

Monica Teixeira: [as outras] vão ficar nervosas

218	Ministro	e agora sou ministro da educação=
219	Monica Teixeira	=foi só uma brincadeira por causa do ajuste.
220	Ministro	tá bom. vamo lá (0,2) sabe quanto aumentou o orçamento da
221		universidade pública brasileira nos últimos qua- cinco anos?
222		vinte e oito por cento não é? isso não é ajuste. nós estamos
223		agora. a:: o que o que aconteceu? as verbas hoje são dirigidas
224		com mais critério. eu fui à universidade federal de viçosa,
225		em noventa e seis inaugurar uma biblioteca (0,5)
226		dentro da biblioteca tinha um elevador panorâmico.
227		eu te pergunto pra que um elevador panorâmico na- numa
228		universidade pública? dentro da biblioteca em viçosa,
229		onde não existe nenhum panorama pra ser visto
230	Brasilis Salles	[[ninguém aqui é contra]
231	Marcos Antonio	[[é com dinheiro público?]
232	Monica Teixeira	[[mas a questão é que não é]
233	Ministro	não mas acontecia isso brasilis
234		acontecia quantos centros shoppings centers foram construídos=
235	Marcos Antonio	=[[mas tem universidade que não tem dinheiro pra °pagar luz e
236		agua também°]
237	Fernando Rosseti	=[[viçosa é a universidade que tem a maior renda, uma das
238		universidades] que têm a maior renda de o:: convênios privados
239		[de toda a natureza]
240	Ministro	[sim mas esses recur]sos são recursos que estavam sendo que
241		eram aqueles recursos que eram transferidos pra universidade e
242		eram e:: levados (0,5) que ficava a:: digamos assim a decisão
243		de fazer, não é, o critério para investimento não era um
244		critério que passava sequer pelo conselho universitário.
245		nós aumentamos a verba de custeio e investimento para a
246		universidade de cerca de 330 milhões pra 600 milhões por ano.
247		então=
248	Marcos Antonio	=ministro existe elevador panorâmico numa universidade pública,
249		também tem universidade pública que não tem dinheiro pra pagar
250		luz e água.
251	Ministro	isso é- isso [eu diria que]
252	Marcos Antonio	[quer dizer] tem a anedota e tem a tragédia
253		também
254	Ministro	eu diria que hoje é possível que ainda tenhamos alguma situação
255		como essa. mas existe muito o problema de gestão da
256		universidade não é? Porque tem universi- universidades públicas
257		que têm contas de água que são astronômicas. então a:: contas
258		de luz que são astronô- a universidade pública muitas vezes
259		está submetida à necessidade de enfrentar o pagamento de de de
260		luz e não têm recursos porque as pesquisas a: são muito
261		importantes naquela universidade mas a universidade não tem
262		recurso pra pagar a infraestrutura pra pesquisa, por isso é que
263		criamos agora- o presidente fernando henrique criou o fundo
264		para apoio institucional justamente pra acabar com esses-
265		com os problemas que existem ainda de infraestrutura dentro da
266		universidade não é? mas então, qual é o estímulo às coisas
267		positivas dentro da universidade não é? eu acho que a

gratificação de estímulo à docência cai nessa direção.
ela premia o professor

André Laos: ministro, o senhor disse que o fundef foi o grande e:: digamos a coisa mais importante que o senhor fez no ministério, e:: no entanto a imprensa diariamente seria exagero mas com uma frequência escandalosa e:: de denúncias de desvio do dinheiro do fundef- quer dizer tem muita gente com medo de que seria uma boa ideia que simplesmente não vai e:: vai, simplesmente abrir caminho pra corrupção[pra ilegalidades]

Ministro: [ela está fechando] o caminho da corrupção

André Laos: como é que o senhor vê essa crítica?

Ministro: apesar de todas as denúncias, o fundef está fechando o caminho do desvio da corrupção tá? (0,2) vamos ver por que. esse é um ponto muito importante. vou dizer claramente o seguinte (0,4) primeiro. hoje está se desviando muito menos dinheiro da educação do que se desviava >hoje está se roubando muito menos< dinheiro da educação do que se roubava. e entretanto
[há mais denúncias]

André Laos: [como? como saber?] (0,2) como economista que gosta de mostrar
[os índices- hhh]

Ministro: [agora vamos ver. Agora] eu vou ser economista=

André Laos: =então me mostra os índices oficiais.
[por que há menos-]

Ministro: [agora, eu vou ser] economista, não é? hhh

André Laos: como provar que há menos? há menos-

Ministro: vamos lá. em são paulo antes do Fundef e:: dos quinhentos sessenta e oito municípios de são paulo, apenas sessenta e oito e:: dos seiscentos e quarenta e oito municípios, apenas sessenta e oito tinham rede municipal de ensino fundamental. todos os demais tinham que gastar vinte e cinco por cento da arrecadação em educação e não tinham escola. onde é que gastavam esse dinheiro? pavimentavam a rua na frente da escola, construíam ginásio de esporte, compravam carro pro prefeito e diziam que era [transporte escolar]

Fernando Rosseti: [não. também na] creche na pré-escola.
que muitos deles fecharam
[por causa disso]

Ministro: [não. não senhor] (0,2) não fecharam- não houve fechamento de creche e pré-escola
[não. não é verdade]

Fernando Rosseti: [houve fechamento de] creches e escolas. houve sim.
o governo não tem divulgado isso muito bem ainda

Ministro: não. mas olha, e:: eu eu quero. nós reservamos pro FUNDEF quinze por cento da arrecadação dos municípios, os outros dez por cento tem que gastar em educação e eu quero que me provem que não podem fazer uma boa creche uma boa pré-escola de

447 448 448		qualidade, né? mas vamos voltar ao fundef. então, esse dinheiro que ia para outras finalidades, hoje está indo para dentro da sala de aula, não é?
449	Fernando Rosseti	ou não.
450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460	Ministro	bom.tá. porque senão o prefeito perde esse dinheiro. ele tem que gastar sessenta por cento de salário é obrigado. o fundef obriga a gastar sessenta por cento de salário. então, salário é um dinheiro que vai para o salário do professor. os salários de professores em são paulo, no estado de SP, em função do fundef aumentaram e: o piso salarial de cerca de duzentos e cinquenta reais pra mais de seiscentos reais em menos de cinco anos. no nordeste os salários aumentaram cinquenta por cento num ano, nos municípios do nordeste. então, o que que aconteceu aqui. nós temos o dinheiro está indo pra dentro da sala de aula, está deixando de ser desviado

Entrevista José Gomes Temporão

Bloco I

01 02 03 04 05 06 07 08 09 10 11 12 13 14 15	Paulo Markun	boa noite. ELE assumiu o ministério dizendo e deixando claro que compraria duas brigas, acho que comprou três (0,5) evitar interferências políticas na nomeação de auxiliares (0,2) impedir o desvio de recursos da saúde para outras áreas e terceiro,abrir um debate nacional sobre a polêmica questão do aborto (0,5)responsável por um orçamento que é quase a metade de todos os recursos do governo, ele comanda uma estrutura gigante que carrega marcas de corrupção, de prestação ruim de serviços e que tem dificuldades, não só de combater as velhas doenças como também o desafio de combater as novas (0,5) o entrevistado desta noite no roda viva é o médico josé gomes, temporão novo ministro da saúde (0,5) josé gomes temporão é um reconhecido especialista em doenças infecciosas. a formação e a carreira na administração pública pesaram na escolha de seu nome como ministro da saúde, no segundo mandato do presidente Lula (0,5) ((vídeo com apresentação do entrevistado))
58 59 67		para entrevistar o ministro da saúde josé gomes temporão, nós convidamos ((apresentação dos entrevistadores do programa)) boa noite ministro.
68	Ministro	boa noite Paulo
69 70 71 72	Paulo Markun	eu queria entender porque o senhor decidiu tomar a frente essa discussão do aborto, >que não é uma discussão fácil< (0,5) é uma forma de- digamos assim, desviar a atenção de outras questões graves da saúde brasileira?
73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83	Ministro	na realidade não fui eu que tomei a frente dessa questão foi a realidade que se impôs à nossa frente.é interessante lembrar um pouco como foi o contexto. no meu discurso de posse um dos vinte e dois pontos que eu coloquei como grandes questões de grandes desafios digamos assim. coloquei a questão da política de direitos sexuais reprodutivos. e dentro dessa política- uma política de planejamento familiar democratização de acesso aos métodos de educação e in-formação (0,5)e em uma entrevista para o jornal o dia. logo na primeira semana, dentro de uma discussão muito ampla, discuti sobre quase tudo que se pode imaginar sobre saúde pública. houve uma pergunta específica sobre esta questão

(0,2)uma repórter virou para mim e perguntou qual era a minha posição sobre o aborto e eu coloquei que a minha posição era uma posição de abrir o debate de um lado e de outro que eu queria falar como sanitarista, e que esta era uma questão de saúde pública importante que afetava de perto a saúde vida e morte de milhares de mulheres brasileiras e a partir daí o que se viu na realidade com essa minha colocação o que estava coberto com um véu, e eu diria que por certo tom de cinismo da sociedade o que aconteceu foi uma grande discussão que começou o que demonstra que a sociedade quer discutir esta questão

Paulo Markun: o senhor acha que foi positivo?

Ministro: com certeza. é sempre positivo=

Reinaldo Azevedo: =ministro, vamos então tirar o véu do cinismo. eu me desculpo primeiro pelo chapéu, por razão médica o senhor é médico há de compreender. então, vamos tirar o véu do cinismo (0,5)no debate entre o kerry e o bush na eleição dos estados unidos, naqueles debates que eles fazem uma eleitora americana perguntou a ambos (0,2) "o senhor é favorável ao aborto?". e o kerry disse (0,2) "veja bem, eu como homem público sou a favor do debate, como católico sou contra, então eu gostaria que vocês entendessem". >os estados unidos< não se tornaram uma grande nação assim. eles se tornaram uma grande nação dizendo sim ou não, inclusive na horade fazer guerra. foram perguntar para o bush e o bush disse. "<sou favorável ao aborto>". então eu faço a questão que a nação americana se fez. o senhor é favorável ao aborto?

Ministro: ninguém é favorável ao aborto. nem as mulheres que praticam eventualmente ou que foram levadas a praticá-lo

Reinaldo Azevedo: então faço rigorosamente aquela pergunta (0,2) o senhor é favorável à descriminalização do aborto?

Ministro: eu vou responder. acho que aí é que está o viés. os que não querem discutir não querem enfrentar essa questão de frente de peito aberto puxam sempre a questão do aborto, sim ou não. temos que discutir esta questão dentro da política de direitos sexuais reprodutivos de planejamento familiar, onde as pessoas possam ter acesso à informação. desde a escola que os jovens possam ter orientação sexual, que os casais possam discutir quando e em que número querem organizar a sua família que o estado provenha aos casais o acesso aos métodos contraceptivos, com regularidade tempo e hora. uma pesquisa de 2004 realizada pelo ministério da saúde mostrou que apenas 50% dos municípios brasileiros tinham- no momento da visita das unidades de saúde, pílula anticoncepcional e preservativo masculino disponíveis

Reinaldo Azevedo: mas isso é então incompetência do ministério da saúde?

Ministro: não. é do sistema. inclusive eu acho que há uma necessidade de uma mudança radical no processo de (dispensação) e de colocar à disposição da população=

Reinaldo Azevedo: =quer dizer que o senhor admite que se houver uma universalização da distribuição de pílulas anticoncepcionais e de preservativo (0,2) gratuitos para quem precisa, a questão do aborto se torna menos importante?

Ministro: eu acrescentaria informação educação e liberdade para discutir livremente as questões relativas [à sexualidade]

Reinaldo Azevedo: [junto com a in]formação, a educação, quer dizer que a questão do aborto nasce da falta de informação,da falta de uma política eficiente da saúde pública?

MInistro com certeza é um componente importante e veja (0,5) nós estamos falando de um milhão e cem mil abortos clandestinos por ano no brasil

Laura o senhor acha que a classe médica vai aderir a este debate? ((da descriminalização do aborto))

Ministro olha! (0,5) a sociedade de especialistas e as entidades que representam os médicos, se posicionaram apoiando a minha proposta. isso não quer dizer que necessariamente os 320 mil médicos brasileiros tenham na sua maioria essa posição=

Laura =o senhor está recebendo manifestações?

Ministro eu recebi manifestações de dezenas de entidades, inclusive de mulheres da ordem dos advogados do brasil (0,2) todo o conjunto de movimentos feministas, muitas entidades- fora brasília no meio da semana passada, que foi entregue ao presidente da república, de apoio.

Laura ministro, o presidente lula concorda com o senhor com relação ao plebiscito?

Ministro o presidente disse que o governo não terá uma posição enquanto governo. não vai orientar os líderes do congresso em relação a isso. vai deixar que o congresso decida e discuta. se isso vai ser resolvido debatido discutido no âmbito de uma legislação ordinária ou se o congresso nacional vai optar por fazer uma consulta pública. o governo não tomará uma posição sobre isso e o presidente colocou que o ministro da saúde está falando do seu ponto de vista, da sua perspectiva de sanitarista e especialista em saúde pública (0,2) como ministro da saúde

Demétrio Weber ainda mais agora que o papa vem aí eu acho que a posição do presidente fica muito circunscrita a esse evento. retomando a questão, que quando começa a se discutir esse assunto envolve muitas questões. sei lá se é porque o assunto é complexo mesmo ou se quer evitar tornar público uma posição clara, acaba fugindo a uma resposta direta. eu queria entender. o senhor fala que há necessidade de discutir isso no âmbito da saúde pública. ok. mas, o que o senhor tem a dizer a quem é contra o aborto? as pessoas que defendem o direito à vida. eu queria ouvir quais são os argumentos que o senhor traz além da questão da saúde pública, para se permitir que o estado faça o aborto, não só nos casos que hoje são legalizados?

Ministro eu acho que o primeiro ponto é uma evidência que choca (0,2) apesar do aborto ser um crime, ele é praticado um milhão e cem mil vezes por ano por mulheres brasileiras. significa que a legislação não dá conta da realidade. que transcende o que a lei estabeleceu não é? acho que esta é uma questão fundamental. quer dizer, como você trata situações individuais que se colocam de uma gravidez indesejada por questões que pode ir- (0,2) a gente pode discutir aqui, a noite inteira sobre questões que possam levar a uma gravidez indesejada. e essa mulher muitas vezes sozinha, eventualmente, >com o apoio do seu companheiro ou da sua família< mas eu afirmaria que na maior parte das vezes só, com uma sensação de culpa importante submete-se a um procedimento que pode levar à morte (0,2) na semana passada morreu uma jovem de trinta e dois anos em belém submetida a um aborto clandestino. esse final de semana no rio de janeiro o jornal publicou uma matéria dizendo que medicamento abortivo proibido no brasil

249		é vendido em camelôs no centro da cidade do rio de janeiro.
250		o que é isso?
251	Reinaldo Azevedo	falta de governo ministro.
252	Ministro	>não não< é a realidade batendo a nossa porta no nosso rosto.
253		então, essa é a questão que eu quero discutir. e quero que a
254		sociedade escute. agora a decisão compete ao congresso de um
255		lado, e o congresso reflete as diversas posições e tendências
256		que estão expressas na sociedade (0,2) ou o congresso vai
257		decidir por uma consulta popular.
258	Reinaldo Azevedo	mas então o senhor é favorável à descriminalização?
259	Ministro	sou favorável à discussão.
260	Reinaldo Azevedo	não ministro! (0,2) o senhor está parecendo o john kerry,
261		ele perdeu a eleição. o que não torna a sua resposta menos
262		ambígua (0,2)o senhor faz toda uma argumentação favorável à
263		descriminalização e evita dizer que é favorável à
264		descriminalização. você tem medo da opinião pública?
265	Ministro	não. é que eu acho que nesse momento não teria muito sentido
266		expressar a minha opinião enquanto cidadão (0,2) eu acho que
267		neste momento estou preocupado com o debate=
268	Reinaldo Azevedo	=eu estou perguntando ao ministro de estado, não estou
269		perguntando ao cidadão.
270	Ministro	o ministro de estado não tem posição sobre esta questão
271		neste momento.

Bloco III

166	Reinaldo Azevedo	ministro. eu sou contra a ampliação do direito ao aborto,
167		>eu acho que já deu para perceber<, e vou usar o senhor a favor
168		da minha causa. quando o senhor diz que a questão deve ser
169		centrada na educação, quando o senhor conta como é o sistema de
170		recebimento de camisinhas, de preservativos e de pílula
171		anticoncepcional, eu cheguei à conclusão que .hh de fato, há um
172		problema fundamental de gestão >que se resolvida com o tempo<,
173		a questão do aborto talvez não se coloque.e acho isso (0,2)
174		eu vou usar a sua entrevista a meu favor.
175		mas eu queria colocar uma outra coisa.
176		o que há de errado ↑nesse raciocínio >que parece meio jocoso<
177		mas eu juro que é muito sério.
178		se eu der de cara com um ninho de tartarugas e resolver fazer
179		um omelete, eu não faria isso por nojo e porque eu acho que
180		não é pra comer tartaruga.
181		mas eu seria preso, crime inafiançável, crime ambiental.
182		os caiçaras às vezes têm esse problema (0,2)
183		outro dia um sujeito foi preso porque matou um minhocuçu
184		o senhor não acha que os fetos brasileiros têm direito a pelo
185		menos a mesma lei que tem as tartarugas?
186	Ministro	eu acho que as mulheres brasileiras que estão vivas merecem o
187		direito à vida=
188	Reinaldo Azevedo	=e os fetos não?

189	Ministro	eu defendo a vida. eu tenho quatro filhos.
190		sou de formação católica. sempre defendi e sempre vou continuar
191		defendendo (0,2) eu não posso fechar os olhos para a realidade
192		que eu expus aqui.
193	Paulo Markun	ministro, eu vou fazer a pergunta de vários telespectadores que
193		eu acho que integram essa mesma questão de uma outra maneira,
194		eu diria que talvez mais competente do que a que meus colegas
195		estão tentando (0,2)
		((apresenta os telespectadores))
198		[eles] questionam o seguinte- em caso de existir plebiscito, o
199		senhor vai votar a favor ou contra o aborto?
200	Ministro	não sei! depende do debate=
201	Demétrio Weber	=mas ministro, o senhor que levantou o debate (0,2)
202		a lei já existe, o código penal de 1940 está aí,
203		diz os casos que podem e os que não podem.
204	Ministro	eu propus o debate (0,2) ou melhor, eu não propus o debate não!
205		na realidade, no começo eu respondi essa questão, isso me
206		impressiona muito. não fui eu que lancei essa questão. eu fui
207		usado na realidade, para que essa questão aparecesse. ela está
208		na cara de todo mundo. camelô no centro do rio de janeiro
209		vendendo medicamento. vende porque tem mercado (0,2)
210		as pessoas estão tomando, as mulheres estão usando, as mulheres
211		estão morrendo.
212	Reinaldo Azevedo	ministro, eu que lhe dei os parabéns duas vezes,
213		vou brigar com o senhor agora (0,2)
214		o senhor é ministro da saúde. não pode dizer, como se fosse eu,
215		>que não sou nada< sou apenas um abelhudo, que estão vendendo
216		cytotec imagino, no rio de janeiro.
217	Ministro	isso é uma questão de polícia=
218	Reinaldo Azevedo	=é questão de governo, de política pública.
219	Ministro	mas no caso específico é uma infração grave à lei!
220		polícia. as pessoas estão comprando pela internet (0,2)
221		como você controla? é outro problema.

Entrevista José Dirceu

Bloco I

01	Marília Gabriela	boa noite! no centro do roda viva de hoje claro a eleição de
02		dilma rousseff à presidência da república. .hh
03		primeira mulher eleita para governar o país, ela teve mais de
04		cinquenta e cinco milhões de votos e será nossa presidente
05		pelos próximos quatro anos .hh trouxemos esta noite ao programa
06		um de seus grandes eleitores (0.2)
07		o ex ministro da casa civil de lula jose dirceu .hh
08		ele participou da campanha de dilma agindo nos bastidores sem
09		aparecer muito, mas fazendo mui::to barulho quando aparecia
		((josé dirceu levanta as sobrancelhas))
10		dirceu continua sendo uma grande influência no pt e está aqui

↑

para analisar a vitória pra falar do futuro e pra dizer qual
será seu papel no governo dilma (0.2)
((apresentação dos entrevistadores))
pra começar. ahn:: muito obrigada pela presença ze dirceu vou
fazer um social rápido ANtes de chegar, a ao ao que importa
(0.5)você não ta prejudicado com essa entrevista hoje? não ta
de ressaca? comemorou [em]

José Dirceu: [hhh]

Marília Gabriela: brasília °ontem° ou não?

José Dirceu: não. >não to de ressaca<. comemorei, como
milhões de brasileiros=

Marília Gabriela: =não não. to perguntando daquela comemoração particular lá em
[brasília]

José Dirceu: [não,não]não comemorei em particular.[eu-]

Marília Gabriela: [mas] você foi a brasília?

José Dirceu: fui a brasi::lia. (0.2) acompanhei a votação durante o di::a
depois fui (0.2) ao comite:: participei:: vi a ministra, agora
nossa presidente eleita fazer seu pronunciamen::to. depois
(0.5)comi alguma coisa em um restaurante e fui, >que eu tinha
que acordar cedo< pra chegar em sao paulo cedo hoje

Marília Gabriela: então tá bom. então vamo lá (0,5)
OH nao adiantou na::da, estamos aí mais quatro anos (0.2)
dois meses atrás você disse essa frase num discurso,
na bahia (0.2) e hoje você pode repeti-la quantas vezes
quiser, porque ela virou verdade, ne? o pt ta ai pra (0.2) mais
quatro anos. e ontem, ao sair da cabine eleitoral, você
declarou <não devo (0.2) não posso (0.2) e não quero ter cargo>
no governo dilma (0.5) a minha pergunta é a seguinte,
você ta gostando da sombra ze dirceu?,
eu quero dizer, você prefere ser influente mas sem cargo?,
e como é que você vai nos convencer de que você
não vai participar mes::mo do governo dilma?

José Dirceu: .hh não, eu não atuo nem nos bastidores, nem nas sombras,
eu atuo abertamente e publicamente no país, aliás, sempre o
fiz,eu fui eleito a primeira vez presidente do centro acadêmico
nas ruas, com repressão bomba de gás lacrimogêneo cacetete,
cavalaria, patas de cavalaria, e depois de novo >presidente< da
ue, (0.2) da >mesma maneira< e fui eleito deputado estadual,
>três vezes federal fui candidato a governador<,
fui ministro de estados, sempre publicamente. cassado pela
câmara, <sem provas>. (0.2)
eu voltei a vida política como militante do pt, como cidadão
[eu tenho um blog-]

Marília Gabriela: [mas na campanha] da dilma, você [tava::]

José Dirceu: [eu atuei] como membro da
direção nacional eu sou membro da direção nacional do pt
e atuei como tal. eu não era membro da coordenação mas
como membro da direção eu percorri o país (0.2) .hh
defendi o nome dela desde fevereiro de dois mil e oito (0.2)
e nove perdão. percorri o país, trabalhei pras alianças,
principalmente com o pmdb, com o >psb, pc do b e pdt<,
pelos palanques estaduais, que lhe deram a vitoria, °muitos
deles° foram fundamentais. e trabalhei também pra construir os

71 discursos, as propostas, porque sou. militante do pt,
72 sou dirigente do pt, e no pt fiz esse trabalho. não tenho
73 participação (0.2) direta na coordenação e não terei no
74 governo. (0.2)como eu disse e quero repetir (0.2)
75 >não devo não quero e não posso< eu tenho primeiro que (0.2)
76 >prestar contas a justiça< já que eu estou sendo acusado no
77 supremo tribunal federal, de chefe de quadrilha
78 e de corrupção, não é pouca coisa. (0.2)
79 como eu sou inocente (0.5)
((Dirceu aponta para si, corroborando a fala de inocente))
80 e nesses anos todos (0.2) todas as investigações inquéritos
81 processos cpis que eu respondi eu fui absolvido inclusive na
82 justiça federal já fui absolvido duas vezes (0.2)na primeira e
83 na segunda instância. sofri uma devassa da receita de dezoito
84 meses. fui declarado em dia. não é pouca coisa no brasil. sofri
85 uma devassa e fui inocentado. não há nada contra mim

410 Dirceu não existia mensalão eu to dizendo. esse dinheiro não é
411 dinheiro pra comprar parlamentar (0,2) é dinheiro pra campanha
412 eleitoral (0,2) eu me recuso- >a não ser que me apresente<
413 uma prova que houve compra de deputados para votar. por que
414 que o governo precisava [comprar deputados?]

415 Augusto [então nós temos] quarenta
416 Nunes injustiçados no [supremo?]

417 Dirceu [não isso]aí- isso quem vai dizer é o supremo.
418 eu não posso dizer [se são injustiçados]

419 Guilherme [não essa questão]
420 Fiuza >as vezes eu vejo ela< um pouco mal colocada a questão
421 do mensalão porque é muito dificil a opinião pública trazer
422 simular uma corte fazer de novo esse processo.
423 o processo ta correndo, vai vir o julgamento .hh
424 o que mais me impressiona (0,2) nesse episodio (0,2)
425 é que você hoje >por exemplo< poderia ta sentado na
426 cadeira da dilma, ne? [começou]

427 Dirceu [genero]sidade tua

428 Guilherm é, não- mas o que a gente sabe é o seguinte é:: é:: começou o
429 e Fiuza governo lula você foi fundamental (0,2) na criaçao dessa
430 candidatura lula na ideia do- você as vezes é apresentado como
431 radical. mas eu nao vejo como radical ne? quer dizer na
432 verdade a guinada moderada foi conduzida por voce naquela
433 epoca. o lula tinha dificuldades dentro do pt, tinha desgaste
434 da opinião publica (0,2) era o candidato que perdia ne? você
435 ajudou o lula a tornar palatável aquela vitoria .hh com toda a
436 negociação com a equipe econômica anterior que o paloci
437 participou e você também (0,2) um momento importante da
438 transição brasileira e assume aquele governo muito forte .hh
439 ne? legítimo, renovação etc. tinha todo o respaldo popular e
440 institucional, ne? (0,2) de repente começa a acontecer um
441 negocio que você deve ter uma visão crítica >em relação a isso
442 também< porque houve de FAto ne? um um desvio, um duto que
443 você chamou de ( ) duto ne? com contratos fictícios de
444 empresas estatais que iam parar nos cofres do partido ne?
445 >quer dizer< isso aconteceu e aconteceu de maneira sistemática
446 (0,2) eu gostaria de saber é:: é:: você tinha muito poder no
447 governo inclusive

448 Marília guilherme a pergunta [por favor]
Gabriela

449 Guilherm [conselhos] condições é:: é:: passavam
450 e Fiuza por você, a minha curiosidade é a seguinte vendo esse esse
451 desvio sistemático (0,2) havia uma doutrina de que o estado
452 precisa fortalecer o partido? houve vista grossa? houve
453 distração? porque que houve um grande desvio sistemático houve
454 ne? qual a tua avaliação disso?

455 Dirceu >veja bem< talvez tudo o que você relatou explique que fui
456 sendo transformado no principal alvo (0,2) desse episodio de
457 caixa dois e porque que o outro episodio do caixa dois não tem
458 corrupção, não tem formação de quadrilha, foi desmembrado,
459 está na justiça comum:: que é a do eduardo azeredo de noventa
460 e oito. e porque que esse ganhou formação de quadrilha (0,2)
461 corrupção ativa (0,2)ficou no supremo. eu não tenho foro
462 privilegiado. (0,2) eu não era ministro nem deputado. eu tinha
463 que ta na justiça como eu JA FUI julgado >na justiça comum<
464 por enriquecimento ilícito e por >impunidade administrativa<
465 fui absolvido na primeira e segunda instancia e a decisão do
466 poder judiciário é CRItica com relação a denuncia. é só LER os
467 autos que tão no- talvez explique. eu me con-si-de-ro vítima
468 (0,2) de um processo político

680 Marília você ainda planeja pedir anistia ao congresso pra ter de volta
681 Gabriela os seus direitos políticos?

682 José não. primeiro eu vou me defender no supremo tribunal federal
683 Dirceu (0,2) isso eu to fazendo certo? e vou me defender na sociedade
684 se for necessário ate o julgamento °ne°? eu prefiro não fazê-lo
685 desde que o julgamento não seja político seja um julgamento
686 (0,2) jurídico se transformar numa luta política contra mim,
687 vou ter que me defender no país não que o supremo FAça eu digo
688 que as forças políticas de oposição queiram transformar agora
689 o meu julgamento ou no terceiro turno da eleição ou na- pra me
690 condenar por razões [políticas ne?]

691 Sergio [eu- eu- eu] queria perguntar isso
692 Liro [pra voce]

693 Marília [pera um pou]quinho só.
694 Gabriela vamos terminar esse bloco e assim que voltar você é o primeiro
695 a perguntar ta bom [sergio?]

696 Sergio [certo]
Liro

697 Marilia então terminando o primeiro bloco do roda viva com
698 Gabriela o ex-ministro jose dirceu e voltamos em seguida. até já

Bloco II

128 Augusto você disse na campanha do mário covas "eles precisam
129 Nunes apanhar [na RUA e na urna", tá gravado]

130 Ministro [não eu não disse na campanha do]
131 mário covas [nada disso]

132 Augusto [tá gravado!]

	Nunes	
133	Ministro	mas não é isso o que você está dizendo.
134		que aí o teles[pectador vai achar que-]
135	Augusto Nunes	[mas como dirceu?]
136	Ministro	estava numa assembleia de professores-
137	Augusto Nunes	quem era que vai- que deveria apanhar?
138	Ministro	de uma entidade (0,2)
139	Augusto Nunes	nós?
140	Ministro	o:: (0,2) eu usei a expressão apanhar, como posso usar outra
141		como vencer e derrotar. quando?
142		que que tem na minha vida=
143	Augusto Nunes	=apanhar tem outro significado.
144	Ministro	não. que que tem na minha vida? (0,2) eu tô quarenta anos
145		na vida pública, quarenta e cinco agora. já se foram cinco
146		anos. eu fui deputado. fui deputado federal, estadual,
147		fui ministro-
247	Marília Gabriela	OH ZÉ::: a imprensa foi durante anos acusada de ser petista.
248		de ser lulista particularmente. durante anos=
249	José Dirceu	=devia ser, devia ta tendenciosa.
250		[o pt-]
251	Marília Gabriela	[nessa] época ela era interessante então=
252	José Dirceu	=mas era denunciada. o que eu tô dizendo quando critico a
253		imprensa, é que eu to exercendo um direito que eu tenho (0,2)
254		por isso que eu fiz um blog. se eu pudesse, eu teria uma
255		televisão um rádio um jornal. eu não POSSO-
256	Marília Gabriela	mas daí a le[gislar]
257	José Dirceu	[não não]
258		não tem legislação [sobre isso]
259	Marília Gabriela	[em cima de] um clube
260		[par-ti-da-ris-mo]
261	José Dirceu	[não, não. co:mo?]
262	Paulo Moreira	você não tem um jornal?
263	José Dirceu	não. a não ser que você tenha comprado um e colocado meu nome
264		[hhh]
265	Paulo Moreira	[hhh]

Bloco III

258 Marília O:: ZÉ! você é lobista hoje! é isso?

259 Dirceu não. não sou.

260 Marília você, você faz business.

261 Dirceu °não°. não faço. faço consultoria. sou advogado.
262 porque que os outros ↑ consultores não são lobistas e eu sou?

263 Marília [[não! tá bom

264 Dirceu [[diz pra mim [°isso°]

265 Marília [não] porque é-

266 Dirceu não. é uma [coisa]

267 Marília [não é]uma profissão? existe uma profissão=

268 Dirceu =não! no brasil- lobista tem um caráter,
269 de tráfico de influências.

270 Marília bom-

271 Dirceu tem um caráter pejorativo e quase criminoso.
272 eu sou advogado e consultor!

273 Paulo tá. >eu justamente queria perguntar isso< (0,2)
274 >dirceu<, eu conheço gente que se emocionava ao sair de casa,
275 em sessenta e oito pra ver você fazer discurso no cento de são
276 paulo. muita gente que ficou feliz quando você voltou muita
277 gente que teve identificação com você da sua luta política
278 >dessas suas idéias e tudo< hoje essas pessoas, perguntam
279 assim, como é que o zé dirceu ganha a vida?

280 Dirceu trabalhando igual[você ganha]

281 Paulo [aí fica uma] coisa com[plica::da]
282 Dirceu [não! igual] você ganha

283 Paulo [[não. eu ganho

284 Dirceu [[igualzinho

285 Paulo todo mundo sabe onde eu trabalho=

286 Dirceu =e todo mundo sabe onde eu tra [balho]

287 Paulo [não não]
288 quais são os seus- as pessoas não sabem quais os seus clientes.

289 Dirceu [[não, o:: paulo moreira leite!

290 Paulo [[as pessoas não sabem

291 Dirceu o:: paulo moreira leite!

292 Paulo exatamente.

293 Dirceu você pergunta pros outros consultores quais são os clientes
294 deles?

295 Paulo não. AÍ é que tá! você não é um consultor. você tem uma
296 biografia e- de repente, a sua biografia, ela tá in- tá
297 diferente. ela tá es [tranha]

298 Dirceu [não tá] nada de diferente!
299 eu sou advogado e consultor.

300 Marília mas você é um consultor privilegiado! você tem=

301 Dirceu =quer dizer que eu não posso trabalhar pra levar
302 [investimentos brasileiros]

303 Paulo [claro que po::de trabalhar]

304 Dirceu pro exterior pro peru pra [colômbia]

305 Paulo [claro que] pode

306 Dirceu pra europa eu não posso trazer investimentos pro brasil?

307 Paulo o que as pessoas querem saber como um homem público=

308 Dirceu =como um homem público me CASSARAM me tiraram do governo
309 queriam [me banir de dentro do país]

310 Marília [mas você ainda influi]
311 mas você ainda é um homem influente nesse partido e neste poder

312 Dirceu eu sou influente? não tenho nenhuma
313 [incompatibilidade com]

314 Marília [então como você pode] fazer
315 [lobi tendo essa influência?]

316 Dirceu [eu não faço lobi! você que tá] dizendo que eu faço
317 [eu não faço lobi]

318 Marília [OH MEU DEUS], faz o QUE então?

319 Dirceu faço consultoria!

320 Marília consultoria que seja

321 Dirceu NÃO NÃO. que seja não. você sabe. vou repetir marília gabriela,
322 porque isso é grave[vou repetir]

323 Marília [não, mas eu] to falando de um lado bom

324 Dirceu lobi para o telespectador significa outra coisa

325 Marília pô, mas então você tá desmentindo isso para o telespectador

326 Dirceu além de cassado eu sou advogado. exerço minha profissão.

461 Marília Gabriela você conhece a consultoria. você tem informações privilegiadas!

462 José Dirceu não. [informações que]

463 Marília Gabriela [frequentando esse] governo, nos seus intestinos.

464 José Dirceu eu tenho informações na minha experiência de quarenta anos de
465 vida. porque eu leio, estudo trabalho, pesquiso, por isso que eu
466 tenho informações. porque eu estudei. porque eu trabalhei
467 quarenta anos. trabalhei de office-boy almoxarifado arquivista.

depois fui chefe de escritório,depois fui assessor jurídico. depois trabalhei como empresário- como pequeno empresário de confecção. depois trabalhei como=

Marília Gabriela: =eu sei zé de tudo isso.

José Dirceu: advoguei durante todo o tempo. eu tenho experiência.

Augusto Nunes: e foi sobretudo chefe da casa civil.

José Dirceu: mas não há nada que impeça que quem foi ministro-

Augusto Nunes: nada?

José Dirceu: ser consultor e advogado então, nenhum advogado que passou pelo ministério da justiça poderia advogar.

Paulo Moreira: é que você não é um ministro como os outros. essa é a questão!

Convenções de Transcrição

Convenções baseadas nos estudos de Atkinson e Heritage (1984), Schiffrin (1987) e Tannen (1989):

…	pausa não medida.
(0.5)	pausa em décimos de segundo, medida relativamente ao ritmo prosódico do segmento no qual se encontra inserida.
.	entonação descendente ou final de elocução.
?	entonação ascendente.
,	entonação de continuidade.
-	parada súbita.
=	elocuções contíguas, enunciadas sem pausa entre elas.
palavra	ênfase (parte da sílaba e/ou palavra).
MAIÚSCULA	ênfase mais forte ou fala em voz alta.
!	tom animado, não necessariamente exclamativo.
°palavra°	fala em voz baixa.
>palavra<	fala mais rápida.
<palavra>	fala mais lenta.
: ou ::	alongamentos.
[	início de sobreposição de falas.
]	final de sobreposição de falas.
[[	colchetes duplos no início do turno simultâneo.
( )	fala não compreendida.
(palavra)	fala duvidosa.
(( ))	comentário do analista: descrição de atividade não verbal.
“palavra”	fala relatada.
↑	subida de entonação (mudança de entonação).
↓	descida de entonação (mudança de entonação).
hh	aspiração (em parêntesis quando no meio de palavra).
.hh	inspiração (em parêntesis quando no meio de palavra).
hhh	riso (em parêntesis quando no meio de palavra).